

CORRE MUNDOS



TRANSFORMAÇÃO COMUNITÁRIA
PELA ART`INCLUSIVA

Obrigada por

estarem,

serem

e acreditarem

conosco!

Juntos,

sonhos de voar

tornaram-se

experiência

vivas e

inspiradoras de

vôos - outros!



CORRE MUNDOS

TRANSFORMAÇÃO COMUNITÁRIA
PELA ART INCLUSIVA

#AlmadaMundo
#arteparticipativa
#InclusãopelaArte
#Migrantes
#DiversidadeCultural
#Hibridismos
#ArteeComunidade
#PartisArtforChange
#CorreMundos

A stylized graphic of a parrot's head in profile, facing left. The head is primarily a vibrant magenta color, with a white circular eye. The beak is a lighter shade of pink. The background behind the head is a gradient of light blue and white, suggesting a sky or water. The overall design is modern and colorful.

Coordenação: Paulo Pires

Organização: Paulo Pires e Ana Castro

Coautores: Adelaide Silva, Filipa Francisco, Maria Inês, Odília Freitas

Capa e contracapa: Luís Cruz

Colaborações: Mariana Tegner, Sara Ganço, Miguel Abreu, Maria João Garcia, Giovana Pires, Aldara Bizarro, Manuela Pedroso, Fernando Chainço, José Pires, Aduilson da Conceição, Teresa Pestana, Mariana Grazina Cortez, Carlota Neves Dias de Pinho, Alexandra Lima, Madalena Mendes, Isabel Santos, Helena Gil Azinheira, Pedro Matias, António Oliveira, Maria d' Assis, Teodolinda Silveira, Laís Andrade, Catarina Gonçalves, Cláudia Vaz

Design gráfico e Paginação: Luís Cruz

Fotografia: Paulo Pires, Felix Lozano e José Frade

Revisão: Ana Castro e Ana Silva

Edição: ANIMEPAF.ORG

ISBN 978-989-33-4096-7



S u m á r i o

Viagens de um projeto pelos caminhos da sua própria história	Adelaide Silva
Nota Introdutória	Paulo Pires
Corre Mundos -TransFormação Comunitária pela Art' Inclusiva	Claúdia Vaz
A Criação Artística no Corre Mundos	
Dança motor de mudança?	
Filipa Francisco	
Hibridismos, Cidadania, Inclusão e Arte	
A floresta invisível - Arte e Natureza	Mariana Tegner
Gatinhar antes de andar	Sara Ganço
A Capacitação Social e Liderança	
Que me contas? Discursos, dinâmicas e estratégias interculturais	Miguel Abreu
Que outra Europa? Algumas notas e questões.	Miguel Abreu
Associativismo - da noção à prática	Maria João
Cidadania Ativa e Inclusão	
Giovana Pires	
A descoberta é um gatilho da transformação e da mudança	Aldara Bizarro
Metodologias de projetos comunitários	Manuela Pedroso
Projetos Comunitários. Nós Empresa com impacto Social	Paulo Pires
Financiamento de Projetos & O Estatuto dos Profissionais da Área da Cultura	Maria João
Tuntunhi – Processo de criação e construção	
Uma viagem pela música	José Grossinho
Todos participam - histórias do objeto-memória	
Tuntunhi - Radiografia de um espetáculo	
Biografias Participantes	
Primeiras reações dos participantes sobre o Tuntunhi	
Sou	Fernando Chainço
Reações e Entrevistas	
Pelas Lentes de José Frade	
Arte e Comunidade, Tuntunhi - Um percurso intercultural	Maria Inês
O universo	Fernando Chainço
Como mudar uma escada em 21 degraus...! Grafitti Comunitário.	Vasco Maio
Almada Movimentos Culturais + Inclusivos	
Rede IN - Movimento Cultural Inclusivo. Boas Práticas	
Arte e Participação por Cidades + Inclusivas	
Caminando juntos, pero no revueltos	Odília Freitas Caires
Conversas de Pé de Biblioteca. Protagonistas Invisíveis da nossa Cidade	
Mostra de curtas e Vídeo Participativo MIA Migração, Inclusão, Arte	

“Flor de Estufa” O desejo de contar histórias esteve em mim desde muito nova!

Narrativa autobiográfica no contexto migratório
Inclusiv`Arte Projetar o futuro – Mostra de projetos
“Open day” Corre Mundos, evento final

Filme Documental Corre Mundos

Do coração se parte

Radiografia de um projeto - Corre Mundos

Avaliação intermédia, uma imagem de percurso

Efeitos causais e perceções dos participantes

Avaliação e Perceções das Parcerias

Práticas artísticas e a intervenção de um assistente social

Empoderamento Feminino e Desenvolvimento Pessoal

Trabalho de proximidades em rede. Projetos e parcerias - Testemunhos e Partilhas

Contributos para o Desenvolvimento Comunitário

Estórias que Importam!

O projeto como confluência de entre-lugares.

Uma Escola Virada para o Mundo

Correr pela Cultura

Corre Mundos - motor de desenvolvimento cultural e social

Criar é dignificar o ser

Transformar Comunidades - Abrir Corações - Percorrer caminhos

TVAlmada Corre Mundos

Recomeçar é sempre ousar compreender

Almada, território da diversidade

Biografias

Rede IN + Almada Cidade Arte Inclusiva

Corre mundos somos nós

Agradecimentos

Laís Andrade
Aduilson Almeida

Adelaide Silva
José Pires
Fernando Chainço
Paulo Pires
A3S

Paulo Pires
Paulo Pires
Teresa Pestana
Giovana Pires

Mariana Grazina Cortez,
Carlota Neves Dias de Pinho
Alexandra Lima
Madalena Mendes

Isabel Santos
Helena Gil Azinheira

Pedro Matias
Libânia Nazareth
Beatriz Mota Oliveira,
Manuel Tiago Brás,
João Miguel Fernandes
António Oliveira
Maria d’ Assis
Teodolinda Silveira

Viagens de um projeto pelos caminhos da sua própria história

Adelaide Silva

No princípio era o sonho que pairava nas cabeças e no coração da equipa da Almada Mundo Associação Internacional de Educação, Formação e Inovação. Fundada em 2016 e em exercício, a partir de 24 de abril de 2017, de forma intencional e socialmente comprometida, inscreveu no seu ideário, o firme propósito de dar sentido aos caminhos de intervenção social a construir em Almada, terra de matriz multicultural, de potencial humano inesgotável e de infinitas demandas.

A equipa fundadora, constituída por professores inconformados e disponíveis para pensar, sentir e agir, procurou ser parceira e corresponsável da criação de respostas essenciais, adequadas e contextualizadas, na justa medida das necessidades, expectativas e interesses da comunidade de Almada. Pela via da escuta da realidade, da qualidade das relações humanas, escolheu dedicar-se a atividades significativas, criativas e solidárias, emancipatórias e transformadoras, pelo bem comum. Juntos a fazer e refazer a vida, numa tentativa de contribuir para um Mundo melhor. Numa permanente interrogação sobre quem somos, em reais percursos de descoberta e renovados começos, deram-se as mãos sensíveis às dores e esperanças, uns dos outros, com consciência e competência, na vontade de reencontrar, reinventar e cocriar caminhos, como comunidade. Em permanente construção, esta casa comum, procura conhecer, conhecer-se, numa permanente revelação do essencial, do que é preciso ver, fazer, praticar, entre arte e vida.

Aquele verão inesquecível de 2020 ficará associado a um tempo mágico, de caminhada humana, de conversas e encontros, de saboroso desassossego, a anunciar que era tempo de pôr em marcha sentidos e desejos, na alegria de acostar as nossas palavras às dos outros, de enraizar novas companhias, parcerias, sabedorias, num esforço acrescido de desenvolvimento organizacional, pessoal, com firmeza de alma e confiança.

Assim nasce a candidatura histórica ao programa Partis-Práticas Artísticas para a Inclusão Social. **Corre Mundos** - Transformação Comunitária pela via da Art' Inclusiva, assume - se, deste modo, como um projeto colaborativo por um movimento pró-inclusão.

O tempo era pouco, o desafio era enorme, para quem, como nós, somos e queremos Ser Almada no Mundo | Ser Mundo em Almada, por vontade.

Cientes da importância de fazer face aos desafios emergentes, de forma implicada, refletida e construtiva, confrontámos e superámos dificuldades, identificámos problemas e eventuais soluções, em estreita colaboração com os diletos parceiros, colaboradores e equipas responsáveis pela candidatura de referência. Em tempo útil fomos informados do resultado positivo, em que acreditámos. Sempre. O espanto da revelação traduziu-se em luz, responsabilidade, coragem para enfrentar as perguntas dos caminhos, dos caminhantes, no encontro real, desejado.

O projeto **Corre Mundos** fazia parte dos eleitos, tinha merecido ser escolhido para se afirmar no caminho desenhado a percorrer em Almada, ao longo de 2 anos vitais, 2020 - 2022. Um tempo memorável pela força dos acontecimentos. A pandemia COVID 19 tomou conta das nossas vidas. O mundo parou e o **Corre Mundos** fez - se à vida. Qual pássaro, levantou voo para contemplação de todos. Tímidas as asas para tantos sonhos, em devir, a desejar ser, em liberdade plena. Num tempo de esperanças.

Como contar o agora?

Entre tempos estranhos, iluminaram-se inimagináveis caminhos, desafiaram-se profundos sentidos, libertados desse eterno contentamento, acalentado, num email desejado, que tardava. A mensagem que permanece viva em nós.

Bom dia,

*É com prazer que informamos que os Conselhos de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação la Caixa, na sequência da proposta do júri do Concurso PARTIS&Art for Change, deliberaram aprovar o financiamento ao projeto **Corre Mundos** – transformação comunitária pela Art'Inclusiva; conforme candidatura nº 242124 apresentada pela Almada Mundo – Associação Internacional de Educação, Formação e Inovação. A lista completa dos 16 projetos que serão apoiados nesta 1ª edição da iniciativa Partis&Art for Change (2021-2023) encontra-se publicada na página do concurso (aqui). Brevemente voltaremos ao vosso contacto para darmos início ao processo de contratualização do apoio e agendarmos a primeira reunião conjunta com os projetos apoiados.*

Terminamos dando-vos os parabéns pelo facto da vossa proposta ter sido selecionada para apoio da PARTIS&Art for Change, parabéns estes que são extensíveis aos demais parceiros do projeto.

*Com os melhores cumprimentos,
Narcisa Costa e Hugo de Seabra*

Mensagem vital, explosão de múltiplos futuros.

Em movimento imparável, implementaram-se estratégias para o exercício do dever de cidadania ativa e participativa, em redes de parceiros e colaboradores, a nível local, nacional e internacional. Ações em marcha para sustentar o voo. Assim se elevaram por vontades, jovens e adultos, seniores, gente carente, como nós, gente do Mundo em Almada. Migrantes e autóctones, peregrinos e viajantes, obreiros da arte, do social, inspiradores. Mestres - aprendentes, pensadores - decisores, amadores – românticos, juntos, entretecendo caminhos, no modo de comunicar, projetar, mapear, aproximar,



pensar, sentir, refletir, criar, desviar, convocar, ousar processos de formação, para representação, revelação, ressurgimento (s). A vida no palco da vida. TUNTUNHI, o espetáculo cocriado, em interação, autografado nos interstícios do viver, ostenta emoções, estórias, na expressão sensível dos corpos em travessias, pontilhadas por sonoridades poéticas, éticas, humanas, comoventes. Envolventes. A poética do encontro.

Art' Inclusão em ato, sussurrada, gemida, narrada, pintada em luz - sombra, em movimentos dançantes de escrita, gritantes, desconcertantes. Um ver a ver-se. Um grito.

Agora é tempo de conceção e implementação de projetos, base comum para a transformação pessoal e social do ser a caminho de si com os outros.

Corre Mundos capacita, através da arte, o desenvolvimento pessoal, social e comunitário, de jovens e adultos, migrantes, descendentes de migrantes, autóctones, em situação de vulnerabilidade. Graças à diversidade e profusão de linguagens e abordagens artísticas e estéticas. Graças às metodologias experimentais, participadas, humanistas e colaborativas. Graças à direção franca dos não atores envolvidos. Graças ao sentido de todos quantos souberam ensinar e aprender, comunicar e escutar, contribuir e acreditar, dar e receber, inscrever-se, conscientes de si com os outros, nos caminhos a correr, no apelo de ser, de se tornar ponte para o outro, como agentes multiplicadores de transformação social. Em demanda.

Agora é tempo de " aprender a embalar a fragilidade, a dos outros e a própria, ajudar cada um a reencontrar-se com as coisas e com as memórias certas, a não desesperar, a encontrar um fio de sentido, no que está a viver, por ínfimo e trémulo que seja".

Juntos a repensar futuros. Juntos na procura de reconhecimento. Juntos na busca incessante do significado de ser, sendo. Num quadro de graça para intuirmos a possibilidade de uma relação amorosa, com o real em processo de mudança.

Em valores de empatia, criatividade, comunicação intercultural, resiliência, resolução de problemas, trabalho em equipa, sentido crítico e construtivo, por sendas de inclusão.

Muitas as expectativas, as dúvidas, os medos, os talentos, as revelações.

Profunda a partilha e ressignificação de histórias de vida. Abençoados todos os participantes, presentes, ausentes, perdidos e encontrados, a descobrir, na voracidade do tempo, porque deles emana e faz parte integrante, a força (re)nascente, dos corpos habitados, de humana gente, por dentro.

Corre Mundos simboliza a aprendizagem de si e do amor, da gratidão a partilhar, num abraço que surge, como um lugar novo e criado por tantos.

Corre Mundos simboliza o voo, a luta da humanidade pela sua emancipação, num ato de amor incondicional. Fraternal.

Corre Mundos é poesia de comunicação, em abertura ao outro, ao mundo, à vida, à humanidade, numa comunhão sublime.

Corre Mundos é ser com o outro. Condição do próprio ser.

"Ser é habitar, em criativa continuação o seu próprio inacabado e o do mundo.

No dom da partilha, da experiência, que juntos encontramos.

À beira do fim está tanta coisa que começa."

É sempre tempo ...

Juntos!

A Mística do Instante - O tempo e a promessa

José Tolentino Mendonça

Paulo Pires

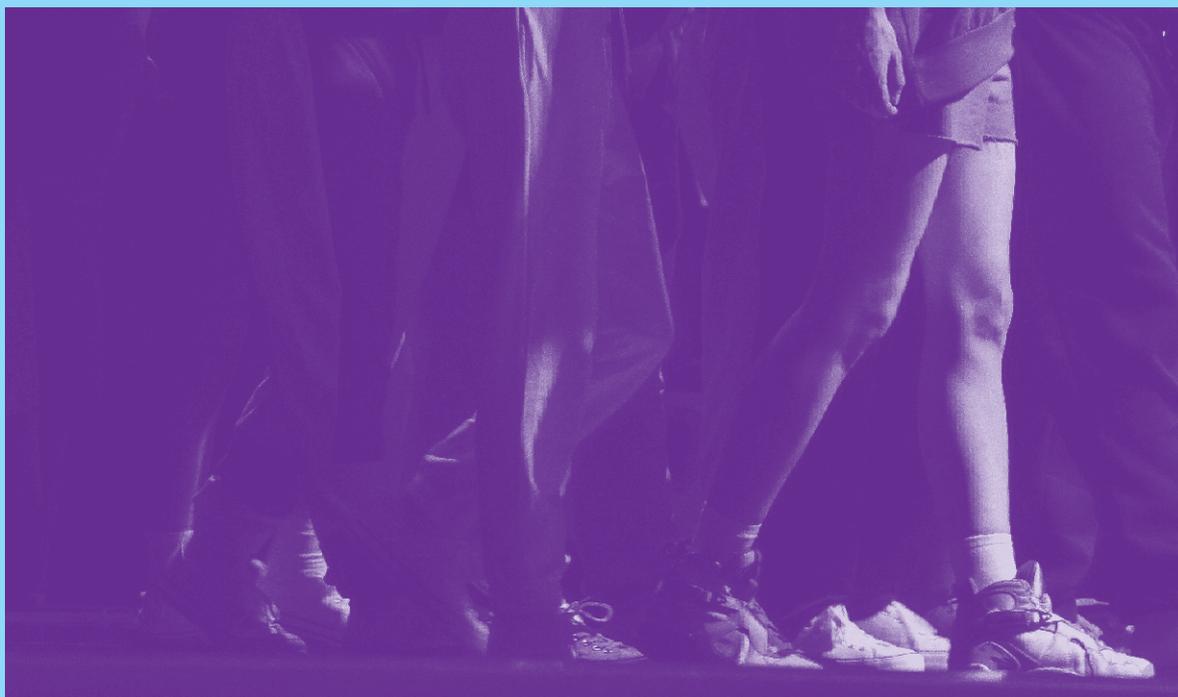
Esta publicação tem como principal objetivo apresentar o percurso efetuado, questionando-nos de como poderíamos ter feito melhor, partilhar e refletir com todas e todos os que como nós se aventuram neste mundo da transformação social e comunitária, através da inclusão e participação pela arte. A natureza informal destes textos é uma expressão da criatividade e compromisso individual e do interesse coletivo de todos quantos contribuíram e fizeram parte deste voo.

Nem tudo no projeto **Corre Mundos** atingiu aquilo que se imaginou, mas, de um modo geral, o padrão mostrou-se elevado. O processo é o mais importante, mas o espetáculo Tuntunhi, foi o tal momento “fotográfico”, que determinou o sucesso e a avaliação deste projeto artístico para a maior parte das pessoas, em particular para os participantes. Foi um momento sensível que marcou um fim e um recomeço.

Corre Mundos, é a visão de um sonho concretizado, viagem de dois anos, que aqui inscrevemos através do itinerário da sua história, uma viagem com tempestades e crises no seu percurso, feito de motivações, deslocações, ruturas e recomeços.

Esta memória que pode ser revisitada é parte importante da responsabilidade da dimensão do registo, da partilha do sensível, de uma experiência comum.

Corre Mundos, é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e sempre em processo de construção, qua a todos diz respeito, por uma sociedade e comunidade almadense mais arte inclusiva e participada.



Claúdia Vaz

Inspirado nos pássaros Corre-caminhos, espécie endémica da Madeira e Canárias, observada preferencialmente em áreas rochosas e abertas, com pouca vegetação ou vegetação rasteira.

O facto de andar e correr com frequência, só levantando voo quando se sente ameaçada, está provavelmente na origem do seu nome na Madeira. É esta a proposta de **Corre Mundos** – capacitar, através da arte, o desenvolvimento pessoal, social e comunitário de jovens migrantes ou descendentes de migrantes em situação de vulnerabilidade, de modo a que, através de uma metodologia participativa, humanista e colaborativa possam tornar-se, eles próprios, agentes multiplicadores de transformação social, que possam voar não por se sentirem ameaçados (à semelhança dos pássaros que inspiraram este projeto), mas por se sentirem plenos, levando outros, pela inspiração e pelo exemplo, a voarem consigo.

O projeto foi organizado em torno de três eixos centrais – 1. a formação nas áreas artísticas da dança, do teatro, da música e do vídeo, essenciais ao aperfeiçoamento de competências artísticas, que culminarão na criação e apresentação de um espetáculo num grande Teatro, 2. a formação na área de intervenção comunitária (estruturada em três grandes áreas: Lideranças com Impacto, Cidadania e Organizações Locais e Projetos Comunitários) e 3. a prototipagem de ações de formação artístico-sociais com impacto pessoal e social, local e global (criação de Workshops Inclusiv(A)rte, direcionados para alunos, professores e educadores).

Um aspeto inovador de **Corre Mundos** é, sem dúvida, a fluidez criada entre as várias atividades que caracterizam cada um destes três eixos – possibilitando uma transformação integrada dos participantes diretos, sujeitos que se transformam e transformam os outros.

Pretende-se que estes jovens sejam criadores dos seus próprios percursos, com ganhos na sua autoestima e capacidade de uma liderança apta a inspirar outras pessoas (em especial crianças e jovens) também em situação de vulnerabilidade.

Assim se compreende que os módulos lecionados ao longo dos dois anos de projeto (que incidem sobre as competências técnico-artísticas e cívicas, ligadas à liderança de projetos comunitários transformadores), sejam, desde o início, desenvolvidos em paralelo com atividades de educação não formal (aqui chamadas de Hibridismos Culturais), especialmente pensadas para o desenvolvimento de soft skills como a empatia, a criatividade, a comunicação intercultural, a resolução de problemas, a resiliência, o trabalho em equipa e o sentido crítico. Biblioteca Humana, Caças ao tesouro, Caminhadas socioculturais pela cidade, Quizzes, Histórias de Protagonistas Invisíveis, Conversas à Volta da Mesa, Conversas de Pé d' Biblioteca, Raides fotográficos, Ciclos criativos, são algumas das atividades imaginadas para a partilha e circulação de ideias e experiências vividas potenciadoras da e da(s) pessoa(s) humana(s). É esta a razão para que os Hibridismos Culturais tenham estado em aberto desde o início do projeto – realizamos algumas das atividades aqui descritas, incidir apenas em algumas ou mesmo integramos atividades de educação não-formal que foram trazidas pelos participantes (quer por sua iniciativa quer pelo seu potencial percebido).

Corre Mundos é, assim, um projeto Human-centered design – colaborativo e participativo, criado para e com estes participantes, desta e com esta cidade. Há, certamente, todo um conteúdo técnico

que consideramos essencial à sua capacitação (visível na formação pensada), mas a apreensão, utilização, execução e sustentabilidade do mesmo (no sentido da sua “capacidade multiplicadora”) está sempre dependente do potencial dos atores-autores.

É também um projeto desenvolvido com a lente da Teoria da Mudança Social – questões como mudança, impacto das iniciativas socio-artísticas (quais são e como estas ajudarão a alcançar o propósito e o objetivo central do projeto), monitorização, avaliação, sustentabilidade e complexidade estão estrategicamente pensadas.

Objetivo geral do projeto no âmbito da intervenção social

Contribuir para uma cidade mais inclusiva, pacífica e justa é o propósito de **Corre Mundos**. Assim se compreende, que o objetivo geral seja promover, em jovens migrantes ou descendentes de migrantes em contextos de vulnerabilidade, competências de liderança em projetos comunitários transformadores.

Acreditamos que a arte, nas suas múltiplas linguagens, é uma ferramenta pedagógica transformadora, um meio para tornar as pessoas mais capazes de se entenderem a si próprias, os outros e o mundo em que vivem. Crescer numa cidade cosmopolita e diversa como Almada, facilita o desenvolvimento pessoal e a emergência dos sujeitos – enquanto atores e autores da sua vida e do mundo – sujeitos glocais. É por isso que **Corre Mundos** é um projeto colaborativo por um movimento pró-Inclusão.

Participantes do projeto

Os protagonistas diretos de **Corre Mundos**, são preferencialmente jovens migrantes ou descendentes de migrantes em situação de vulnerabilidade que estejam a residir em Almada. É fundamental que se identifiquem com o propósito do projeto, de modo a que se empenhem em transformarem-se em agentes de mudança social pela arte, tornarem-se Inclusiv(A)rtistas. É esta a razão para privilegiarmos a participação daqueles ou daquelas que já estejam ou estiveram envolvidos com as artes visuais, audiovisuais e performativas, com o ativismo, mediação e/ou educação (será feita uma call, com o envolvimento direto dos nossos parceiros locais).

Como já foi referido, o modelo da sua participação é em espiral – colaborativo e integrado, um compromisso consigo e com os outros, com a cidade e com o mundo, com a arte e com a intervenção social, com a inclusão e com a justiça. Por isso são aprendizes e criadores em e de todo o processo – o espetáculo será o resultado de quem eles foram e se tornam, os Workshops Inclusiv(A)rte, no que eles e outros – através deles – poderão tornar-se. O ser humano em toda a sua plenitude – entrecruzar de passado, presente e olhos postos no futuro.



A Criação Artística no Corre Mundos

Corre Mundos, desenvolveu competências de espetáculo e de criação artística de jovens migrantes vulneráveis, através da formação nas áreas artísticas da dança, do teatro, da música e do vídeo, essenciais ao aperfeiçoamento de competências artísticas, que culminarão na criação e apresentação de um espetáculo.

Corre Mundos - Transformação Comunitária pela Art´Inclusiva pretendeu sair para as ruas e inspirar e motivar jovens a colaborarem para uma cidade mais inclusiva e socialmente mais justa através do poder transformador da arte.

Corre Mundos levanta voo.

Presentes, no dia da diversidade, na escola Secundária do Monte da Caparica. Diogo, Sara e Nina apresentaram o projeto e fizeram os alunos moverem-se com as palavras e emoções deste dia. muitos sonhos. corre-mundos a voar.

Desenvolveram-se várias sessões experimentais semanais de Dança, Teatro, Vídeo, Música e liderança na Escola Secundária Monte Caparica – Onde se trabalha a improvisação nas diferentes áreas. O que permite conhecerem melhor o seu corpo, a sua voz, aprender a escutar os outros, ganhar confiança e preparar o terreno para serem co-criadores, não só da peça, mas de todo o projeto.

2ª sessão experimental do CORRE-MUNDOS! Dedicada ao teatro, dedicada à vida...com a participação de Marco Paiva!

Com João Silva, corremos mundo sob o tema dos tambores e a sua importância na cultura, a respiração e o espírito dos lugares.

Corre Mundos é uma orquestra!

Com uma experiência de baterista e percussionista de mais de trinta anos, João Silva tem vivido e registrado alguns momentos de rara beleza na iniciação e posterior evolução da rítmica em grupo. Por isso criou os seus workshops que denominou de Geografia dos Ritmos, workshops esses que são moldados ao público a que se destinam.

A bateria e as diversas percussões são instrumentos musicais, que devido ao seu desempenho na história, têm um papel único no imaginário coletivo. Toda a temática da rítmica é transversal a todas as gerações, tendo em particular uma forte recetividade nas camadas mais jovens.

“Regra, disciplina, contemplação do silêncio, alegria, criatividade e emoção, são sentimentos e vivências extraordinárias que sentimos ao desenvolver este trabalho em grupo.

Por tudo isto vale a pena a experiência e a viagem, ao sentirmos a respiração e a rítmica dos diversos lugares do planeta.”

Aprendemos bases de som, captação de imagem e partilhámos HISTÓRIAS LINDAS!

Levantem voo e sigam para onde a sua imaginação os levar, inspirados pelas suas habilidades de suscitar mudança social pela arte e não por se sentirem ameaçados (como acontece com o Corre-caminhos).

Juntos por uma cidade mais inclusiva e socialmente mais justa, da arte em ação!







Dança motor de mudança?

Filipa Francisco

Como criadora interessa-me

Criar territórios de questionamento

Possibilitar um acesso às artes, em locais onde isso seria mais improvável.

Que o meu trabalho espelhe o mundo.

Aprofundar as relações entre arte e vida

Interessa-me construir lugares de ação, discussão, construção, resistência

Gerar a discussão: Dança motor de mudança!

Como coreógrafa trabalho no âmbito da dança-teatro, ou seja, utilizo as técnicas do teatro e da dança na criação e apresentação de espetáculos e, principalmente, na criação de mecanismos que envolvam o público nesses processos de criação. No âmbito desse trabalho está a criação de peças com diferentes comunidades. Durante sete anos trabalhei no (R)EXISTIR, um projeto contínuo de formação e criação artística desenvolvido com os reclusos do Estabelecimento Prisional de Castelo Branco, promovido pela estrutura CENTA. No âmbito do projeto Reinserção pela Arte, promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian estive a trabalhar em centros educativos e no projeto Nu kre bai Na bu Onda que, em crioulo, significa eu vou na tua onda, um projeto com o bairro da Cova da Moura, promovido pela estrutura Alkantara. Em 2021 e 22 no projeto **Corre Mundos**, do Partis Art For Change, Gulbenkian e La Caixa em rede com vários parceiros no território de Almada.

Em todos estes trabalhos, o denominador comum é o facto de se aliar a formação à criação artística. Estes processos artísticos passam pela ideia de uma democratização do corpo. Este termo provém dos anos 60-70. Aqui, o corpo está no centro do trabalho, um corpo que poderá não ter uma formação técnica específica, mas que lida com os conhecimentos quotidianos, que faz apologia do indivíduo como tendo uma voz ativa e podendo fazer dessa voz um instrumento criativo.

Procura-se que, nestes grupos, todos sejam criadores e intérpretes, e, por isso é tão importante que se estabeleça um tempo longo de formação e criação. Um dramaturgo disse que a "dança é como uma escultura no tempo". Foi e continua a ser determinante que estes projetos tenham um carácter contínuo, só assim é possível deixar raízes em cada uma das pessoas que participa, e, depois no público. Para haver uma rutura, uma transformação, para que todo o processo seja de todos, o tempo é um dos fatores de maior importância.

É também essencial que se dê atenção ao processo de trabalho, que se revele este processo e não se coloque o enfoque no produto final. Porque é importante mostrar? Só assim o ciclo fica completo, a energia dos que olham com as dos fazedores.

Tenho assim ao longo dos anos procurado aprofundar a minha reflexão e pesquisa em torno da dimensão social e política da Arte. Ir ao encontro do público e, quando necessário, deslocar o trabalho artístico para espaços que aumentem as possibilidades deste encontro é algo que tenho experimentado. Como intérprete e criadora jogo com as questões de relação entre público e autor, criando peças onde existe grande proximidade e duplos olhares sobre a mesma temática. As minhas peças são como um jogo de espelhos onde cabem vários pontos de vista e onde em última instância se aborda e desnuda o próprio processo criativo.

"Rexistir", "NU Kre Bai Na Bu Onda" e "**Corre Mundos**" são projetos intensos que questionam a relação entre arte e vida. Estes projetos, em que a formação se alia à criação, ou seja, em que a pedagogia está ligada aos processos criativos, têm influenciado o meu trabalho coreográfico no sentido de este poder refletir o mundo.

Corre Mundos, o próprio título é simbólico, é um pássaro migrante que levanta voo quando se sente ameaçado. E é isso que não queremos. Queremos que os participantes migrantes ou descendentes de migrantes, em situação de vulnerabilidade e de invisibilidade para a maior parte das pessoas, possam dar asas à sua própria imaginação. A criação do espetáculo Tuntunhi iniciou em Janeiro de 2022, com





ensaios duas vezes por semana, quartas-feiras na Escola secundária do Monte da Caparica e Sábados na Casa da Juventude de Almada. O grupo era composto por migrantes, descendentes de migrantes e participantes interessados em trabalhar a questão da migração, de Portugal, Cabo Verde, Brasil, Guiné Bissau, Índia, Venezuela. Durante a semana, a direção artística e coreografia, reunia-se com a direção musical, composição e interpretação a cargo de José Grossinho para a elaboração da partitura coreográfica e musical. Os ensaios de Janeiro a Maio dividiram-se em: Recolha de histórias sobre migração, tolerância e oportunidade de trabalho; Improvisação a partir destas histórias; Composição dos vários elementos coreográficos, teatrais e musicais e ensaios. A estreia foi realizada no dia 28 de Maio pelas 21h30 no Auditório Osvaldo Azinheira, em Almada. Foi apresentada também, no mesmo espaço, no dia 29 de Maio pelas 17h00, os dois dias com casa cheia.

Pontos fortes que me apaixonam:

Unir as pessoas à volta da construção de um espetáculo organizado em três tempos, formação, criação e apresentação.

Criar raízes e passar o poder para as mãos dos participantes a partir da criação de projetos dos próprios, tornado-se sustentável e com possibilidades de continuação para além dos dois anos.

Permitiu-me, com os participantes diretos e indiretos e todos os parceiros conhecer, numa outra perspetiva, o território onde vivo, o concelho de Almada, onde vivem migrantes de 113 países e de todos os continentes. Tornar a periferia-centro.

Hibridismos, Cidadania, Inclusão e Arte

Este é um projeto Human-centered design – colaborativo e participativo, criado para e com estes jovens, desta e com esta cidade. Os Hibridismos, especialmente pensados para o desenvolvimento de soft skills como a empatia, a criatividade, a comunicação intercultural, a resolução de problemas, a resiliência, o trabalho em equipa e o sentido crítico. O modelo da sua participação é em espiral – colaborativo e integrado, um compromisso consigo e com os outros, com a cidade e com o mundo, com a arte e com a intervenção social, com a inclusão e com a justiça. Por isso são aprendizes e criadores em e de todo o processo.

Clube Raposense em festa da música, da moeda social, capari, da Cachupa, da inclusão.

Os projetos **Corre Mundos**, Bairros Saudáveis, Stories that Matter, de âmbito artístico e social a afirmarem-se nas vidas, nos sonhos de cada um.

A arte de ser, em ato, em nós, sendo.

Pessoas que falam idiomas diferentes, têm culturas e histórias diversificadas.

Acolhe “Mundos” no Monte da Caparica...

Partilhamos um ensaio com o PROJETO YES C + C Enhancing creative, cultural and innovation skills for adults, promovendo o intercâmbio entre jovens e adultos, de Portugal, Espanha, Itália, Alemanha e Macedónia do Norte, refletindo sobre as boas práticas para a inclusão social ao mesmo tempo que reforça as competências culturais e criativas; potenciar projetos criativos comuns; e contribuir para a resiliência dos setores criativos e culturais, através da Inclusão pela Arte.





COMUNIDADE

TRANSFORMAÇÃO
COMUNITÁRIA
PELA ART`INCLUSIVA





A FLORESTA INVISÍVEL - Arte e Natureza

Mariana Tegner Barros

A Floresta Invisível é um projecto que nasceu em 2020, no âmbito do processo da minha Peça do Coração: EXCALIBUR em colaboração com o artista gráfico Mark Angelo e a equipa da A Bela Associação. Uma peça de cruzamentos disciplinares que é criada a partir da vontade de valorizar a Natureza, com foco especial nas árvores e na importância que estas têm no equilíbrio dos ecossistemas.

A partir do mapeamento das árvores mais antigas que existem nas cidades, desenvolvemos acções simbólicas resultantes do diálogo com a comunidade local, pequenas performances e gravações de vídeo, criando um espaço de performance autónomo, temporário e móvel que convida o público a abrir os sentidos, na procura de conferir visibilidade ao invisível, som ao silêncio e forma ao desconhecido. Pretende-se criar conexões, partilhar saberes e consciencializar as pessoas, através da arte, para a protecção da Floresta que pode começar com a árvore à porta de casa...

Assim como as poucas árvores que vemos enjauladas no cimento dos passeios das cidades, a conexão entre as pessoas degradou-se e foi alvo de poda assassina. Somos levados a crer que vivemos na época da hiperconexão,

em que temos acesso a tecnologias que nos ligam a velocidades nunca antes experimentadas, mas, na vida "real", estamos cada vez mais isolados, controlados e iludidos.

A floresta é o exemplo por excelência da comunidade, interdependência e cooperação entre todos os seres. No entanto, as florestas do mundo estão a ser dizimadas pelo mecanicismo do capitalismo técnico galopante. A vida começa com uma árvore...

É necessária uma consciencialização mais activa, com planeamento continuado e sustentado, que se distinga de concretizações isoladas para cumprir estatísticas e regulamentos governamentais de boas práticas.

Porque se perdeu a conexão?

A Floresta Invisível procurara revelar espaços de consciência em diálogo com a população local, foi isso que em Abril de 2022, realizamos numa performance de improvisação na Mata dos Medos convidou o grupo do projecto **Corre Mundos** a vir assistir e integrar a paisagem. Fomos floresta de gente ali. O hibridismo é a mistura, é o não ter pre-definições nem preconceitos.

É assimilar e integrar a informação e praticar a comunicação horizontal, numa celebração das diferenças uns dos outros, onde nos encaixamos. Um projecto híbrido é um projecto que é um todo feito de indivíduos distintos e diversos, onde as etiquetas não são necessárias, onde não se segmenta. Não interessa se é dança, teatro, música ou artes visuais: é híbrido, é um pouco de cada e uma coisa só que une todas as partes e que não se sabe onde começa isto e acaba aquilo. Assim se experiencia de verdade, assim é a vida.











"Corre **Mundos** gatinhou antes de correr
Gatinhou através de uma pequena janelinha
Quando o vírus, de correr o impedia
Gatinhou pelos nossos corações
E alguma magia fazia
Sussurrámos, cantámos, dançámos
Ao som de belas melodias
Enquanto nova cultura nos enriquecia

Corre **Mundos** gatinhou antes de correr
Mas quando correu, correu de forma veloz
Pois nesta nossa demanda que é a vida
Quem pode fazer a diferença somos nós
E, portanto, corramos, não parámos
Corramos pelo amor, pela amizade, pela alegria
E celebremos a maravilha que é a vida
Juntos e em uníssono, pois sozinhos nada se fazia.

Sara Ganço



A Capacitação Social e Liderança

Corre Mundos – capacitar, através da arte, o desenvolvimento pessoal, social e comunitário de jovens migrantes ou descendentes de migrantes em situação de vulnerabilidade, de modo a que, através de uma metodologia participativa, humanista e colaborativa possam tornar-se, eles próprios, agentes multiplicadores de transformação social, foi o propósito.

Um conjunto de ações de soft skills que se desenvolveram ao longo do projeto com muito maior incidência no segundo ano do **Corre Mundos** visou estimular o sentido de pertença ao lugar e o desenvolvimento de competências essenciais à transformação pessoal e social através da ideação e prototipagem de workshops.

Algumas dos pensamentos partilhados pelos participantes na primeira ação:

“Introspeção, conhecer, experiência, qualidades, conhecimentos, partilha conexão, abertura, medo, regularidade, liberdade, apelativa.”

“Dedicação à música, somente natureza, relação com arte e natureza”

“Respeito pelo meu tempo, criar e motivar as pessoas”

“O meu legado, que marca quero deixar?”

“Fazer um Mundo Melhor”

“Liberdade de estar...fazer o meu caminho... Ir...andar!”

“A minha casa é o sítio onde estou e onde vou!”

“Libertar-me de normas e preconceitos.”

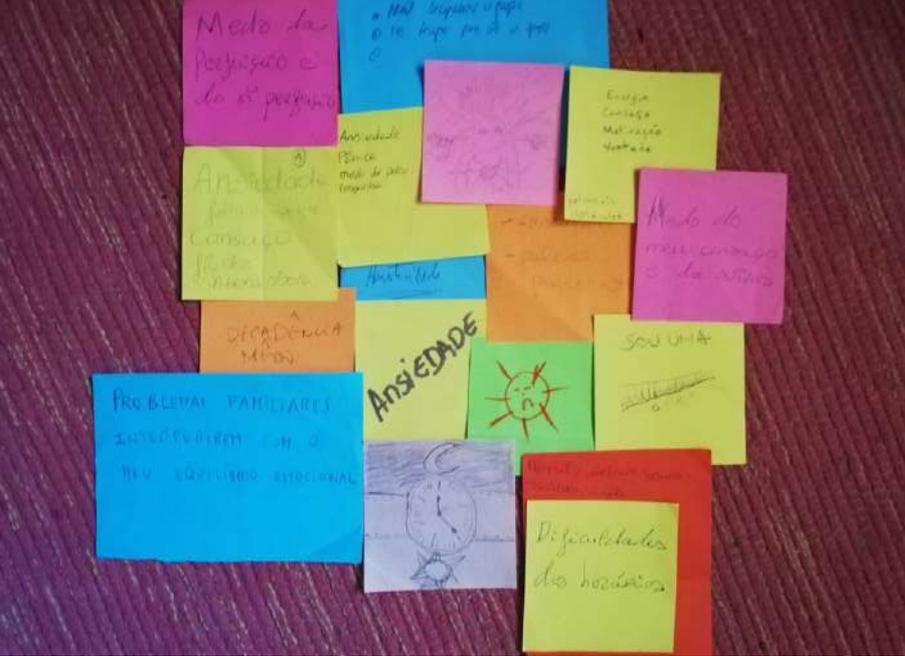
“Desejo de expressar-me!”

Há, certamente, todo um conteúdo técnico que foi considerado essencial à sua capacitação (visível na formação pensada), mas a apreensão, utilização, execução e sustentabilidade do mesmo (no sentido da sua “capacidade multiplicadora”) está sempre dependente do potencial dos atores-autores.









Que me contas? Discursos, dinâmicas e estratégias interculturais

Que me contas? Discursos, dinâmicas e estratégias interculturais” procurou sensibilizar a audiência para a importância de reconhecer, conhecer e valorizar a cultura autóctone de cada qual e de todas as culturas que entre todos se cruzem. A partir da história contada, e ouvida, de cada qual, é possível construir uma base de diálogo, inspiradora para o desenho e construção de projetos interculturais inclusivos, sustentáveis, alternativos e criativos.

Auscultação informal da audiência e identificação, caso a caso, da história que cada qual possa contar sobre a sua cultura - a que cultura se considera pertencer e porquê. Desta provocação concreta, a partir da história individual, deseja-se o desenho de um mapa de riqueza comunitária intercultural, real ou em potência, inspirador de estratégias e dinâmicas de desenvolvimento social através de práticas artísticas disruptivas, inclusivas e criativas.

Foram objetivos específicos da ação, apresentar e refletir sobre as mais valias de ações de convívio e diálogo intercultural para o desenvolvimento sustentável de uma comunidade multicultural.



Esta ação de capacitação mostrou ser uma viagem através das nossas raízes, conceitos e preconceitos, mas acima de tudo uma partilha de recursos, ideias e sabores, que nos deixou a todos com vontade de mais!

Miguel Abreu

Transcrito no livro “A Estranha Morte da Europa”, de Douglas Murray, a chanceler Angela Merkel terá dito num discurso de 2010 que “o modelo de construção de uma sociedade multicultural, vivermos lado a lado e gostarmos uns dos outros, falhou. Falhou por completo.”

Será?

São impressões difíceis de comprovar cientificamente, mas o facto é que, progressivamente, e já desde 2007, o Conselho da Europa tem-se dedicado à ideia de uma Europa intercultural, por oposição a uma Europa multicultural. Defendendo um modelo de convivência intercultural, em vez da multiculturalidade ou do multiculturalismo, nos modos de vida nas cidades europeias, recetoras de imigrantes. E, posteriormente, de refugiados. A questão que se coloca: Como assegurar a coesão social em sociedades pluriculturais, repletas de diversidade cultural?

Também é verdade que estes conceitos são difíceis de definir e, diremos, estão sempre em aberto, em construção. Porque, na realidade, parece haver um crescente número de europeus que estão confusos (logo, receosos), com a questão da sua relação com um número cada vez mais expressivo de imigrantes, migrantes e refugiados a chegarem à Europa. Complicando o seu interesse em receberem e se aproximarem de pessoas diferentes, que falam outras línguas, com outros hábitos sociais (por exemplo a higiene privada e pública) e culturais (por exemplo a gastronomia e as festas), outras religiões, enfim. Nesse sentido, os votos (muitas vezes envergonhados, mas votados) de um significativo número de cidadãos europeus em partidos de extrema-direita, que defendem o encerramento de fronteiras. Uma crescente desconfiança e medo do outro... “Então agora vêm todos para cá? Vai ser o fim da Europa”.

Essa é talvez a grande questão que a Direita vai afirmando, mas à qual as esquerdas não são indiferentes – logo, começa-se a fazer sentir, na Europa, o pensamento de que a Europa que conhecemos, está a definhar, vai acabar.

De um modo ou de outro parece não haver europeus suficientes, a curto e a médio prazo, para manter o nível de desenvolvimento socioeconómico da Europa que hoje conhecemos. Portanto, diz-se, a Europa ou morre por falta de população, ou morre vitimizada pelo crescente acolhimento de populações exógenas que, vindas dos quatro cantos do mundo, reconfigurarão um novo tecido humano no velho continente.... Então, uma outra Europa ressurgirá. Então, fará sentido falar de “morte” da Europa? Os valores ocidentais, que constituem a base cultural dos povos europeus, estarão ameaçados?

Quais são, então, os valores ocidentais que nos caracterizam como europeus? Como convivem, ou não, com os valores e crenças de outros povos que aqui chegam?

E quais desses nossos valores ocidentais podemos oferecer para negociação face aos valores de outras culturas que, primeiro, fomos procurar e deslocar para a Europa, e agora nos procuram como espaço de esperança e de salvação, ou que voltamos a aliciar como imprescindível mão de obra? Qual a verdadeira política europeia sobre a imigração, a migração e o asilo face a um cenário de uma outra Europa?

Para quem é hoje (e amanhã) a Europa? Para os “mundopeu”? Para um conjunto imenso de imigrantes e migrantes misturados com uma minoria local?

Seremos capazes de contrariar a ideia de que a imigração enfraquece todo o sentido de “confiança” social?

Seremos capazes de demonstrar que a imigração, sendo um fator de múltiplos conflitos e tensões, nos convida ao convívio entre culturas e serve de “inspiração e enriquecimento” aos europeus, antigos e novos? Apelando a transformações, a novos olhares sobre o mundo, à criação de outras ambições e conceitos de felicidade e de desenvolvimento, sustentável e confiável.

Enfim, não parece haver uma Visão de Europa para um futuro que, desde já, se antecipa em duas possibilidades: diferente e multicultural, ou diferente e intercultural. Não sabemos. Por isso, parece-nos urgente a criação de comunidades de sentido. Agregadoras de pessoas de diversas origens, mas próximas entre si, pelos “sentidos” que as unem, convocam, comovem, independentemente das suas origens sociais e culturais.

A metodologia intercultural talvez seja uma oportunidade para manter alguns valores e comportamentos tradicionais europeus numa relação possível com valores e comportamentos de outras culturas.

Conscientes de que nada disto será pacífico, com tensões entre diversas etnias entre si, e entre si com os europeus. Mas acreditando que essas tensões serão transformadoras e se resolverão num espaço de negociação comum. Alavancado em relações culturais de proximidade e convivialidade quotidiana, onde as artes e os artistas podem ajudar a descobrir, e a inscrever, outros sentidos de vida, de comunidade e de organização. Uma outra Europa está a emergir por entre as nossas tradições, hábitos, crenças, modos de vida quotidiana que estão, progressiva e naturalmente, a mudar os nossos paradigmas de vida.

Interculturalidade – É um modelo político que procura assegurar a igualdade e a coesão social no contexto de sociedades culturalmente diversas. Encoraja a mistura e as trocas entre pessoas de diversas origens culturais e em diferentes processos de construção de uma identidade coletiva, fundada sobre o pluralismo cultural, os direitos do homem, a democracia, a igualdade entre as mulheres e os homens e a não discriminação. A interculturalidade assenta sobre a possibilidade de construir projetos que apliquem, em simultâneo, os princípios de igualdade de direitos e de oportunidades, da diversidade como um ativo e a interação positiva como forma de promover a contribuição de todos os residentes para o desenvolvimento da sua cidade. In “La Cité Interculturelle pas à pas”, de Anne Bathily e Ivana D’Alessandro.









Associativismo - da noção à prática

Maria João Garcia

Nesta acção de formação vamos falar sobre a organização da sociedade civil em torno de interesses e objectivos comuns; da importância do movimento associativo de âmbito local e nacional; do seu percurso histórico no Concelho de Almada; da criação de associações de âmbito social e cultural e da sua manutenção e relação com o poder local.

Objetivos Específicos da ação

Transmitir aos participantes noções gerais sobre Associativismo e sobre a sua importância no desenvolvimento do conhecimento, da cooperação social e de práticas artísticas e culturais colectivas.

- Elucidar sobre o mecanismo de criação de uma Associação, Estatutos e formalidades respeitantes à manutenção da actividade.
- Falar sobre Planos de Atividades e Previsões de orçamento anuais, assim como de relatórios de Atividades e contas.

Na continuidade do trabalho realizado no desenvolvimento de projetos pessoais/grupo com impacto na comunidade, realizou-se um workshop com o tema Associativismo - da noção à prática, dividido em dois momentos, no primeiro, foi realizado um percurso histórico e cronológico pelo movimento Associativo no concelho de Almada, desde o Séc.XIX até à atualidade, realçando a sua importância e a particularidade em "fazer escola".

No segundo momento abordaram-se os passos fundamentais para a criação de uma associação e os mecanismos para a sua formalização e manutenção, com o objetivo de facilitar o acesso à informação e recursos disponíveis que possam contribuir para o desenvolvimento de projetos associativos.

CORRE MUNDOS

SÁBADO, 2 JULHO
11H - 13H, 14H - 16H
2022

WORKSHOP

ASSOCIATIVISMO DA NOÇÃO À PRÁTICA

Clube Recreativo União Raposense
R. Raposo de Cima, 2825-099 Caparica

ALMADA MUNDO | PROTECTOR AUTOPOR CHANGE | BPI

Informação e inscrições: almadamundo.amai@gmail.com
Tel: 21 274 14 28 / 92 017 93 00



A descoberta é um gatilho da transformação e da mudança

Giovana Pires

Esse workshop visou sensibilizar os participantes e a comunidade local sobre as questões da cidadania e da inclusão, promovendo a reflexão e a partilha coletiva sobre as questões da equidade, da cidadania e dos direitos humanos. A dinâmica de trabalho com os intervenientes suscitará a participação ativa de todos, comprometendo-se a garantir e a lutar por um mundo livre que promova a participação consciente e responsável dos indivíduos na sociedade.

Objetivos Específicos da ação

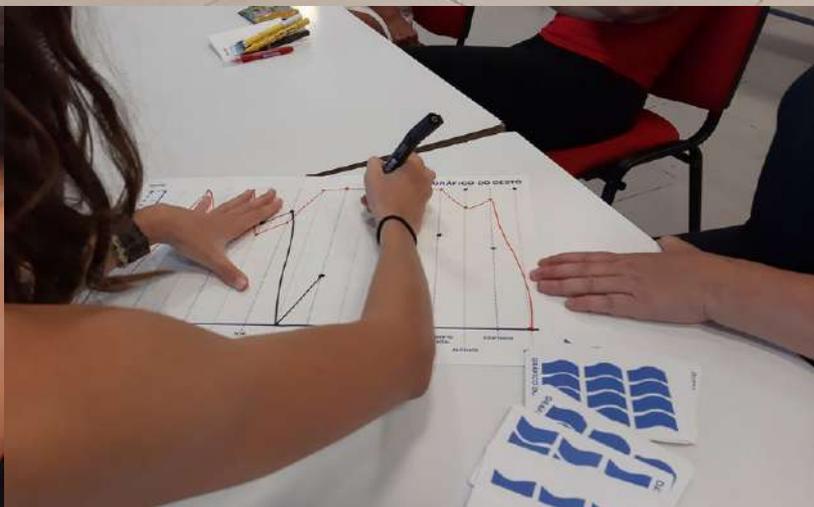
Sensibilizar a comunidade local para a sua contribuição no desenvolvimento de práticas inclusivas construindo uma sociedade mais justa, igualitária, solidária e sustentável.

Promover a reflexão e a partilha sobre as questões da equidade, da cidadania e dos direitos humanos, relacionando-as com as situações de desigualdade e de exclusão social.

Comunidade é Diversidade, as nossas vivências, as nossas histórias de vida, que contam o que somos hoje. A comunidade tem força, quando ela olha, escuta, acolhe e entende o outro.

Os participantes puderam partilhar, um olhar atento e uma escuta que tenta entender os desafios que nos são colocados na nossa participação e intervenção comunitária, abertos à diferença, à diversidade e à inclusão.





A descoberta é um gatilho da transformação e da mudança

Aldara Bizarro

A criação como processo comunitário, para mim serve também como formação é como se fosse uma proposta em que envolve tudo, porque está associada à descoberta, na criação nós descobrimos coisas sobre nós sobre os outros e é igualzinho ao que acontece aos profissionais que fazem aquilo como profissão, que ganham dinheiro com esse trabalho, porque é a descoberta que faz um gatilho, digamos assim, da transformação da mudança, mas para isso acontecer é preciso as pessoas também estarem tranquilas, é preciso que as pessoas não tenham uma vida muito difícil e cheia de preocupações.

Qual o impacto que tem estes projetos na comunidade, de acordo com o seu percursos e a sua experiência profissional?

Só posso responder essa pergunta fazendo uma panorâmica, uma retrospectiva dos anos em que eu trabalho com a comunidade. Lembro-me que no início quando se começaram a fazer os projetos com a comunidade, eram projetos participativos. É preciso dizer que a minha área é a da criação com pessoas da comunidade, ou seja, é formação também como esta que estou aqui a fazer agora, mas utilizo a criação para também fazer formação com a comunidade ou seja é um processo conjunto. Porque quando nós estamos em criação, estamos a inventar e quando estamos a inventar, estamos a descobrir e é essa descoberta, eu acho, que é a jóia dos trabalhos participativos.

Quando comecei a fazer este trabalho sentia a comunidade mais disponível porque havia menos trabalhos e projetos destes, por vezes agora sinto a comunidade cansada porque são normalmente sempre as mesmas pessoas que vão a estas coisas, ou seja, parece que as pessoas que gostam de participar e que não são profissionais, são um tipo de pessoas que participam mais nestas ações, e às vezes sinto que os processos precisam de uma certa profundidade que não tem a ver com o tempo, não tem a ver com a duração do projeto, mas com as circunstâncias em que eles são feitos com o tipo de pessoas envolvidas, se aquele projeto faz sentido para aquelas pessoas ou não, e se aquelas pessoas não estão muito fustigadas pela própria oferta.

Eu tenho esta questão..., não tenho resposta para ela, mas tenho esta questão porque há muitos anos que vou fazendo projetos. Para vos dar dois exemplos de projetos posso falar do "Respira", foi um projeto que fiz três vezes e que teve um grande impacto no geral e um grande impacto em mim, foi dos primeiros projetos de dança com a comunidade, de dança participativa, e tenho um projeto que existiu durante dez anos que vamos terminar este ano, que é um baile, uma coisa mais pequena que se faz em quatro dias e que eu já fiz pelo país todo. É um projeto que envolve 20 participantes que dançam e também fazem teatro, porque a minha dança tem muita palavra, embora eu não perceba nada de teatro mas uso a palavra, como fazendo parte do corpo, utilizo-a com algum pudor mas sem preconceito.

Sinto que atualmente há muitos projetos para a comunidade, talvez se deva olhar para eles e perceber se realmente é isto que nós devemos continuar a fazer? O que é que realmente esperamos desses projetos, porque a transformação não é um botão que se carrega, muitas vezes acontece neste projeto ali, depois já não acontece, acontece num outro lado, aquelas pessoas depois, ficam deixadas ficam largadas, ou é o tal grupo que estava a falar que vai a tudo. Acontece-me estar a fazer coisas e receber pessoas que já fizeram projetos anteriores e já fazem isso como "profissionais amadores".

Evidentemente que há qualquer coisa que fica, qualquer coisa que nós fazemos toca-nos e influencia-nos, mas outra questão é trabalharmos com grupos vulneráveis ou muito vulneráveis quer do ponto de vista social quer do ponto de vista económico. **Fazemos, por exemplo na área da criação que é onde eu trabalho mais, projetos muito bonitos à volta das suas próprias vidas, o público está a ver pessoas que são muito valiosas, mas que têm vidas muito, muito difíceis. Eu ao fim destes anos todos, também tenho algumas questões em relação a isso, ou seja, romantizar a pobreza e vulnerabilidade é uma coisa muito perigosa.** Portanto, também sinto que é da responsabilidade das pessoas que criam estes projetos que gerem e procuram fundos para estes projetos, pensar sobre isto! Estou a dizer estas coisas, como se eu tivesse uma resposta, mas não tenho! Como também trabalho nesta área, estou sempre a fazer estas perguntas.

Já encontrei instituições que me convidam para trabalhar e que convidam os participantes e que tem participantes, como foi recentemente num projeto com um grupo de migrantes em que a instituição que me convidou, paga aquelas pessoas, não creio que seja um valor como se fosse um profissional, mas eles têm a noção de que aquelas pessoas estão com dificuldades muito grandes do ponto de vista económico e social e que estão a dar o seu tempo e a dar as suas histórias, e quando isso acontece, sinto-me mais confortável ou seja, parece que desenvolvi ao longo dos anos um certo cuidado em relação a como é que se trabalha com as pessoas, na arte participativa ou de comunidade e como é que se pode proteger aquelas pessoas enquanto estão a fazer um trabalho.

O trabalho com a comunidade é uma forma de arte?

Claro que sim, sem dúvida!

Há pessoas não profissionais a participar em projetos, com desempenhos de muita qualidade. Pessoas que não têm ferramentas, nem estudos ou experiência nas artes, mas que a vivem com bastante intensidade, dando muito de si e isso é o melhor da arte!

Estas pessoas estão cada vez mais esclarecidas sobre o que querem ver e assistir e se participam ou não. Estou muito curiosa sobre esta mudança e o caminho desta arte. Há cada vez mais públicos diferentes e não um público, mas todos eles são fantásticos e têm muito para dar, como as escolas por exemplo, as crianças são maravilhosas para se trabalhar, para que um dia venham também a ser público.

O trabalho com a comunidade necessita de muitos recursos humanos, é exigente e tem de ser bem aproveitada principalmente porque é uma forma de arte e nela há muita verdade e comunicação.



Com a coreógrafa Aldara Bizarro, voamos através das temáticas sobre Metodologias de Projetos Comunitários e conversamos sobre a arte destes exigentes, mas gratificantes projetos.

Metodologias de projetos comunitários

Manuela Pedroso

Nos projetos comunitários tendo como principal ferramenta as pessoas e a experiência de cada um, há algum limite?

O limite é a disponibilidade de cada um ou à vontade de cada um, ou reserva de cada um, temos de ser um bocadinho sensíveis ao que cada um quer partilhar, até onde é que a sua vontade de relação existe porque acho que também há um lado privado que temos que respeitar acho que as questões são de cada um, são mesmo individuais e esse, eu acho que é o limite, o limite do respeito da pequena partícula que somos.

Falamos aqui também hoje sobre a experiência de cada um, da bagagem que cada um traz, tens ainda um projeto de sonho para desenvolver?

Tenho e por acaso tem a ver com o nome deste projeto Corre Mundos, eu gostaria de continuar a correr mundos, mas levar também a outros lugares a outros países, acho que esse também foi o meu sonho quando iniciei o estudo de teatro tinha ideia de ter uma carroça com uma companhia e andar pela estrada e fazermos espetáculos e conhecermos mundo. É claro que já fui a muitos lugares do mundo, já experimentei muitas coisas, mas continuar esse sonho eu acho que queria... queria! Aqui, por vezes deparo-me com ele de outra forma que é estando no lugar conheço São-tomenses, Angolanos, Eslovacos, claro o mundo também vem a mim, mas queria sentir as várias temperaturas os vários cheiros esse também é o meu sonho ...Correr Mundo!

Da tua experiência e também um bocadinho daquilo que falamos aqui hoje sobre o trabalho das Comunidades nos projetos comunitários, ouvir, escutar, saber as necessidades, a participação também a transformação, nisto tudo o que é que te move?

O que me move nestes projetos comunitários é conhecer o mundo é a curiosidade no mundo da sua diversidade do que é que a mim me pode acrescentar algo, porque acho que conhecendo outro, outros, outras, também eu própria vou aumentando é isso que me move.

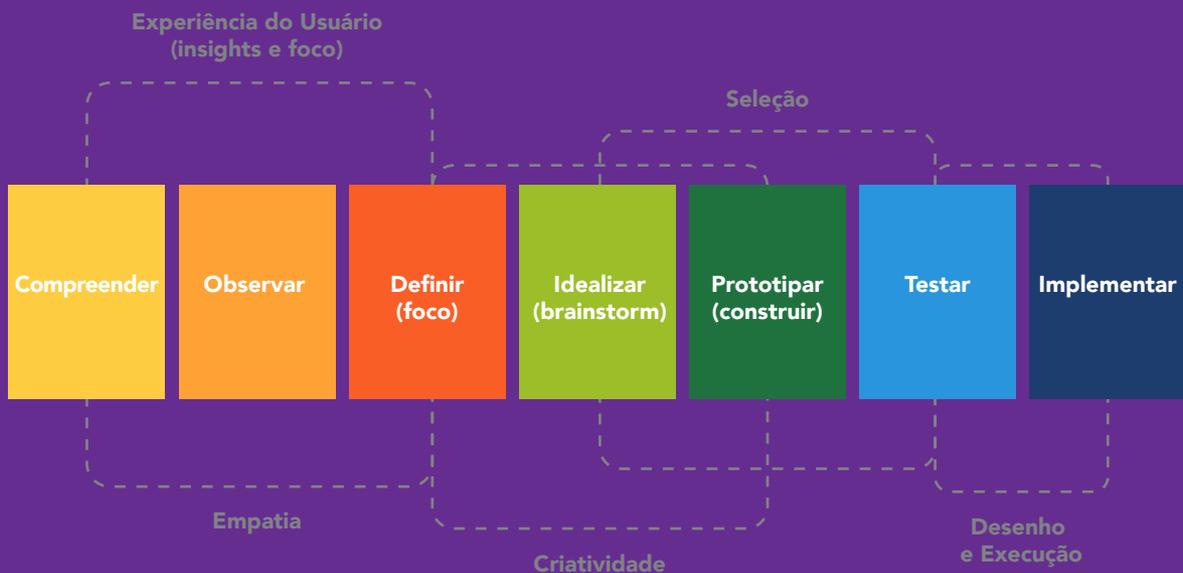


Projetos Ns Empresa com impacto Social Comunitrios

A inovao social é um processo que nasce da a o de indivíduos em pequenos projetos, mas pode ser incubada e crescer em diferentes contextos.

Dar espao à Iniciativa e ao Empreendedorismo, conhecer algumas das ferramentas colaborativas de Inova o Social foram os objetivos desta a o. Partilhou-se e refletiu-se sobre a importância e relevância de inscrever as estórias pessoais na história de uma comunidade.

Estratégias de trabalho que estimulem a mudana de comportamento por meio de soluoes colaborativas



Foi um encontro de partilha que permitiu ampliar novos conhecimentos culturais e empresariais. Partindo do princípio que as empresas atuem como sociedades de interesse comunitário, buscando desenvolver atividades voltadas à promoao do bem-estar da comunidade em que atuam, podem ser elementos de conexão social.



Financiamento & da O Estatuto da Área dos Profissionais da Cultura

Numa Jornada dupla, estivemos este sábado com Maria João Garcia, no período da manhã, com uma ação formativa que pretendeu identificar e explorar oportunidades de financiamento e apoios ao nível local, nacional e internacional, adequadas ao desenvolvimento de diferentes iniciativas e projetos artísticos e culturais. O grupo conheceu diferentes recursos e ferramentas de financiamento e explorou a sua adequação aos seus projetos, percebeu os diferentes níveis de exigência de financiamento/ condições de acesso.

No período da tarde estabelecemos contacto com o Estatuto dos Profissionais da Área da Cultura (EPAC), um novo regime jurídico, que estabelece regras especiais para estes profissionais, relativas a registo e regimes laborais, de prestação de serviços e de proteção social.

Esta seção abordou as regras decorrentes da legislação, deu a perceber a sua implicação na atividade dos profissionais por este abrangidos, bem como o esclarecimento de dúvidas.



A importância do associativismo, na transformação comunitária

Maria João Garcia

Se pensarmos que o associativismo é justamente a vontade de um grupo de pessoas se dedicar a um objetivo comum, logo pelo princípio, o facto de ser uma ação coletiva, à partida, sempre foi e continua a ser muito importante, se pensarmos que atualmente nós somos e temos um mundo cada vez mais individualista, essa missão do coletivo faz ainda mais sentido.

Ao trabalharmos num coletivo, numa associação temos aqui um elo criado entre um e o outro e entre outros e os outros que se juntam a esse mesmo objetivo. Não é só em Almada, creio que pelo país inteiro, felizmente, há uma tradição associativa, estou em crer que a história é semelhante em muitos pontos do país em relação ao seu desenvolvimento.

Na atualidade, apesar de haver várias formas de nos juntarmos, seja de uma forma quase muito prática para ter uma figura legal que represente um coletivo, que muitas das vezes pode até não existir, é necessário ter pelo menos 9 participantes nos diferentes órgãos e isso é difícil, por vezes estamos mais ligados a caminhar no projeto do que às responsabilidades dos órgãos propriamente ditos.

Então muitas vezes há mais gente à volta dos projetos do que propriamente aquilo que acontece em termos formais e no papel, de qualquer forma, penso que é fundamental a existência destes coletivos, principalmente na área social e em particular esta área social também ligada à cultura, aquilo que nós somos, aquilo que nós nos definimos enquanto povo enquanto sociedade enquanto grupo.

O trabalho é no entanto, quase sempre muito invisível, o trabalho que nós todos fazemos, quando vais ver um espetáculo tens uma noção de trabalho que está por trás mas não tens a noção toda do que é e do que implica chegar ali, com uma associação pequena e fazer um espetáculo, move sempre muita energia, alguém tem que andar com a ficha de um lado para o outro, alguém tem que estar em contacto com a organização, alguém tem que organizar os horários das poucas pessoas que fazem parte do projeto. Portanto há sempre aqui qualquer coisa para fazer e essa motivação e esse desejo de fazer está sempre permanente, seja em que área for, claro que depois temos pessoas a liderar projetos com mais ou menos gente, com mais ou menos iniciativa, nem todas as associações têm o mesmo tipo de trabalho e de objetivos e estes também mudam ao longo do percurso do coletivo.

Diria que o caminho depende dos objetivos que tu vais colocando à associação, neste momento os nossos objetivos são estes, já em tempos foram outros e daqui a uns tempos poderão ser outros, tudo depende daquilo que as pessoas que estão nestes coletivos vão desejando e vão fazendo, isto sempre indo ao encontro de mais pessoas, mais outros, portanto sempre a falar de coletivos, estamos sempre a falar de ações que movem pessoas.

Muitas das vezes as associações e os coletivos abrem caminhos que de uma forma individual seria muito difícil lá chegar, é a associação que entra em contacto com aquela entidade, que promove uma conversa às vezes um pouco formal, sim porque ainda somos um país formal, e é entre organizações que depois se define um objetivo comum, que se decide trabalhar nesse sentido, mas tudo isto são processos com muitos desenvolvimentos e com muitas etapas até chegar ao projeto final. Neste projeto do Corre Mundos, eu penso que a nossa primeira reunião foi em março, o que foi bastante cedo, atendendo que estava a marcar as minhas ações para outubro e novembro, sem eu saber muito bem o que é que estaria a fazer nessas datas, e no entanto estava dentro da minha estreia, portanto esse planeamento é fundamental e ainda assim, o Corre Mundos já estava numa fase intermédia, tudo aquilo que já tinha acontecido, imaginar o projeto, submeter o projeto, conseguir o financiamento para o projeto, reunir a equipa do projeto, todo o planeamento de um calendário para o projeto tudo isso demora, mas isso vai envolvendo pessoas.

É muito saudável quando projetos locais conseguem envolver também pessoas que não são locais, quando falo do associativismo local nunca penso numa coisa estanque em que somos daqui e não entra mais ninguém, esta noção de abrimos sempre a outras pessoas mediante as necessidades que o projeto tem, é fundamental. No projeto Corre Mundos o facto de ter visto algumas pessoas nestas formações que também tem um percurso que podemos dizer nacional, porque não tem propriamente um lugar, são cidadãos do país e do mundo, é muito interessante esse cruzamento e essas aprendizagens, na realidade tem tudo a ver com transmissão de conhecimento e também transmissão de vontades de desejos de conseguir estimular as pessoas a participar a fazerem coisas, isto tudo é importante em várias vertentes seja na fruição, seja através de sensibilização de públicos que se consegue por exemplo aumentar o interesse por objetos artísticos só pela fruição artística.

O coletivo tem o dom de apelar à participação, permitir essa experiência de participar, envolver-se num projeto diretamente, fazer parte dele seja de que forma for, é assim que muitas das vezes as pessoas começam a ter outras profissões, eu sou produtora cultural porque me juntei a determinados coletivos que foram proporcionando experiências profissionais.



Tuntunhi - Processo de criação e construção

Tuntunhi em crioulo de Cabo Verde, significa enrolar, dar muitas voltas.

Unir as pessoas à volta da construção de um espetáculo organizado em três tempos – formação, criação e apresentação, foi a proposta artística deste projeto.

O processo de trabalho é muito importante e é através dele que se toca em questões como a construção de uma confiança no corpo, nos imaginários próprios, na voz ou mesmo na importância da impressão destas vozes sem voz nas comunidades globais.

Propusemo-nos abordar as histórias, os caminhos percorridos, as viagens do sítio de origem até Almada, como forma de partilha entre todos, base comum para a construção de um imaginário que nos levou à criação de movimentos, textos e ações. O espetáculo foi o resultado de quem eles foram e se tornam. O ser humano em toda a sua plenitude – entrecruzar de passado, presente e olhos postos no futuro.



Uma viagem pela música

José Grossinho

Compor música para o espetáculo Tuntunhi foi em si uma viagem. Uma viagem de descoberta pelos universos musicais de cada um dos participantes e uma viagem de partilha entre todos. E foi nessa partilha que encontramos pontos em comum, histórias que se cruzam e que foram ajudando a construir o mosaico musical que resultou no espetáculo.

Os vários momentos de partilha dos nossos universos musicais resultaram numa série de propostas em forma de exercícios, ligadas ou não com o movimento, que foram sendo integradas durante os ensaios e na coreografia de uma forma natural e orgânica. Já toda a questão dos arranjos envolveu alguma pesquisa e experimentação.

Desde a música da Venezuela, passando pela Guiné Bissau, pela Índia e pela música electrónica de dança, a conceção sonora do espetáculo conduz essa viagem por várias latitudes, tendo sempre em comum o caminho que todos nós traçamos em busca do melhor de nós próprios.



Todos participam - histórias do objeto-memória

Missing - Performativ project



On Power – Performativ project



Felix Lozano foi convidado a fotografar o processo de trabalho



T u n t u n h i - Radiografia de um espetáculo

Ordem apontada no ensaio 4/5/2022:

Quando vão para a orquestra

O-palmas- freeze

1-Mariana canta "Ehhhh!!! Ehhhhh!"x2

2- Solange canta x2

3-todos cantar seguir Mariana

4-palmas (começa Mónica)

5- caras

6- sons (Diogo)

7- cão (respiração)

8- risos (Fernando começa)

9- riso individual (Fernando todos olham)

10- palmas (movimento limpo só mexe braços)

11- Mónica corta

12-desmanchar

13-bater coração

14 estátuas

15- jogo críquete

16- canção

17- jogo por todo o espaço (NUMUDA) Venezuela

contra todos (NUMUDA) Mulheres contra homens,

(NUMUDA) Cabo Verde contra todos (NUMUDA)

Vitória câmara lenta

18-solange

19.-todos

20 Helder ramos

21 todos

22 história Isabela levanta Helder e Benny.

23- deitar fazer a cama juntos

24- Mila memória

25 corda

26 Mónica sussurra -batuco-pequena discoteca

27- história do Hélder-musica mnino nan chora.

Com solos

2xHelder

1xSolange

1x Íris

Todos várias vezes até ir diminuindo voz e luz

Blackout

Palmas

CORRE MUNDOS APRESENTA
'TUNTUNHI'
ESTREIA
AUDITÓRIO
OSVALDO
AZINHEIRA
ALMADA
28 MAIO, 21H30
29 DE MAIO 17H
ENTRADA GRATUITA
mediante reserva e levantamento de bilhete:
Praça Capitão de Abreu 2 A e B, 2805-111 Almada
(das 9h às 17h)
almadamundo.ama@gmail.com
+351 212 741 428
+351 203 177 200

Ensaio 14 maio 2022



Corre-Mundos

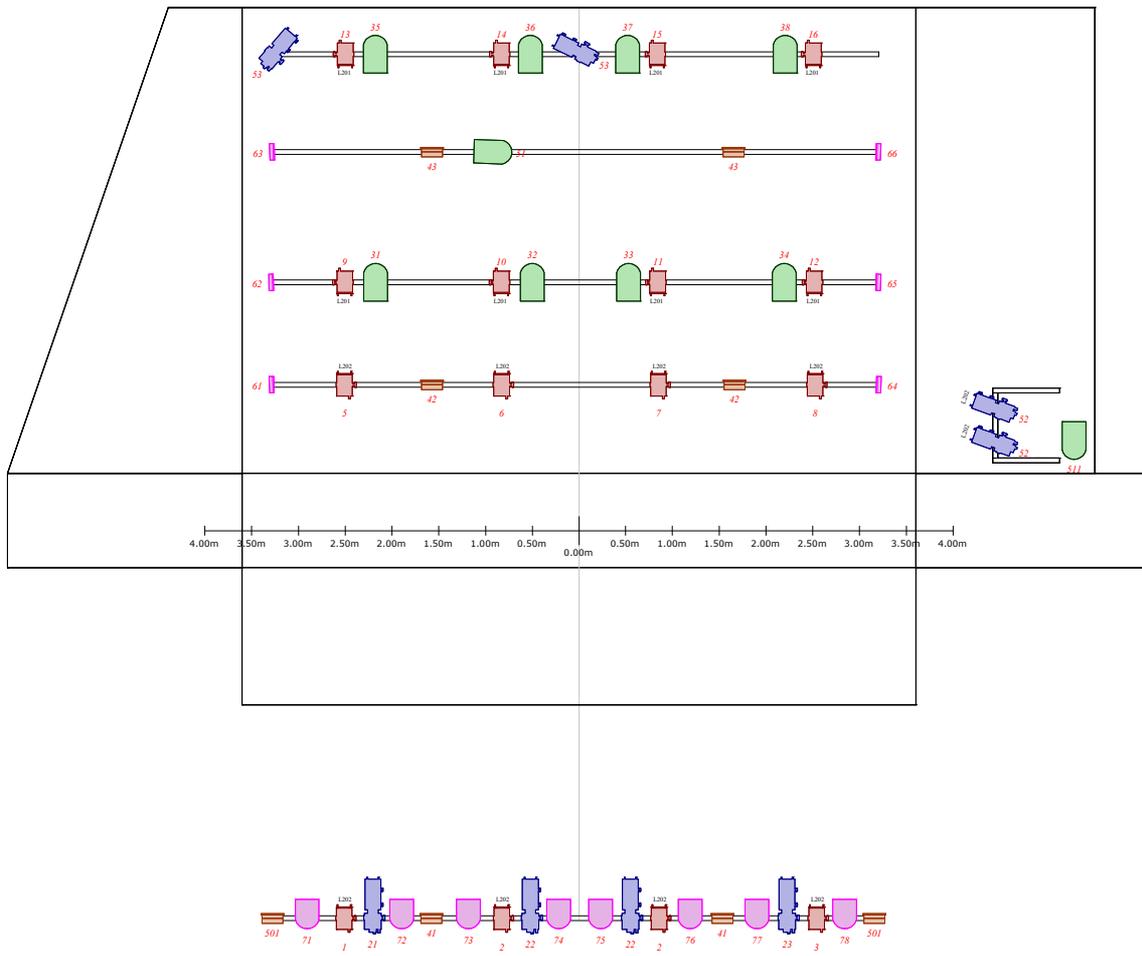
SOM-RIDER TÉCNICO

SISTEMA DE AMPLIFICAÇÃO DE SOM

Este espectáculo necessita de um sistema de amplificação de som convencional (FOH) adequado às dimensões do recinto e respectivo processamento. Este sistema deve encontrar-se fasado e sem distorção.

Input List

Input	Name	Mic	Stand
1	Djembé	Shure SM 57	Short
2	Darbuka	ATM 350	-
3	GEL	Shure Sm 57	Short
4	Ukele	Lapela	-
5	GTR	DPA 4099	-
6	Stereo L	DI Box	-
7	Stereo R	DI Box	-
8	Steoro 2 L	DI Box	
9	Steoro 2 R	DI Box	
10	Vara L	AT 4041	-
11	Vara R	AT 4041	-
12	Frente L	AT 4041	Short
13	Frente R	AT 4041	Short
14	Filipa	Shure Wireless	Long



Tuntunhi de Filipa Francisco

Academia Almadense
28 e 29 de Maio 2022

Desenho de luz: João Chicó
jtchico@gmail.com
+351 929 151 483

Legenda

Symbol	Name	Count
	CameoRoot PAR6	6
	Tempo f650 plus	8
	Tempo pc650 plus	8
	Suono 20/40	4
	PAR 64 CP62	10
	Rima S500 1 cell	8
	Suono 10/28	4
	PAR Led	8

Biografias dos Participantes

- T u n t u n h i

Solange Teixeira

Menina mulher de sorriso contagiante
Ela é simples, sua natureza é mais que beleza
Poderia ser princesa, mas decidiu ser fortaleza
Carinhosa, gosta de kizomba e rap até canta
e escreve, misteriosa!
Ela produz a própria luz se estiver na escuridão
Ela é simplesmente ela!



Jaqueline Spencer

Quem sou eu? Depende de quem pergunta, de onde estou, da música que estou a ouvir, da estação do ano e principalmente de quanto tempo faz que eu não como. Aqui, sinto-me uma pequena melodia doce de se ouvir, mas difícil de se compreender, tanto fria como uma noite de inverno mas quente como uma bela tarde de verão. Me diria Rosa por ser tão frágil, mas ainda assim protegida pelo meu espigão. Eu sou um pouco de cada pessoa que conheci, cada lugar onde estive e cada situação que vivi. Uma mulher profunda para mentes rasas, verdadeira para notas falsas e forte para pessoas fracas.



Izabela Falcão

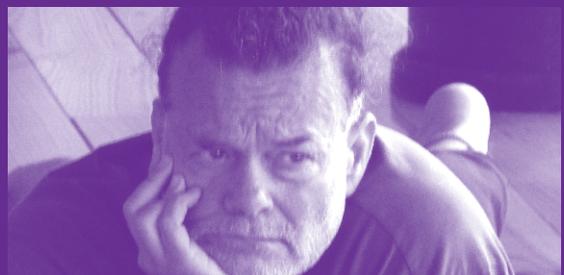
Me chamo Izabela e tenho 13 anos, nasci no Brasil e me mudei para Portugal com 10 anos, eu não fiz nem participei em coisas importantes. A única coisa que fiz, e tenho orgulho, (mas também não foi muita coisa). Foi um seminário com um amigo, para algumas turmas da minha escola sobre a importância do feminismo e a luta contra a homofobia. Já que não tenho muita História para contar, vou falar das coisas que eu gosto, como moda, desenhar, arte no geral, passar tempo com os meus pais, filmes e músicas brasileiras, história, dinossauros, desenhos animados, e editar vídeos sobre coisas que eu gosto. Eu acho que é isso apenas, algumas coisas que eu gosto.



Fernando Chainço

“O tempo tem estas artes de ficar encolhido num lugar discreto, para que não dêem por ele. Tem a arte de fazer outra coisa, para não fazer esta: a de atravessar o rio até ao sul - mesmo o sul do olhar, logo ali. De ir submerso naqueles corpos, de ir nos seus tempos, falas; nas suas roupas, máscaras, de onde se escapa um olhar de bicho confinado. Sou um búzio entre outros búzios, o inventado olhar das marés.

Ao lado, num preciso instante apanhado, poderia ser actor, pretendente a músico, ilustrador, movimentador. Mas sobretudo, um sedento consumidor de beleza.”



Admila Cardoso

Cabo Verde, 1996 é uma entusiasta da Natureza e criação. Frase que se engloba em ser e conjuga a sua forma de estar. Interessada em culturas, pelo desconhecido e as particularidades, curiosa e fã da experimentação em campos diversos como o Teatro e a Dança, mas também em áreas como Cozinha, Empreendedorismo Social e Natureza Regenerativa, Horta em Permacultura, Design e Construção Sustentável, Cerâmica.

Desenvolvendo projetos próprios de trabalho com ervas medicinais/produtos de cosmética artesanal e dinamizando oficinas artísticas para crianças.

Do imaginário ao experimental. Das construções e desconstruções. Das origens e sentidos. Das vivências e observações. Encantada pelos processos e possibilidades de criação.



Fábio Soares

Em Lisboa eu nasci,
Na margem sul eu cresci,
No monte da Caparica sempre vivi.
É aqui que eu tenho os meus amigos,
Foi aqui que eu comecei a trilhar os meus caminhos,
Para me manter sempre concentrado,
E não ir pelo lado errado.
Sou muito brincalhão,
E as pessoas gostam de mim assim,
Tenho muito amor no coração,
E comigo a boa disposição vai ficar até ao fim.



Bernardo Amador

Eu sou de Almada. Nascido e criado, durante um tempo saí, mas voltei. Durante o meu tempo cá eu passei por várias artes marciais e alguns desportos. Passei muito tempo online com amigos de Portugal ou até mesmo do outro lado do mundo. E pronto.. é isso.. nada mais, nada menos.



Íris

Eu sou a Íris, tenho 16 anos e entrei neste projeto com o objetivo de crescer enquanto pessoa, de conhecer pessoas novas e de me familiarizar com outras culturas. Sou portuguesa e sempre vivi em Portugal, porém tenho muita família fora do país, que emigrou por questões monetárias ou políticas.

Sempre tive curiosidade pelo mundo lá fora. Amo viajar e me envolver totalmente com a atmosfera desse novo país. O meu sonho é conhecer o que o mundo tem para oferecer e também encontrar em pessoas completamente diferentes de mim uma semelhança que me faça sentir como se estivesse em casa, mesmo que seja noutro país.



Walter Iván Ramos Menezes

Nacido en Venezuela de padres madeirenses, estudió Técnico Superior en Informática, ejerció su profesión por 15 años en diversas empresas y proyectos, fue profesor de informática a nivel Universitario. Tuvo empresa propia de enseñanza de herramientas de informática para niños y adultos, trabajó en el Instituto Autónomo de finanzas del Municipio Girardot años 5 años, culminó su carrera de Administración de Empresas, Se especializó en Tributación Municipal y trabajó como Gerente de Tributos Internos en la Dirección de Finanzas del Municipio El Limón.

Emigró a Portugal en febrero de 2018, se casó con Yohana Contreras, trabajó en las islas de Madeira y Porto Santo, desde febrero 2020 trabaja como Moderador de Contenido de Redes sociales en la Teleperformance Lisboa.

En 2021, estudió portugués en la Escuela Cacilhas-Tejo, y allí conoció sobre el Proyecto Corre Mundos, teniendo la oportunidad de participar en el espectáculo Tuntunhi, su papel consistió en representar al novio, en alusión al matrimonio de sus padres y su historia de amor, la pieza fue exhibida en el auditorio Osvaldo Azinheira de Almada.



Yohana Nataly Vargas Contreras

Nacida en Venezuela en la ciudad de Maracay de padres agricultores venezolanos, la mayor de tres hermanos, le gusta la fotografía, el teatro, el yoga y la música, uno de sus primeros empleos fue a tiempo parcial como protocolo en el teatro de la ópera de su ciudad, Tras salir de la enseñanza secundaria estudió Técnico Superior en Informática y luego a los 23 años comenzó a estudiar Administración de Empresas en la Universidad Simón Rodríguez. Trabajó en el Municipio Girardot en la atención al contribuyente por 4 años.

Comenzó a ejercer como Administradora a los 26 años en la coordinación de inventario en empresas del área de Logística y distribución con clientes importantes del sector farmacéutico como Glaxo Smith-Kline, Bayer, Pfizer y Sanofi, durante 9 años.

En febrero de 2018 migró para Portugal y se casó en la Isla de Madeira con Walter Menezes, Hijo de padres portugueses y comenzó una nueva historia en estas tierras hermosas.

En el año 2020 se trasladó a Lisboa y luego a Almada, donde estudió portugués en la Escuela Cacilhas-Tejo, y allí conoció sobre el Proyecto Corremundos que considera una manera de aprender y tener una nueva experiencia al conocer personas de diferentes países, en el espectáculo Tuntunhi su papel consistió en representar a la novia en una boda con el tema del amor y la inmigración, tuvo música tradicional de Venezuela fusionada con otros ritmos, la pieza fue exhibida en el auditorio Osvaldo Azinheira de Almada.



Monica Duarte

Dentro dela existem várias pessoas... ora sou uma pessoa doce, carinhosa e muito atenciosa, como num simples piscar de olhos sou a pessoa mais fria do mundo e desligada do Universo. 26 anos já lá vão e sorrateiramente sinto os 27 à espreita hunf... O mundo artístico me fascina, a dança e o teatro São a minha grande paixão, porém não consegui tornar-me nem bailarina nem atriz, o meu mundo, o ciclo na qual nasci não via isso com bons olhos .. e só agora percebi, que utilizar os meus olhos, para



traçar o meu caminho é muito mais importante do que agradar o ego dos outros ... Sendo assim, qualquer oportunidade que tenha infiltro-me neste mundo na qual liberto a minha verdadeira essência! Se me quiseres conhecer verdadeiramente, terás de me ver em palco, para que todas estas personalidades, que aqui vagueiam, possam ser livres
Eu sou a unificação de tudo isso, o resto ... O resto é conversa!!!

Madalena Sousa

Sou apenas um ser humano, que adora viver e que não passa pela vida. Este ser adora dançar e cantar, faz de cada dia uma festa, a festa que é a vida, vivida como se não houvesse amanhã em unicidade. Bom, todos somos diferentes mas o que todos queremos é sermos aceites com as nossas diferenças... Não somos uma ilha, a união e a inclusão é que nos faz grandes.



Quero ainda dizer que tenho um mundo de personagens dentro, que vão saindo e vivendo consoante os palcos da vida que se lhe apresentam... E todas se dão bem e são felizes.

Helder Ramos

Olá, eu sou o Helder mas meu nome pro é SAVAG , um jovem que gosta de experimentar coisas novas. Sou dançarino e canto um pouco.

Sou cabo verdiano que veio para Portugal de um jeito que ninguém gostaria, mas estou aqui, com um sorriso no rosto para mostrando pro mundo que dependente do que está acontecendo na sua vida, tenta não desanimar outras pessoas, porque tem pessoas que tão numa situação pior que você e o seu sorriso vai melhorar um pouco o dia dele. O mundo é melhor quando você enfrenta os problemas com um sorriso no rosto.



Diogo Rocha

Título: Diogo Rocha

Tipo: Humano Macho

Estado de Maturação: Adulto

Idade de Falecimento Prevista: 47 (TA)

Fotossíntese: Não Presente

Objetivo da Observação: Iniciação ao Estudo do Homem

Responsável: Qu'ndar Sephina



Observações: Fiquei um pouco intrigado com o pensamento deste espécime. Não é todos os dias que nos deixam ter acesso aos Humanos por isso eu acho que até tive sorte. Ao Kadhim calhou-lhe uma Fêmea Idosa que passa os seus dias presa ao entretenimento barato de televisão.

Quanto ao meu não me posso queixar muito.

O que mais me chamou a atenção neste espécime é como tudo na sua vida parece acontecer de forma completamente aleatória, sequências de eventos postas em marcha por coisas aparentemente fora do seu controle.

Não sei, parece-me errado.

Normalmente os Humanos têm muita rotina. A "estabilidade".

Este não... Parece meio perdido. Sabe onde quer ir mas não sabe como.

Eu requisitei um daqueles equipamentos que os Observadores usam para ouvir os pensamentos das criaturas.

Não tenho bem a certeza do que descobri.
Pintava-me imagens complexas, sempre complexas e muito diferentes. Planos, estradas, caminhos.
Rios que não desaguam em lado nenhum. Inícios que não têm fim.
Ele tem, estupidamente, um pequeno orgulho nisso. O que é meio ridículo.
Quem se orgulha de não ter sucesso?
Eu acho que ele acredita que está a lutar contra alguma coisa que “não o deixa”.
As suas frases mais comuns foram “Não consigo.” “Não pode.” “Tou farto.”
E umas quantas outras frases feitas que ele utiliza para parecer mais inteligente do que realmente é.
Em suma, o seu pensamento mete-me nojo.
Mas não consigo parar de olhar.
“Como quando vemos uma formiga presa dentro dum copo de água.”
“Nós sabemos que ela não vai conseguir sair de lá. Mas gostamos de acreditar que é possível.”
Eu não sei qual é a sociedade perfeita.
E não acredito que os Humanos tenham a resposta para o nosso problema.
Mas até gosto de os apoiar e acreditar que é possível.
Tanto para eles como para nós.
Se podemos aprender algo com eles que seja o seguinte:
Eles não são perfeitos.
E nós muito menos.
Qu’ndar Sephina
Waco, Texas 2022
1/5 – FRACO
SEPHINA ISTO É UM TRABALHO DE PESQUISA NÃO UM DIÁRIO!!!!

Andreia Bilé

O meu nome é Andreia, tenho 15 anos, vivo em Almada.
Gosto de Karaté, de dança e de pessoas verdadeiras.
Não gosto de arroz-doce nem de açorda. Estudo línguas e humanidades e um dia gostava de ser psicóloga.



Hélder Gomes de Pina

Da Guiné Bissau nascido a 16 de fevereiro de 1961,
filho de Pedro Gomes de Pina e de Geralda Rodrigues.
É já avô de 5 netos.
Estudou gestão e desde que está em Portugal já teve
vários empregos e formações, aquilo que mais gostou
de fazer foi tocar a sua guitarra em bailes e centros de
dia. Contudo já não tem a sua guitarra, mas continua
a cantar.





Primeiras reações dos participantes sobre o Tuntunhi

Estas foram as primeiras reações após o espetáculo, através do grupo de whatsapp, que foi uma das ferramentas de comunicação mais usadas, neste grupo.

Vocês são fenomenais.
Família linda.

“Um bom domingo a todos.
Mais logo vemos arrebentar
outra vez maltaaa”

“Eu acho que a cena da cozinha tem de especial é que não temos a certeza se o bolo é mágico ou não. Ou se o facto de tomar o tempo para parar e pensar o faz depois poder decidir com um ângulo 360 graus. É por isso que na dança trabalhamos tanto a visão periférica, ver num ângulo maior do que o habitual e nesta peça isso sente-se, essa energia ...”

“Porque dançámos o tango juntinhos ouv

“Parecem difíceis de fora,
mas coisas simples.

Prática faz tudo parecer
difícil de fora”.

Pessoal eu vou sentir muito a vossa falta caramba!!!
E espero poder trabalhar convosco novamente @Jos
@Mariana Tengner @Maria Ines Brás, vocês são os m

"Malta estou de coração cheio nem me apetece falar com outras pessoas fora deste nosso envolvimento foi tudo muito intenso e sinto que convosco cresci imenso como pessoa, sinto me um balão insuflado sou imensamente grata a todos."

"Foi lindo, cheio de emoção e energia... Descansem que amanhã à mais, para que fique na memória e no coração".

"Estamos de parabéns maltaa" Parabéns todos!

indo a batida do coração. Cuidar e curar".

"És uma querida estou de coração cheio, as minhas amigas de ontem dizem que foi tão bom que extrapolou as expetativas delas como é que nós tínhamos conseguido fazer coisas tão difíceis."

Foi maravilhoso foi lindo,
muito obrigada.

Hoje foi muito bom!!
só Grossinho @Filipa Francisco
maiores.

"Hoje mais do que nunca foco ,
disciplina e muito amor
pontualidade (vá dêem-me
um presente, hoje não há
mensagens sobre chegar atrasado."

Meus amigos, estou muito grato por ter participado neste projecto, por vos ter conhecido e construído em parceria este bonito espectáculo.

Hoje foi perfeito!
Beijinhos descansem...

“Hoje o espectáculo foi incrível, todo foi tão intenso e cheio de coisas que possamos continuar com toda esta mais ainda neste grupo.”

“Hoje vamos espantar ainda mais pessoas”

Obrigada a toda a gente que faz parte deste maravilhoso projecto!
Grata por tudo e isto é para continuar!!!!

São muitas as coisas que valorizo e que estiveram bem presentes neste processo. Acredito que a colaboração e a cumplicidade constroem um mundo melhor. Acredito que o tempo é a nossa maior riqueza e "gastá-lo" a partilhar, ouvir e aprender é o melhor investimento que podemos fazer em nós próprios. Obrigado e Parabéns a todos

Eu também estou orgulhoso em ter trabalhado ao teu lado e ao lado de todos

Todo o processo até chegar aqui que enchem a alma... Espero que a magia. Grata, sinto que cresci

Parabéns. FANTASTICO! Abraços

"E porque as arepas tinham um feitiço, como na cena da cozinha do Matrix. Viram?"



Sou um lugar
Dentro dos olhos
Fora das linhas
E do amarelo que emprestas ao céu.
Sou o comboio parado
Desesperado pela electricidade que me
E n v o l v e
E devolve
A o
Cavalo à solta do poeta.
E da voz
Sou café e desespero.
Frequência desfrequência
Luz em contra mão.
Sou esta vontade
De me desfazer
Rio, olhar, mão.

Fernando Chaiço



Reações e Entrevistas

António Matos

Corre Mundos um festival de diversidade, gente de vários continentes e países, fazem de Almada a sua terra. Tão diferentes uns com os outros juntaram-se no palco e eram afinal uma família inteira. Trabalho intercultural, o diferente pode dar união na diversidade, na criatividade. Tuntunhi um espetáculo multicultural que reforça Almada como uma cidade do Mundo.

Filipa Francisco

Tuntunhi. Objetos de memória,... várias histórias contadas em palco, improvisando. A experimentação de processo é muito importante. Criar espaço e terreno para que se tornem embaixadores de uma cidade mais inclusiva.

Adelaide Silva

Esta é a casa que acolhe o palco de Almada e do mundo, este é o Corre Mundos. Histórias múltiplas partilhadas. Vamos fazer um Mundo Melhor.

Monica, Solange e Jaqueline

Tuntunhi quer dizer...?



▶ António Matos



▶ Filipa Francisco



▶ Adelaide Silva



▶ Monica, Solange e Jaqueline





**Tuntunhi
de**

**pelas
José**

**lentes
Frade**

Uma audiência muito significativa, unida por laços em especial, pela diversidade e cumplicidade.

Um desafio que une e inspira o caminho e os caminhantes.













Arte e Comunidade, Tuntunhi - Um percurso intercultural

Maria Inês Brás

Atriz e artista comunitária | Mestranda em Teatro Comunitário

Pretendo com esta reflexão identificar os contributos que os processos da cocriação artística comunitária, têm para a interculturalidade. Olhando em retroação para o exemplo prático da cocriação de tuntunhi, espetáculo de dança comunitário do projeto Corre Mundos, pertencente aos projetos PARTIS. Analisando os possíveis lugares de trocas e partilhas culturais, que estiveram presentes no processo de cocriação, promovendo a interculturalidade, num caminho artístico que se traçou pela expressão individual e identitária, para a partilha e integração de cada um na unidade do objeto artístico, desdobrando-se dialogicamente em saberes, sabores, danças, ritmos e identidades.
Palavras Chave: Arte; Cocriação; Comunidade; Interculturalidade; Identidade

A questão de partida é:

“De que forma as práticas artísticas comunitárias, em especial as de cocriação, podem promover a interculturalidade?”

O caso prático que irá ser estudado corresponde à segunda parte do projeto Corre Mundos, a criação de um espetáculo de dança comunitário, e ao seu processo de construção coletiva.

A metodologia usada na reflexão será de observadora participante, trata-se de uma metodologia qualitativa, muito usada em áreas como a etnografia, ou em estudos ditos sociais. Durante o processo fiz parte do grupo como assistente de ensaios e de produção, trabalhando com e para cada um dos elementos do grupo, estando integrada no mesmo, e atenta às suas necessidades, dificuldades e conquistas.

Início, Meio, e Fim?

A construção comunitária do espetáculo tuntunhi, será descrita, numa tentativa de materializar conhecimento obtido por observação participativa durante o processo de construção. Tentado agora chegar perto das oportunidades da arte e dos seus processos, na promoção da interculturalidade.

No final do ano de 2021 a associação Almada Mundo e a diretora artística do projeto Filipa Francisco iniciaram a segunda parte do projeto, fizeram um convite aos vários participantes do projeto Corre Mundos de ingressarem num espetáculo de dança comunitário que seria tecido por todos com os seus corpos, as suas histórias, os seus saberes e caminhos.

Em janeiro de 2022 começaram os encontros que traçaram o início da formação do grupo de intérpretes, que compõem o espetáculo. A equipa artística e a equipa social do projeto trabalharam em conjunto em diferentes sessões de quebra-gelo que serviram para dar a conhecer os diferentes elementos do grupo, uns aos outros, bem como o objetivo final e as suas exigências.

Tuntunhi, verbo intransitivo do crioulo que significa gaguejar, hesitar. Segundo uma das participantes, significa também enrolar, dar muitas voltas, e foi este o nome que o grupo decidiu dar ao espetáculo. Pois tuntunhar “foi o que fizemos para chegar aqui, experimentamos, conversamos, comemos e improvisamos, juntos, enrolando histórias e saberes, numa caminhada intergeracional e intercultural.” Foi uma caminhada dialógica composta por descobertas e trocas, que se deram ao longo do tempo e proporcionaram que o objeto artístico fosse um lugar de interculturalidade.

Ao início o nível de compromisso dos participantes era baixo, para com o objetivo, pois o mesmo ainda parecia distante. À medida que fomos fazendo as últimas chamadas de participantes e pedindo um maior compromisso aos que tinham real interesse nesta construção, começaram a adotar posturas de maior compromisso para com o grupo, e o mesmo nasceu. A presença é fundamental para se criar o grupo e o próprio objeto artístico.

Os diferentes hibridismos compostos por palestras, workshops, espetáculos performativos, almoços, lanches e jantares, tiveram também um real impacto na formação deste grupo, pois os participantes tiveram a oportunidade de estar juntos em diferentes contextos e situações, que proporcionaram trocas culturais como cozinhar arepas da Argentina, ou pizzas italianas, comer uma cachupa de Cabo-Verde, provar pães de queijo do Brasil, cantar uma música da Guiné Bissau, improvisar um samba, ouvir crioulo, compreender o espanhol, e falar até com o corpo.

O tema da migração lançou o mote, para a convivência e a partilha entre culturas, e o estímulo à singularidade, provocou nos participantes uma maior confiança e empoderamento. Quanto mais se partilhava, mais profundos eram os vínculos afetivos entre os diferentes elementos do grupo, cada vez se sentiam mais unidos ao objeto artístico, e conseqüentemente mais conectados uns aos outros. Que resultou num espetáculo cheio de verdade e poesia com capacidade de tocar o espectador, promovendo encontros artísticos, políticos e humanos.

Espero que o espetáculo tenha ainda a oportunidade de tocar mais público, e de ele próprio migrar com os seus proprietários pois aquilo que se vê no palco é a pessoa e a comunidade vestida de poesia, mas são aquelas pessoas, o grupo não poderia ser o outro nunca para o espetáculo ser tuntuinho, pois o objeto artístico é dependente da individualidade de cada um para existir o todo.

Do Individual para o Coletivo

O ser humano enquanto ser individual precisa de conhecer-se, para não ser facilmente manipulado, escolhendo de forma consciente o seu próprio caminho. A este processo de consciência crítica do caminho a seguir, pode chamar-se de emancipação.

A literacia artística, a prática e o consumo da arte despertam no ser humano uma consciência estética que nos permite relacionar e experienciar o mundo de forma mais ampla, o que pode ajudar no processo de conhecimento do que nos rodeia. Objetivo importante quando se trabalha em direção de uma sociedade democrática, humana, composta por relações dialógicas horizontais, que abram espaço à interculturalidade.

Mas antes de chegarmos ao diálogo é importante dar ferramentas a todos os participantes de autoconhecimento que permitam a cada um ser dono da sua história para a partilhar. O processo traçou-se então do individual para o coletivo.

De forma dialógica e democrática foram-se tomando decisões relativas à composição do espetáculo que concentrava em si um pouco de todos. No entanto a última decisão cabia à “gestora de imaginários” Filipa Francisco que com a sua mestria e sentido ético juntou profissionais e participantes num processo de transformação poética, que era interpretada por cada um de forma única e singular. Quanto mais heterogêneo for o grupo, mais rico pode ser o potencial intercultural do objeto artístico. O objeto artístico pode ficar mais universal, e atingir também de forma mais universal os seus espectadores.

Conclusão

Para que este processo se dê é fundamental que o ego esteja focado no coletivo e não no individual. Os envolvidos, participantes e principalmente profissionais, têm a responsabilidade de criar pontes facilitadoras que promovam a empatia, a compaixão e a tolerância, abrindo espaço à interculturalidade.

A arte é, com frequência, um ato de coragem e resistência. Os intervenientes compuseram o todo do objeto artístico também com coragem e unidos em resistência ao preconceito, ao racismo e às diferentes injustiças sociais provenientes de uma sociedade pós-colonialista que ainda hoje encontra poucos espaços de diálogo cultural. Por essa questão é cada vez mais importante nos dias que correm, que as nossas cidades e sociedades possam ser lugares onde todos somos respeitados e vivemos com conhecimento e liberdade de escolha sobre o percurso a seguir.

Durante a construção do espetáculo os intervenientes participantes e profissionais, partilharam conhecimentos, experiências, culturas, e identidades criando um objeto artístico intercultural que representa todos na sua singularidade de forma coletiva.

Referências

Infopédia. (n.d.). tuntunhir | Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Infopedia.pt - Porto Editora. Retrieved September 28, 2022, from <https://www.infopedia.pt/dicionarios/verbos-portugueses/tuntunhir>

Cruz, H. (n.d.). A democracia precisa da cultura e a cultura precisa de democracia. PÚBLICO. Retrieved September 9, 2022, from <https://www.publico.pt/2022/03/05/opiniao/opiniao/democracia-precisa-cultura-cultura-precisa-democracia-1997625>

Bourriaud, N. (2017). Estética relacional. Adriana Hidalgo Editora.

Cruz, H. (2016). Arte e comunidade. Fundação Calouste Gulbenkian, DI.

Melo R. S. (2013). Marx e Habermas : teoria crítica e os sentidos da emancipação. Saraiva.

ENTREVISTA EXCLUSIVA MIGUEL ABREU – FESTIVAL TODOS. (2016, September 20). Gerador. <https://gerador.eu/entrevista-exclusiva-miguel-abreu-festival/>

Corre Mundos (Partis/Gulbenkian) Performative Project. (n.d.). Wwww.youtube.com. Retrieved September 29, 2022, from <https://www.youtube.com/watch?v=9ikWtH4wHeA&t=27s>

Espectáculo "CORRE-MUNDOS – Transformação Comunitária pela Art`Inclusiva." (n.d.). www.youtube.com. Retrieved September 29, 2022, from <https://www.youtube.com/watch?v=8mJuY1YrLZY>

Quando seguras uma pedra, seguras o universo lá dentro.
Não há medida que explique o universo, só o exagero...
O exagero de milhões de palavras.
O exagero do olhar em arco. O exagero da comoção.
Um dia desejei ter na morte, o velar das estrelas.
Cifras, grandezas, dimensões que só a elegância aflora leve,
logo submersa na substância
O universo dorme nesta pedra que a mão grave talha
na sombra de uma irascível luz numa esfera que tudo inscreve.

Fernando Chaiço





Como mudar uma escada em Graffiti 21 degraus...! Comunitário.

Vasco Maio

Arte mural ou graffiti é das Artes mais democrática, não tem aquela barreira em que tu tens que passar por uma porta de uma galeria ou de um museu. Não porque as pessoas saem de casa e convivem diretamente com ela.

Pôr as pessoas a ter um primeiro contacto a experimentar as tintas e a pintar as ruas é de extrema importância porque é uma forma delas sentirem que as estão a ocupar e que as ruas são delas de facto, que as podem viver.

Estamos confinados a nossa casa e achamos que as ruas são responsabilidade de outras pessoas ou entidades públicas, mas as ruas também são das pessoas e devem ser vividas pelas pessoas.

Esta ação é um primeiro contacto que pode abrir portas para eles acreditarem que podem criar e envolver-se em projetos comunitários.

Com a dinamização de Luís Cruz e a participação do Artista Vasco Maio, juntaram-se participantes de diferentes idades, nacionalidades e sensibilidades, que em conjunto partilharam uma tarde de transformação do espaço público, numa perspetiva mais artística e colorida. Falamos da colaboração intergeracional, intercultural e acima de tudo partilhamos a alegria da transformação conjunta e das aprendizagens partilhadas.



▶ Luís Cruz



▶ Vasco Maio



Dar Cor à Rua... com Vasco Maio.

A arte acessível a todos... as pessoas devem sentir as ruas como delas! Ocupar e Viver a Rua!

Corre Mundos e o Espírito Comunitário... Estas coisas não só são importantes, como necessárias! Uma relação simples e espontânea. Espírito comunitário, rir, brincar, convivência e partilha, testemunho de Luís Cruz com imagem e edição de João Pinto.



A I m a d a Movimentos Culturais + Inclusivos

Mesa Redonda

Partilhamos com duas dezenas de participantes e quatro colectivos de Almada as Boas Práticas que cada uma tem na relação com a Arte, a cultura, a criação artística, a cidadania e a inclusão.

Associação Lifeshaker, representada por Larrochelle Ferreira que apresentou o Projeto Laboratório do Amanhã. Podem saber mais em: <https://www.facebook.com/lifeshakers/>

“A criação e experimentação de recursos educativos de qualidade é um desafio transversal ao Laboratório do Amanhã. Na metodologia..., o ensino de literacia financeira alia-se à criatividade e à expressão artística, ...funcionará?”

Associação AD SUMUS representada por Tina Maria Vaz que apresentou o Projeto BIGFISH *Do better, Be better*. Podem saber mais em: <https://www.facebook.com/adsumus.estamosaqui/>

“Venha provar o que há de bom na margem sul! Empreendedorismo Local. Bens, produtos e serviços.”

Associação Cultural O Mundo do Espetáculo representada por Manuel João que apresentou os diferentes projetos e ações da intervenção comunitária da associação.

<https://www.mundodoespectaculo.com/>

“Um projecto que é um Mundo... de formação, animação e criação artísticas, nele se consideram fundamentais a educação estética como componente crítica e integradora do conhecimento e a educação artística como componente expressiva e criadora.”

Associação Mundo em Rebolço, representada por Filipa Francisco, que apresentou o percurso desta associação na Arte Participativa, nomeadamente de públicos menos favorecidos.

<https://www.facebook.com/MundoemRebolico/>

www.mundoemrebolico.pt

“Uma estrutura de investigação, experimentação, formação, criação e circulação...”

Contamos também com a presença e contributo da representante do PNA, que deixou o convite/sensibilização para que as escolas pertençam/adiram ao Plano Nacional das Artes, assim como a disponibilidade e interesse, demonstrada por parte dos eleitos da junta da união de freguesias de Caparica/Trafaria, para o apoio ao associativismo. A todos vós o nosso profundo agradecimento, fica o sublinhado e a importância de nos conhecermos melhor, de trabalharmos partilhando boas práticas, de desenvolver sinergias entre projetos, principalmente quando os mesmos atuam sob os mesmos territórios. Fica ainda o desafio de um novo olhar, de envolver novos protagonistas e de pensarmos estrategicamente uma Almada mais Participativa, Inclusiva e Artística.

Alguns dos comentários e apreciação dos participantes:

“Foi uma mais valia do encontro entre várias entidades, permitiu dar a conhecer os projetos de cada uma e os rostos de quem os desenvolve ou representa”;

“Ficamos a perceber o contributo que cada entidade pode dar ou procurar noutras que desenvolvam atividades semelhantes, potência-las e mesmo, eventualmente rentabilizar recursos”;

“Foi uma excelente partilha de boas práticas”;

“Deixou uma semente para a realização de mais encontros como este no futuro e projetos partilhados”.



Boas Práticas - Mesa Redonda

Associações Participantes: Casa da Dança de Almada; Ninho de Víboras e Teatro Extremo e sete anos associação cultural.

Moderadoras: Filipa Francisco e Inês Brás

Local: Centro Cultural Fernão Mendes Pinto

Foi objetivo desta mesa redonda, conhecer e partilhar as boas práticas artísticas desenvolvidas em Almada, promover a inclusão e a partilha nos movimentos artísticos e culturais do Concelho de Almada. De forma a criar e a alimentar a rede in e a satisfazer os seus interesses de troca de conhecimentos e experiências em direção a uma maior cooperação entre os diferentes agentes culturais, artistas, associações e companhias. Esta pergunta pretende então criar o mote para podermos conversar agora todos de forma dialógica sobre práticas artísticas inclusivas.

Casa da Dança de Almada

www.casadadanca.pt

A nova direção da Casa da Dança dá continuidade ao projeto implementado pelo coreógrafo Paulo Ribeiro em 2019-20, a convite da Câmara Municipal de Almada, com o objetivo de estabelecer na cidade e no país um centro de dança inteiramente dedicado a esta forma artística.

Com longa experiência em programação internacional e em ações de qualificação artística, Adriana Grechi e Amaury Cacciacarro assumem, em abril de 2021, a direção artística da Casa da Dança com o objetivo de estabelecer no município um centro internacional de investigação em dança dedicado à criação contemporânea, à formação e à qualificação artística através da partilha de processos e obras artísticas, e à difusão de trabalhos performativos para públicos diversos.

A Casa da Dança propõe acionar dimensões afetivas entre artistas e públicos, ativando estúdios, espaços públicos e teatros da cidade de Almada como campos relacionais voltados ao convívio, à fruição, à reflexão e ao encontro entre pessoas de diferentes contextos culturais e sociais. Para criar uma maior proximidade com a comunidade local apresenta uma série de dispositivos voltados à partilha artística visando o aprofundamento da relação dos cidadãos com a criação contemporânea. A programação em 2022 tem como foco três eixos principais que desenham uma rede conectada de ações: Apoio à Criação, Qualificação Artística e Programação Internacional – TRANSBORDA.

Para o Apoio à Criação Artística, a Casa da Dança continua a acolher RESIDÊNCIAS de processos de criação de artistas no estúdio do Ponto de Encontro, em Cacilhas. E proporciona, no final das residências, partilhas públicas de processos, acrescentando diferentes olhares e abordagens aos seus trabalhos, assim como a possibilidade de experimentar e testar propostas com a participação de espectadores.

Teatro Extremo

www.teatroextremo.com

Fundado em 1994 em Almada, Portugal, o Teatro Extremo é uma companhia financiada pela Secretaria de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes e Câmara Municipal de Almada. Tem instalações próprias. É membro da ATINJ – Associação Portuguesa de Teatro para a Infância e Juventude. Em 2002 foi atribuído ao Teatro Extremo a Medalha de Prata de Mérito Cultural da Cidade pela Câmara Municipal de Almada.

Tem por objectivo a criação de um teatro de intervenção poética que propõe o trabalho do ator como o grau zero da sua interpretação estética, valorizando o cruzamento disciplinar do teatro contemporâneo e a multiculturalidade, reafirmando uma inquietação que confronte os limites da condição humana e da própria arte e que através de uma busca permanente ao nível estético e conceptual,

surpreenda e mantenha desperto o interesse do espectador. São, também, objectivos da companhia o cumprimento de um serviço público de qualidade, alicerçado na consolidação e amplificação de hábitos de fruição estética, relacionando o artista com o papel de agente de animação e de formador de novos públicos e, ainda, a intensificação das relações com os países lusófonos e europeus.

Desenvolve um Serviço Educativo em que promove um espaço artístico e lúdico que complementa a vertente formativa da escola e ação na comunidade, com a realização de iniciativas e oficinas para crianças e idosos.

A companhia organiza desde 1996 o festival “Sementes – Mostra Internacional de Artes para o Pequeno Público”, marco incontornável no panorama das artes dedicadas ao Pequeno Público, tanto a nível local, regional, nacional e internacional.

Ninho de Víboras

www.facebook.com/ninho.deviboras

O Ninho de Víboras é uma associação cultural criada em 1996 por um colectivo de artistas. Sedeada em Almada, a sua atuação, de natureza multidisciplinar, tem sustentado a realização e a promoção dos trabalhos dos seus elementos, essencialmente nas áreas do Teatro e da Dança, apesar de, pontualmente se ocupar por exemplo, da organização de acções de formação, exposições e debates. Ao longo destes anos de atividade, o Ninho de Víboras tem apostado sempre na dinamização do tecido cultural local, procurando estreitar relações com outras estruturas e agentes culturais do concelho de Almada. Por intermédio dos vários projetos artísticos, e dando primazia à comunicação franca e clara com os espectadores, à provocação e ao subjetivismo, procuramos aprofundar a relação com a sociedade e com a cultura portuguesa contemporânea.

Sete Anos Associação Cultural

Entre 2016 e 2022, o projeto Sete Anos Sete Escolas desafiou jovens de escolas em Almada e no Porto a criarem espetáculos, vídeos ou exposições a partir de uma peça da coreógrafa Cláudia Dias.

Ao longo do ano letivo, as turmas assistiram ao espetáculo de Cláudia Dias, encontraram os grupos das outras escolas e participaram em oficinas e ensaios onde desenvolveram competências de criação artística e pessoal. No final de cada ano, apresentavam o que criaram aos outros grupos e ao público.

Cláudia Dias e a equipa do Teatro de Ferro fizeram a coordenação artística de Sete Anos Sete Escolas em Almada e no Porto, respetivamente. Uma equipa de sociólogas da associação A3S avaliou o seu impacto social. Alcantara coordenou e produziu. Sete Anos Sete Escolas teve o apoio da Câmara Municipal de Almada, do Espaço do Tempo, e da Fundação Calouste Gulbenkian, através da iniciativa PARTIS - Práticas Artísticas para a Inclusão Social, no triénio 2019-2021. Em 2020, Sete Anos Sete Escolas foi vencedor do Prémio BPI “la Caixa” Solidário.

Aqui ficam algumas das questões refletidas e a transcrição de alguns dos testemunhos deste encontro!

De que forma os projetos e as criações artísticas trabalham a relação arte cultura, inclusão e cidadania?

Se a inclusão é uma das premissas do projeto / criação ou então em que parte do processo é uma preocupação? E de que forma é trabalhada?

Se o contexto territorial de Almada influencia as suas criações ou projetos? De que forma?

De que forma acreditam que as suas práticas artísticas podem ter um impacto na Cidade?

Se tivessem um manual de boas práticas o que o habitava? querem partilhar essas boas práticas?

A Inclusão nos espetáculos do Teatro Extremo

Sofia Oliveira

O teatro Extremo na parte inclusão tem no serviço educativo o seu foco, ainda assim, as condições que damos para assistir aos espetáculos, proporcionamos que qualquer pessoa possa assistir seja pessoas com mobilidade reduzida ou invisuais, temos também uma preocupação social de convidar diferentes coletivos que trabalham, nomeadamente o ensino especial. Creio que até à data não há nenhuma situação em que não conseguimos incluir as pessoas no seu todo, seja quais forem as características que tiverem. No serviço educativo procuramos incluir, e que as pessoas com particularidades ao nível cognitivo e ou motor possam participar e estar até ao fim como iguais.

Num concelho com cerca de 20 associações que têm produção anual própria de espetáculos artísticos, o teatro extremo em particular desde que tem espaço próprio, tem disponibilizado um conjunto de interações e recursos, possibilitando que o associativismo artístico na cidade floresça e tenha ganho capacitação artística e técnica. Falo por mim, no Ninho de Víboras, onde essa articulação acabou por ser muito do meu crescimento artístico e técnico, ver como funciona o espetáculo no espaço, a montagem de luz e som na vossa casa sempre disponível, ajudou muitas das associações deste concelho.

- É verdade não é inocente a nossa partilha, também não é porque aquilo que damos nós também recebemos, surgem colaborações conhecemos o sangue novo dos artistas desta cidade.

TransBorda e a sua Programação. Incluir o quê, quem?

Adriana Grechi/Amauri Cacciaccarro

Que tipo de prática artística nós queremos e quem quer ser incluído neste tipo de prática, pois tem duas vias. Então, nós procuramos trabalhar com artistas que mudam hábitos perceptivos que inventam formas do corpo operar no mundo, do corpo se relacionar que inventam forma coletivamente de criar mundos, que questionam coletivamente as suas práticas, procura programar artistas que estejam conectados com esse tipo de pensamento contemporâneo que já faz parte da sua prática questionar a própria prática de forma coletiva. Artistas que ativam o sentido do corpo, porque linguagem a gente entende além da palavra e nisso a gente tem a aprender com todos. Artistas que procuramos, programar artistas que exercitam a escuta que trabalham de forma colaborativa num constante aprender com o outro, exercitam o diálogo a observação a empatia a fricção de ideias de senso, de trabalhar senso e dissenso, que criam o mundo dessa forma, que não há que haver um caminho, pode haver muitos caminhos muitas possibilidades diferentes e seguimos juntos. Artistas que gostam de partilhar seus processos e que ativam atitudes propositivas. Então a gente procura trabalhar... pesquisando também artistas que ativam essa forma de estar no Mundo. A gente entende muito a inclusão nesse sentido de mistura de um aprendendo com o outro onde existe interesse na linguagem do outro do corpo dos sentidos da palavra também incluir quem? quem quer estar junto!

Fidelização ao mundo do espetáculo - Boa Prática

No nosso serviço educativo, quando terminam os exercícios finais, cada um dos participantes recebe um cartão a que nós chamamos cartão vitalício para assistir o resto da vida, da sua vida e da do Teatro Extremo, aos espetáculos do Extremo. Pode ser mau princípio em relação à nossa sustentabilidade na bilheteira e fontes de receita, mas acreditamos ser bom investimento humano porque essa pessoa vem gratuitamente, fica mais próxima da fruição cultural, os seus familiares ficam tão bem informados dessas atividades e em princípio não se costuma vir ao teatro sozinho. Digamos que a fruição de públicos ganha com isso, há abertura para as artes e para vir experimentar, esperemos que funcione e que as pessoas venham em família ao teatro, se sintam mais informadas da nossa programação seja ela o festival sementes, as nossas criações ou a programação de acolhimento, porque esse cartão vitalício chega a isso também, passa a receber toda a informação das atividades do teatro extremo.

Arte por Cidades e Participação Inclusivas

Mesa Redonda

Um momento de partilha e generosidade por parte dos convidados Marco Paiva, Luísa Bexo, Benedito José, MavatikúVisi José (Mavá), Carla Badalo e o moderador António Fragoso. Mostraram que a prática da inclusão começa quando percebemos que todos somos incluídos e todos podemos incluir, não é uma prática de nicho. A participação através da arte pode ser um processo de empoderamento de valorização e de desenvolvimento do potencial.

A acessibilidade é antes de mais uma condição indispensável e que pode mudar todo um mundo de hipóteses, o desafio é potenciar e tornar acessível. Foram mais de duas horas a refletir sobre o potencial da diferença como uma oportunidade!

Igualdade e Inclusão serão a mesma coisa?

“Igualdade é o conseguimos ter as mesmas oportunidades que os outros ...é quando aprendemos com as diferenças e não com as igualdades.

Inclusão é aceitar a diferença e tornar possível viver com a diferença de cada um aprendendo com essa mesma diferença”

Carla Badalo

“Nós não somos todos iguais, nem nunca seremos, somos todos diferentes e ainda bem que o somos. Eu gosto mais da palavra equidade, gosto mais de pensar na individualidade de cada um, o que podemos construir para cada um, voltamos a acessibilidade para que todos tenham oportunidade de aceder. A palavra inclusão, no meu entender, está ligada à dinâmica quotidiana de nos conhecermos uns aos outros. As palavras podem ser muito violentas se nós não soubermos de certa maneira escavar as palavras, são o código que nós usamos, nós normativos da língua oral, a palavra é para ser discutida, e escavada até ao fundo e nestas temáticas que tocam as diversidades as acessibilidades o universo da deficiência foi se munindo de um vocabulário para se encerrar nela mesma, que nos trouxe a este lugar onde estamos hoje de parecer às vezes porque por mais que nós possamos insistir em discutir determinado tipo de questões elas não são ultrapassáveis, porque as palavras encerram-nos de tal maneira numa forma de fazer que já não nos conseguimos libertar delas. A palavra incluir, continuo a insistir que é um exercício quotidiano, a nossa disponibilidade de estar com o outro, nós somos incluídos quando entramos aqui, porque nos dispomos a conhecer.

O desafio é potenciar, é gerar acessibilidades, a igualdade trouxe esta facilidade da discriminação, que pode ser altamente perversa.”

Marco Paiva



O que disseram os participantes:

“Este encontro foi um contributo para nossa evolução pessoal e profissional direcionado a Inclusão social tendo referência a Arte.”

“Observa-se que a inclusão é um meio de administrar o espaço social, de forma a restituir as condições do ambiente para a inserção do excluído, numa sociedade que faça parte de todos os aspectos da vida, seja, profissional, económico, político, cultural, entre outros.”

“Percebe-se também a importância da ação do indivíduo privado dessas relações, no sentido de não se deter apenas em reivindicar, mas exercer seu papel nessa luta e identificar seu poder de controle sobre a sua vida.”

“Foi de uma grandeza espetacular privilegiar os aprendizados dos jovens que estão inclusos nos projetos e principalmente perceber a potencialidade da Arte no processo de Evolução Humana e de Inclusão Social.”

Caminando juntos, pero no revueltos

Odília Maria De Freitas Caires

Cuando conocí el proyecto Corre Mundos PARTIS, estaba iniciando la coordinación del proyecto Observatorio Liga Almada (OLA), un observatorio inspirado y creado para el estudio científico de las migraciones en Almada, las cuales están representadas a lo largo y ancho de este Concejio Municipal, por 120 nacionalidades (censadas por el SEF), señalando el territorio como heredero de una gran riqueza multicultural, que lo ha acompañado a través de su historia milenaria.

El proyecto OLA, nos permitió acercarnos e interconectar con los diferentes representantes del poder local, autarquías, escuelas, asociaciones, así como interactuar con otros proyectos con objetivos similares, y de esta manera lograr conocer, la realidad de las diversas comunidades migrantes que se están desarrollando en el territorio, las cuales necesitan atención integral y respuestas eficaces, en virtud de las premisas ciudadanas de la inclusión y la integración.

Entre los principales proyectos que interactúan dentro de esta dinámica, destaca el Proyecto Corre Mundos PARTIS, él cual tengo que reconocer plantea una temática muy actual, ofreciendo alternativas innovadoras de inclusión a través del arte y la formación capacitadora, a lo largo de todo el proceso que viene desarrollando durante estos dos años de desenvolvimiento, en las diferentes áreas que abarcan su dimensión social y artística, asistiendo a un número importante de participantes, que se han beneficiado participando en sus diferentes etapas.

Cómo luso descendiente, me identifico con muchas de las situaciones que vivencian, quienes, por una u otra razón se ven en la necesidad de buscar nuevos horizontes y debo confesar, que en algunas ocasiones tengo sentimientos encontrados, por un lado, tener doble nacionalidad nos permite una riqueza multicultural importante, que se transforma en un sincretismo de aquello que recibimos de la cultura de nuestros padres y aquello que aprendemos con la convivencia donde radicamos, pero, por otro lado, está la resistencia al cambio, junto con situaciones emocionales, sociales y económicas que conllevan la decisión de emigrar, que nos colocan en una posición muy vulnerable.

Estos sentimientos, a través de los diferentes proyectos con los que estoy colaborando como parte del equipo de gerencia de Almada Mundo Asociación, van tomando una forma positiva y proactiva, canalizando y sumando esfuerzos de apoyar y mejorar la situación del inmigrante, desde una perspectiva comunitaria, participativa, asociativa, así como ciudadana.

El acompañamiento del proyecto Corre Mundos, desde finales 2021, me han permitido comprender mejor las circunstancias, los retos y los alcances que a lo largo de estos meses el proyecto ha enfrentado, superando y logrando productos de enorme calidad, como por ejemplo el Espectáculo TUNTUNHI, que llevó a las tablas a un grupo de participante en su mayoría migrantes y amigos de migrantes, comprometidos en dar lo mejor de sí, en un mensaje representativo y simbólico de sus vidas, compartiendo sus vivencias personales en comunidad.

Me sumo como una voz más, a quienes están comprometidos con este proyecto socio-artístico, que busca integrar y elevar la condición de todos aquellos que de una u otra forma participaron.

Debo acotar también, que a través de los diferentes proyectos que interactúan con migrantes y grupos étnicos vulnerables, se van desarrollando sinergias, que permiten que puedan colaborar juntos con un mismo propósito, el cual nos une en una simbiosis, dando como resultado abarcar mayores retos y dar respuestas más puntuales y recursivas, "Juntos, pero no revueltos" permitiendo mantener la independencia de cada proyecto, pero beneficiándose con un trabajo común, uniendo esfuerzos y no dispersando fuerzas.

Entre las diferentes actividades que compartimos entre OLA y CORRE MUNDOS, debemos resaltar el Picnic Intercultural Itinerante, realizado en octubre de 2021, donde Corre Mundos ministro una aula abierta, realizada ese día en presencia de la comunidad, donde pudimos participar todos los asistentes al evento, del desenvolvimiento de este grupo, que ha permitido a muchos participantes integrarse y formar familia, donde destacar los valores y los grandes dones que cada uno de ellos tiene. Fue una actividad muy humana y sensible que nos permitió valorar y comunicar nuestras diferencias, encontrando las similitudes en él compartir y la convivencia.

En la mayoría de las actividades organizadas desde la dirección de gestión, social y artística, intentamos integrar todas estas comunidades migrantes que de diferentes formas se han beneficiado de este proyecto, que ha permitido durante los meses que viene desarrollándose, una apertura y una comprensión mayor de las situaciones personales de cada participante, que buscan expandir sus oportunidades con formación y herramientas, para producir sus propios proyectos personales y procurar dar respuesta a la necesidad de sociabilizar y la necesidad perenne de integración, con el propósito de mejorar la calidad de vida tanto individual, como comunitaria de los participantes directos e indirectos.

Emigrar no es fácil, significa dejar nuestras seguridades, nuestra zona de confort, desprendernos de nuestros prejuicios, vencer temores y enfrentar nuevos retos siempre con la convicción de que al otro lado encontraremos apoyo, nuevas y mejores oportunidades que nos permitan desarrollarnos a plenitud, desde una perspectiva del movimiento, la inclusión y la transformación. Como dijo el poeta, se hace camino al andar.

"Caminante no hay camino, se hace camino al andar..."
Antonio Machado

¹ <https://olalmada.pt/>

² Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

³ <https://olalmada.pt/videos/>

RZMA293

DRUNK
CORE

Rho

CRF
status
status







Mostra de curtas e Vídeo Participativo MIA

Migração, Inclusão, Arte

Sensibilizar para uma mudança social no interior de comunidades que vivem em situações de pobreza ou de marginalização, através da criação e exibição dos seus próprios filmes e a criação de diálogos/debates em torno destes. Esta mostra tem o propósito de potenciar o pensamento crítico, a participação inclusiva e a prática reflexiva pela ação coletiva transformadora.

Esta mostra revelou-se uma lição consciente e empenhada das possibilidades e oportunidades, do infinito potencial do território de Almada. Num momento emotivo de partilha comunitária, refletimos sobre o papel da Arte, em particular da imagem e das curtas metragens no processo de consciencialização para os temas da Migração da Inclusão e da Arte, como sentido de desenvolvimento humano e da cocriação de melhoria dos contextos comunitários, através de práticas reais e vivas, corresponsáveis, intencionais, em valores de (re)conhecimento, respeito, para uma cidadania democrática, a cuidar, a partilhar, a viver em coesão e justiça social.



► Flor de Estufa

Flor de Estufa, realizada por **Laís Andrade**, com a participação das atrizes: Nádía Yracema e Cátia Rodrigues.

Sinopse: O quotidiano silencioso de uma imigrante numa exploração agrícola. Diariamente, lida com a solidão e a precariedade, sem nunca esquecer o que deixou para trás. Um olhar sobre a exploração dos imigrantes em Portugal, pelos olhos de uma trabalhadora de estufa.

Duração: 15'



► A Vida de um Sem Abrigo

A Vida de um Sem Abrigo, realizada por **Domingos Costa e Afonso Carvalho**.

Sinopse: O vídeo mostra como é a vida de um sem-abrigo na sociedade. As dificuldades e desafios que vão encontrar na rua.

Duração: 10'



► Da pedra ao grafiti - Arte ou Vandalismo?

"Da pedra ao grafiti - Arte ou Vandalismo?", realizada por **Fátima Borges**.

Sinopse: "A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se a pedra angular" (Salmos, 118:22). Também o grafiti foi rejeitado por não ser considerado arte. O grafiti será arte ou vandalismo?

Duração: 6'50"





► **Tudo pode ser Arte**

“**Tudo pode ser Arte**” – curta-metragem documental, realizada por **Catarina Simões**.

Sinopse: O que é arte? Quais os critérios para definir a arte? Um mini-inquérito sobre o objeto artístico.

Duração: 2'53"



► **A minha história**

“**A minha história**” – curta-metragem documental, realizada por **Joana Dende**.

Sinopse: A minha curta-metragem fala da minha história, desde Angola, onde nasci, até à minha vinda para Portugal.

Duração: 8'35"



► **Humanos e animais**

“**Humanos e animais**”, realizada por **Joana Dende** e **Miguel Lopes**.

Sinopse: A nossa curta-metragem é uma conversa sobre alguns hábitos e costumes partilhados por nós, humanos e pelos animais.

Duração: 5'50"



► **O traço do meu desenho**

“**O traço do meu desenho**”, realizada por **Miguel Silva**.

Sinopse: “O TRAÇO DO MEU DESENHO” fala da minha descoberta pelo desenho e da minha paixão pelo gesto de desenhar.

Duração: 8'10"



“Flor de Estufa” O desejo de contar histórias esteve em mim desde muito nova!

Fazer o “Flor de Estufa” foi, como qualquer filme, um processo longo e de muita teimosia. É preciso muita teimosia para ir avante com um projeto, mesmo quando as condições não estão a nosso favor. O desejo de contar histórias esteve em mim desde muito nova. Para mim, era um prazer chegar à parte dos testes de português em que tinha de escrever uma composição. Era ainda mais satisfatório ser a melhor aluna de português sendo a única estrangeira da turma.

Foi o gosto pela escrita que me levou à licenciatura em Ciências da Comunicação. Fortemente influenciada pelo facto de muitos escritores serem jornalistas ou pela criatividade que poderia exercer no mundo da publicidade. Mas durante o curso, nenhuma das áreas fez realmente os meus olhos brilharem. Foi então que descobri o cinema. Numa disciplina tinha tido a oportunidade de fazer uma curta-metragem e em outra, um documentário. Apenas como um exercício, sem fundamentos nem recursos. Mas foi aí que pensei “é isto”. Eu não queria simplesmente escrever por escrever, eu queria contar histórias.

Decidi prosseguir para um mestrado em Cinema. Foi como projeto final que tive a oportunidade de fazer “Flor de Estufa”. Fiquei a ponderar durante todo o primeiro ano do curso que tema iria escolher. Durante esse ano já tinha feito uma curta sobre uma artista que trabalhava num minimercado, baseado na minha própria experiência nesse lugar, e percebi que definitivamente precisava de partir desse lugar da autobiografia. E foram surgindo os temas com que mais me identifico: a migração, a classe trabalhadora, a negritude, a busca por uma identidade perdida, entre outros. Curiosamente estes eram os temas que mais me envergonhavam sobre mim mesma enquanto miúda. E hoje percebo que é mesmo a eles que tenho de recorrer para criar.

Nesse contexto, em 2019, estava na pausa, de um dos meus milhentos trabalhos de verão, quando li uma notícia sobre patrões de estufas em Torres Vedras presos por tráfico humano. A minha bolha rompeu-se. Eu nasci no Brasil e com 4 anos migrei para uma aldeia na zona rural de Torres Vedras. Os migrantes que trabalhavam nas estufas sempre me foram uma realidade próxima. Conhecia várias pessoas da minha comunidade que trabalhavam nestes lugares, incluindo a minha própria mãe, por algum tempo. Ver as carrinhas de caixa aberta apinhadas de migrantes de madrugada, fazia parte do meu quotidiano. Os relatos que tinha ouvido de situações precárias e de fugas ao SEF faziam, na minha cabeça, parte das “coisas normais” que tínhamos de enfrentar enquanto imigrantes. E quando li essa notícia percebi que não era normal, que havia algo mais e que, em algumas situações, poderia mesmo ser considerado tráfico humano. Foi esta a história que tive vontade de contar instantaneamente. Confesso que tive medo de investigar demasiado o assunto ou de não ter maturidade suficiente para tratar o tema. Mas a história estava a chamar por mim.

Decidi, então, que ia fazer, sim, esse projeto, mas da maneira que me era possível. Li reportagens, fiz entrevistas, reuni histórias. Não só de pessoas que passaram por estes lugares, mas também de migrantes no geral. E escrevi o meu guião. Escrevi a “Maria”, uma personagem sem língua, sem nacionalidade, apenas uma migrante que reúne em si, várias destas vivências que descobri.

A parte da filmagem também não foi fácil. O orçamento que a escola me deu foi muitíssimo reduzido e tive de recorrer a crowdfunding, uma equipa voluntária de estudantes e recém-profissionais, material emprestado de amigos, catering feito pela minha mãe... Mas fizemos. O plano era filmar em março de 2020. Mas todos sabemos o que aconteceu precisamente nessa semana que ia filmar. Foi bastante desanimador e quase desisti. Mas reescrevi o guião, onde já não cabiam cenas como

uma festa da aldeia cheia de gente. Mas foram substituídas por outras cenas talvez até mais bonitas. E filmamos no verão desse mesmo ano.

No ano seguinte, estreamos no Curtas Vila do Conde, o maior festival de curtas-metragem do país. Entretanto já passamos por vários festivais e até já nos rendeu um prémio dos EUA.

Atualmente estou a acabar de escrever a minha próxima curta-metragem, a primeira não-académica, também sobre migração, e a angariar financiamento para torná-la real.

Narrativa **contexto** **autobiográfica** **migratório**

Neste testemunho biográfico faço um relato sobre a minha experiência migratória em Portugal, expondo um contexto histórico, social e económico. A minha história de narrativa autobiográfica no contexto migratório, mais propriamente, revela momentos de felicidades, expectativas de uma boa mudança, dúvidas, medos, frustrações, preconceito, racismo, novas amizades, novos lares, novas profissões, desafios, conquistas, acolhimento, evolução pessoal e profissional. Entretanto, ter foco, ser cauteloso, ter humildade, ter discernimento e ser resiliente, são fatores fundamentais para um imigrante que quer vencer na vida e em qualquer lugar do mundo.

Sou psicólogo clínico no Brasil, e sempre gostei de enfrentar desafios estando constantemente em um processo de evolução pessoal e profissional. E cursar um mestrado fora do Brasil, já fazia parte do meu próximo projeto de vida, então escolhi Portugal para realizar o mestrado em Psicologia Social e das Organizações.

Primeiro procurei fazer uma pesquisa sobre Portugal, vindo a passeio em fevereiro de 2019, gostei do país e tomei a decisão de voltar para cursar o mestrado. Decisão tomada, voltei a Portugal no dia 02 de outubro de 2019 e fui morar na Costa da Caparica, deixando no Brasil minha família, amigos, meus trabalhos, meus pacientes (em especial, meus autistas), colegas de trabalho e uma cultura rica em diversidade. Fiz um planeamento financeiro para custear todos meus gastos, inclusive o mestrado, porém as coisas nem sempre acontecem como esperamos e precisamos ter foco, equilíbrio emocional e financeiro.

Começaram os desafios e dificuldades com a grande burocracia de regularização de documentos, porém, com toda demora e repetições de vezes em ter que voltar a Segurança Social, Finanças e SEF, percebi que o meu orçamento financeiro já não era o suficiente para continuar a vida em Portugal e comecei a procurar trabalho em áreas parecidas com a minha profissão, uma vez que sem o mestrado não posso exercer minha profissão de psicólogo. Foi uma luta constante de entregar curriculum, mandar por e-mail, procurar por sites e aplicativos de emprego e grupos de WhatsApp, até que me surgiu a primeira oportunidade de ter em mãos um contrato de trabalho, não pensei duas vezes e aceitei a proposta de trabalhar sendo pizzaiolo em um restaurante na Charneca da Caparica.

Depois de passar cinco anos na faculdade para ser psicólogo, deixar minhas origens e meus trabalhos no Brasil, de repente me dou conta que estou trabalhando em restauração para conseguir realizar meus objetivos. Não foi nada fácil trabalhar de domingo a domingo e ter um dia para descansar, que por sinal nunca foi um sábado ou domingo. Meu primeiro trabalho foi a chave que abriu portas para conseguir alguns documentos essenciais; NIF, NISS e dar entrada no SEF para conseguir a tão sonhada residência. O trabalho como pizzaiolo durou oito meses porque o restaurante acabou fechando, consequências causadas pela COVID 19.

Eu e o mundo não esperávamos pela Pandemia da COVID 19, e começa um grande momento de tensão psicológica em minha vida, tive medo de não encontrar outro trabalho, e comecei do zero outra vez. Foi preciso elaborar novas estratégias e fiquei horas e noites pensando: como empreender em um país estranho e uma cultura diferente? Como arranjar capital sendo um estrangeiro? Como provar para o mercado que você sabe o que ele quer se não é nativo dele? Estas questões me fizeram refletir sobre o processo de auto inclusão social, para continuar firme e resiliente.

Desempregado e com pouco dinheiro, pensei em voltar ao Brasil. E o ditado popular brasileiro foi real em minha vida: “Mais vale amigo na praça do que dinheiro na caixa”, resumidamente, quem tem amigos tem tudo. Tudo isso porque os amigos brasileiros que conquistei cá em Portugal que também moravam na mesma casa, além de um amigo português Hélio Girão, que me ofereceram moradia e comida até eu conseguir trabalho e ter uma estabilidade financeira. Aceitei este gesto de humanidade, onde me fiz humilde e resiliente, buscando forças na minha crença e na minha pessoa interior.

Depois de cinco meses desempregado fui convocado a uma vaga de rececionista de uma empresa em Almada. Vou aqui partilhar um momento íntimo, posso falar que foi um momento muito forte e de muita resiliência, porque a proprietária da empresa me chamou e falou a seguinte frase: “Peço desculpas, mas não contrato pessoas de cor negra, porque meus clientes não ficam à vontade “. Fiquei uns três minutos em silêncio pensando se respondia a altura ou se permanecia em silêncio, e logo depois falei para a senhora proprietária: “Não é a minha cor e nem a minha classe social que determinam quem sou, como estou e muito menos o tipo de profissional que desejo ser”. Encerrei a conversa falando o seguinte; mais negra que minha cor é a sua alma e sinto muito por você não saber ser humana, busque ajuda porque você está precisando, obrigado. Fiquei horas e dias pensando neste episódio que nunca falei para ninguém, é a primeira vez que relato isso.

Recebi então mais uma convocação para uma entrevista, e dessa vez era em um hospital, estavam a contratar colaboradores para cuidar de idosos. Fui aprovado na entrevista, fiquei muito entusiasmado e no primeiro dia de trabalho fiquei muito assustado com a realidade que presenciei e principalmente quando me passaram as atribuições do dia, mesmo sem ter treinamento ou orientação para exercer aquela função. Entreguei o cargo porque não fui de acordo com a dinâmica e não me identifiquei com o trabalho.

Foram mais de 300 e-mails com envio de curriculum e centenas de ligações na busca por trabalhos, e depois de cinco meses sem trabalho, consegui ganhar um dinheiro extra passeando cães na Herdade da Aroeira. Com o serviço de Pet City consegui juntar um bom dinheiro e melhorar minha situação financeira, além de estar trabalhando e me realizando pessoalmente conheci outras pessoas portuguesas que eram meus clientes e que hoje são meus amigos e o meu processo de inclusão e desenvolvimento social começou a progredir. O serviço de Pet City me trouxe muitos benefícios, foi quando tive que sair da Costa da Caparica para morar na Charneca.

Morando na Charneca da Caparica conheci uma vizinha francesa que tinha um amigo francês dono de uma loja gourmet, e o mesmo estava à procura de uma pessoa para trabalhar com ele. Por indicação da minha vizinha fui contratado e trabalhei na loja Gourmet.

Depois de dois anos de migração, chegou a tão sonhada residência, e com a residência em mãos já fiz minha matrícula na faculdade para cursar o mestrado em Psicologia Social e das Organizações e hoje estou no processo de estágio, aqui no Corre Mundos .

Hoje o meu desejo de continuar em Portugal é cada vez maior, pois estou no lugar certo, no momento certo, com as pessoas certas e o principal; fazendo o que gosto. A vida vem me mostrando que o mais fantástico dessa jornada é sentir-se acolhido por pessoas de uma cultura diferente, e tudo isso está acontecendo porque o processo de inclusão social vem contribuindo de forma positiva em minha vida e na vida de outros imigrantes.





Mostra de projetos. Inclusiv`Arte Projetar o futuro

Ter ideias que se transformam em projetos de impacto comunitário, este foi um dos desafios do Corre Mundos, apoiar ideias e em conjunto trabalhar para que as mesmas se transformem em projeto de capacitação pessoal e de impacto comunitário.

Workshops Inclusiv`Arte, para o desenvolvimento de projetos pessoais/grupo, com impacto comunitário. Na primeira sessão, conhecemos cerca de uma dezena de ideias que se irão transformar em projetos em diferentes áreas, vídeo, teatro, dança, reciclagem e educação ambiental, empoderamento pessoal, oficinas artísticas e formação, foram algumas das propostas iniciais.

O Solar dos Zagallos foi o espaço de acolhimento do encontro de culturas e projetos, nesse sábado, cerca de meia centena de participantes puderam partilhar a sua cultura, as suas ideias e sonhos num encontro PicNíc Intercultural que juntou diferentes projetos no território de Almada, tendo por base um conjunto de parcerias e um denominador comum a Associação Almada Mundo. O Corre Mundos, partilhou as suas vivências no seu percurso formativo e performativo deixando o convite para um próximo Tuntunhi que voltará aos Palcos já em janeiro, desta feita no grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian!





“Open
Corre

Mundos,

evento

day”
final

Adelaide Silva

A sessão emblemática do projeto Corre Mundos aconteceu, a 10 de dezembro, e correu de forma excelente, com a participação ativa dos presentes e ausentes, em pensamento.

Uma rede humana de parceiros fiéis, dedicados. Fomos positivamente surpreendidos com a originalidade do design deste Ebook, da autoria do ROKA e Paulo Pires com a participação de imensos colaboradores e parceiros. Um livro que conta a história do Corre Mundos, pássaro, símbolo, que ao ganhar asas, as fez renascer em nós, encorajando o voo e o desejo de ser e fazer caminho.... Juntos! Juntas!

Um livro, objeto de arte, muito original e muito significativo para memória futura e nosso grande orgulho.

O filme Corre Mundos, da autoria do Zé, está Top+. Vimos atentamente, e confesso que está belíssimo, artístico e comovente.

Fala de nós, de cada um, protagonista, dos processos, das aprendizagens, da construção dos caminhos, em que cada um se encontrou e contou, em múltiplas linguagens, sensibilidades felizes, muita vontade, verdade, vivência.

Um filme com alma, dor, tempo, espaço, , auto - conhecimento, em alegria, autonomia, esperança, muita sabedoria e muita competência.

A arte ao serviço da vida.

A nossa gratidão ao Zé, felicitando - o pela obra de arte e por mais um aniversário feliz, em amor e beleza. Um dia muito feliz! Tudo o que mereces.

Grandes seres humanos!

Uma honra!

O almoço foi assegurado pelos alunos de BAR E RESTAURAÇÃO e respetivos professores, Carla, Ana, e Pedro, com a ilustre Rita, A.O de referência no projeto. Contámos com a confiança da diretora, Isabel Santos, a quem muito agradecemos a disponibilidade do auditório, que tão bem conhece o Corre Mundos. Felicitamos esta comunidade escolar e educativa que caminha, desde sempre, pela via da Art' Inclusiva.

Referir a cereja no topo da manhã, com a magnífica performance do Fernando, o CRIADOR, que nos trouxe perplexidades e reflexões, sentidos de vida.

Fez sentir que tudo está em aberto nas nossas mãos.

Um espanto de performance, organização, mensagem, criatividade, horizonte promissor para partir, voar, ser, sendo, ao sabor dos sonhos de cada um, em fraternidade humana.

Um momento de reconhecimento, de amizade, de saudade e promessas.





Filme CORRE

Documental MUNDOS

Zé Pires

Corre Mundos, o filme, documenta a diversidade geográfica dos corpos-migrantes residentes em Almada, um tecido múltiplo de histórias, de afectos e de sensações.

Migrações, deslocamentos, devires, multiplicidades – disso se faz o testemunho documental que acompanha o processo criativo de construção do espectáculo TUNTUNHI, coreografado por Filipa Francisco.

O filme documental em torno do projeto “Corre Mundos”, nasce de uma constelação de encontros. E *encontro* é aqui a palavra chave. O primeiro e fundamental foi descobrir a Almada Mundo e a sua mentora, Adelaide Silva. Quem descobriu quem? A Almada Mundo é uma plataforma que olha para o *outro* e foi esta ideia do *outro*, como entidade fluída e sinónimo de diferença e de pluralidade, que nos levaria à concretização do projecto “Corre Mundos” e à apresentação final do espectáculo “Tuntunhi”, coreografado por Filipa Francisco.

Como justamente observou Shakespeare, “todo mundo é um palco”: migrações, deslocamentos, devires, multiplicidades – disso se faz o testemunho documental do filme a apresentar.

A missão do cinematógrafo caracterizou-se pelo cuidado em olhar, acompanhar e registar a diversidade geográfica dos corpos-migrantes residentes em Almada, um tecido de múltiplas origens. Uma tarefa difícil, quase impossível, essa de traduzir, através da câmara de filmar, a experiência vivida durante o processo criativo.

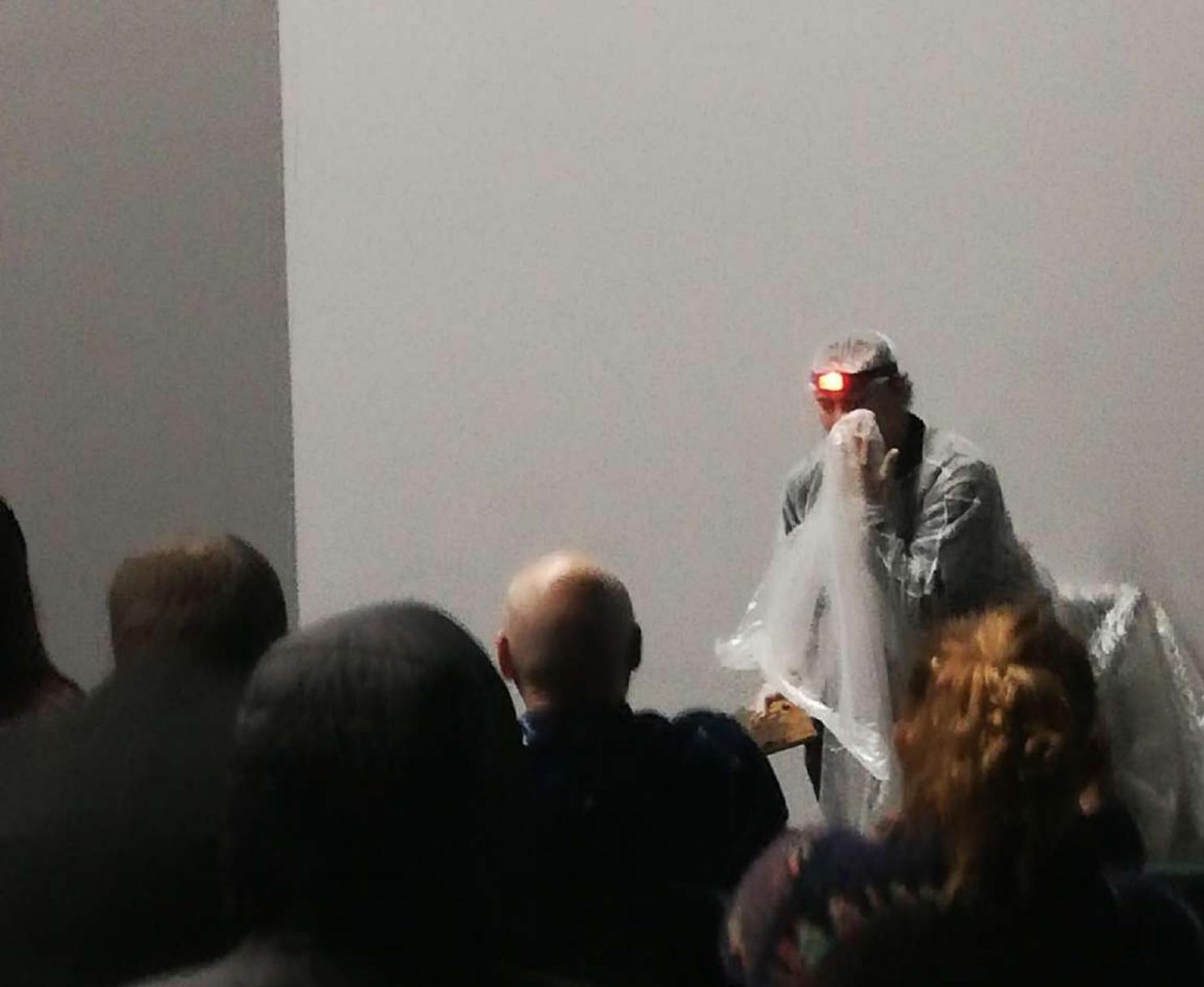
E se a ideia conceptual que balizou o projecto, seria averiguar a diversidade e dos corpos-intérpretes em trânsito, uma cartografia heterogénea de muitas nacionalidades, o que o trabalho performativo promoveu, através de encontros sucessivos, foi a partilha de experiências, de histórias, de afectos e de sensações. Essa foi, sem dúvida, a mais nobre conquista, o mais eloquente dos filmes: o enriquecimento efetivo e afetivo. E isso deveu-se a esse maravilhoso mosaico de diferenças. As diferenças são suplementos e tesouros que devem ser partilhados; esse também é o ofício do cinematógrafo – participar e partilhar.

Experimentar, devir, mapear, escrever, reescrever, inscrever, integrar, errar – de errâncias e de travessias se fez este processo, como as vidas dos protagonistas de “Tuntunhi”.

O olho mecânico da câmara de filmar foi um meio e um dispositivo de observação, que teve o propósito de registar, acolher e escutar o outro e as suas itinerâncias. O filme será uma espécie de atlas inacabado, a fazer-se, como a vida – uma ponte entre mim e o outro. E eu também sou o *outro*.







Do **coração** **se** **parte**

"O futuro foi-se embora.
Fora das paredes.
Fora das sombras e da atmosfera.
Somos o vazio numa casa cheia.
A luta de uma máquina para não partir um ovo;
as máquinas perfeitas deitadas fora. Estão velhas.
E então o mundo foi-se com elas. Que ficou?
Nada. Um corpo e algumas palavras numa casa infinita.
Esta performance resulta da pergunta para
que serve a idade e a tecnologia. Não foi respondida. Não será.
Fica a música no espaço vazio. Fica o corpo da voz".

Fernando Chaiço

Radiografia de um projeto CORRE MUNDOS

Paulo Pires

Quantificar ou qualificar, ambas e nenhuma pode porventura dar o verdadeiro retrato do processo de mudança humana que este projeto promoveu, talvez seja o papel da coordenação social ter um olhar mais atento ao papel transformador e ao desenvolvimento pessoal feito na relação com o outro.

O projeto Corre Mundos, desenvolveu-se num período muito atípico e de grandes constrangimentos às relações de proximidade pessoal, fruto das restrições impostas pela pandemia, fruto dessas contingências acabou por se desenvolver em dois momentos distintos, sendo que, em 2021, não foram considerados instrumentos metodológicos ao serviço da recolha de elementos sociodemográficos ou de caracterização dos participantes, desde logo porque se trabalhava com três grupos geograficamente diferentes, porque muitas das ações foram desenvolvidas em ambiente escolar ou online e porque houve sempre dificuldade em encontrar estabilidade ao nível da coordenação social, que apenas em janeiro de 2022 acabou por acontecer na colaboração com a equipa da ANIMEPAF.ORG e que trouxe essa necessária regularidade e estabilização até ao final do projeto.

No sentido de dar uma visão sistematizada sobre a linha histórica da iniciativa, conseguindo identificar os eventos mais marcantes, os grandes desafios vividos e o processo das aprendizagens vividas.



Corre Mundos em Números

Durante os **24** meses de projeto Corre Mundos, participaram diretamente no projeto **73** participantes (36 em 2021 e 37 em 2022), o grupo muito heterogéneo na sua composição etária, proveniência e condição social, em grande mudança face às condições propostas do projeto e face ao processo pandémico em que o projeto se desenvolveu, em particular nos primeiros 18 meses. O participante mais novo tinha **13** anos e o mais velho **60** anos.

De um total de 122 Nacionalidades que estão registadas em Almada o projeto Corre Mundos abrangeu **17** Nacionalidades a saber: Irão, Perú, Rússia, Polónia, Moldávia, Paquistão, Nepal, Holanda, China, Espanha, Angola, Brasil, Cabo-Verde, Ucrânia, Itália, Venezuela, Guiné-Bissau.

Foram desenvolvidas **174** ações e realizados **25** produtos e resultados partilhados com o público em geral.

As ações de formação e capacitação foram um dos aspetos importantes deste projeto, sendo que se realizaram **15**. O projeto envolveu um número muito significativo de parceiros locais, num total de **35** em diferentes áreas e domínios de intervenção que contribuíram para o maior trabalho em rede e uma maior abrangência territorial na intervenção do projeto, assim como uma maior oportunidade dos participantes se integrarem em diferentes coletivos e dinâmicas, nesse sentido o projeto procurou também desenvolver as suas ações nas diferentes freguesias do concelho de Almada e em diferentes locais físicos, permitindo uma maior inclusão territorial e acessibilidade a diferentes públicos e coletivos, num total de **10** locais diferentes onde se desenvolveram ações do Corre Mundos. Ao longo deste percurso foram envolvidos **25** profissionais, que deram os seus contributos em diferentes domínios e que contribuíram de forma fundamental para a capacitação e mudança que este projeto se permitiu, junto de cada um dos seus participantes diretos e mesmos indiretos, num total de **1124** que decerto também ao assistirem e participarem nos eventos públicos realizados, contribuíram para a valorização do projeto e do trabalho desenvolvido, com um valor financeiro dos diferentes parceiros financiadores, num valor de **71.193,20€**.



Caraterização dos participantes de 2022

A maioria dos participantes vieram do concelho de Almada 83,7%, sendo os restantes 16,3%, com participantes de localidades limítrofes. A participação foi muito bipartida no que se refere à representatividade de género, com 59,5% de participantes do género masculino e 40,5% do género feminino.

Freguesia em que habitas?



Género



Os participantes no projeto demonstraram comprometer-se na sua grande maioria com a participação em todas as ações do projeto 48,6%, e revelam ter um maior interesse pelas ações de capacitação artística 29,7% do que pelas ações de capacitação social e liderança 5,4%.

De que forma gostarias de participar no projeto?



Os participantes do Corre Mundos, constituíram-se como um grupo muito heterogéneo quer pelas suas origens, idades, quer pelos diferentes níveis de formação, sendo que uma larga maioria 43,2% possuíam o ensino secundário, 24,3% o terceiro ciclo e os restantes com/ou a frequentar a licenciatura ou o mestrado. Residem maioritariamente em núcleos familiares até três pessoas 75,8%, sendo que 18,9% dos participantes no projeto indicam viver sozinhos.

Qual o teu Nível de escolaridade?



Apenas 24,3% edificam ter condicionantes que estão ligadas às questões económicas e/ou de saúde. A caracterização também identifica que 13,5% dos participantes se encontram desempregados no momento em que participam neste projeto e que 43,2% são estudantes, 13,5% trabalhadores por conta própria e 29,7% empregados por conta de outrem.

Qual o teu Nível de escolaridade?



Dificuldades e oportunidades encontradas;
Análise sobre o perfil dos participantes que desistiram e dos que permaneceram;

Avaliação de Impacto | Dimensões

- 1) Equilíbrio social/artístico;
- 2) Relevância social do projeto;
- 3) Participação / Trabalho em Parceria
- 4) Qualidade dos resultados obtidos;
- 5) Dinâmica de implementação do projeto;
- 6) Resultados Artísticos;
- 7) qualidade da participação

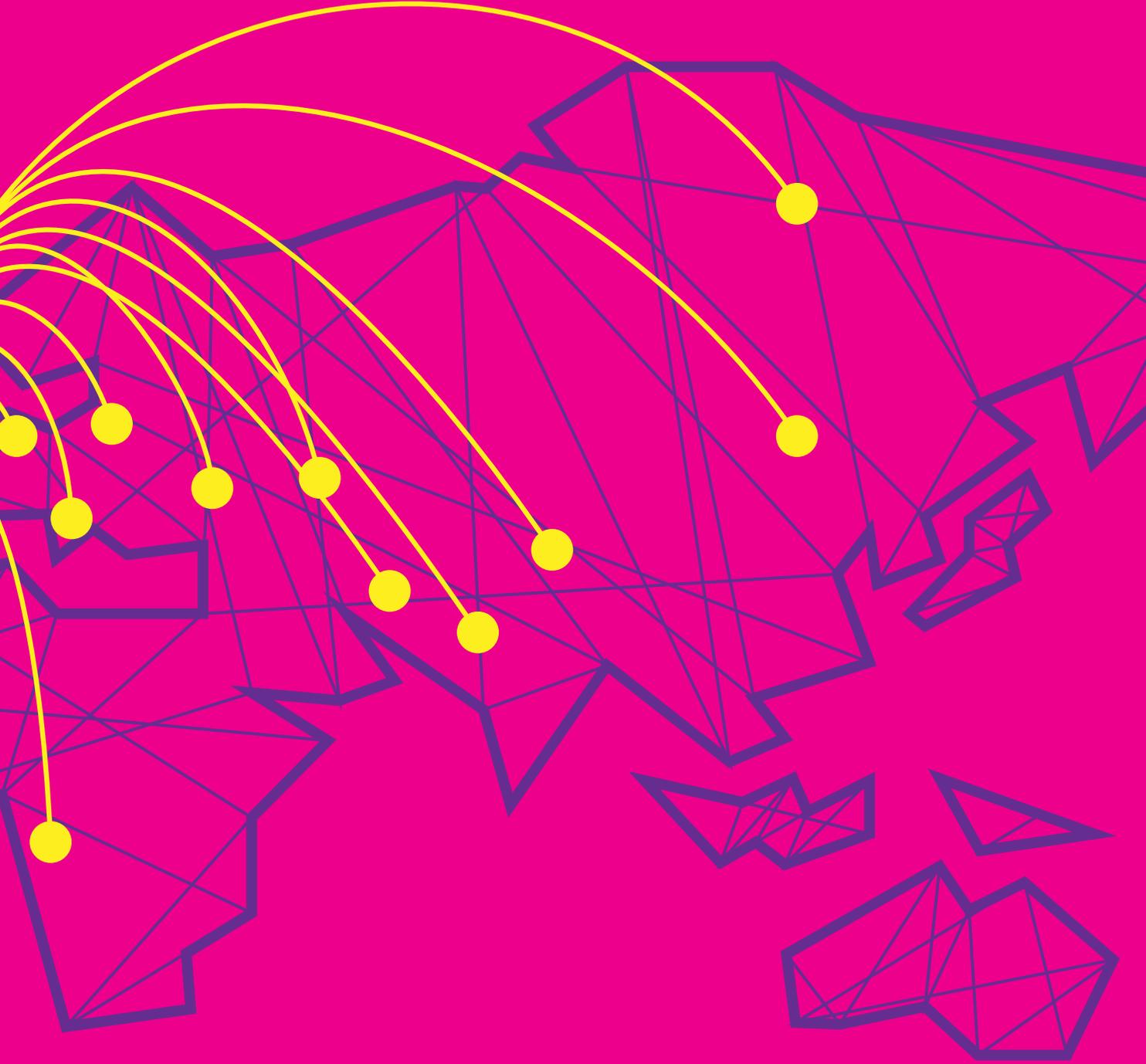
Auto Avaliação de competências adquiridas

- Nível de competência técnica na montagem do espetáculo
- Nível de competência técnica em som
- Nível de competência técnica em filmagem audiovisual
- Nível de competência técnica na performance artística (múltiplas linguagens)
- Nível de competência técnica na construção de figurinos

O projeto Corre Mundos abrangeu **17** Nacionalidades

Irão, Perú, Rússia, Polónia, Moldávia, Paquistão, Nepal, Holanda, China, Espanha, Angola, Brasil, Cabo-Verde, Ucrânia, Itália, Venezuela, Guiné-Bissau.





Esta avaliação foi efetuada no final do primeiro ano de projeto ainda em plena pandemia e num período difícil do projeto, essa avaliação e análise foi efetuada pela empresa A3S. Pelo significado que a mesma teve e pelo impacto gerado, no sentido da mudança e de um novo impulso que acabou por ser desenvolvido logo no início do ano de 2022, creio ser de crucial importância transcrever o que de mais significativo foi analisado nesse trabalho realizado pela A3S.

Uma imagem de percurso, onde se salienta a existência de diferentes pedras, cujas arestas se vão tornando menos aguçadas ao longo do percurso. Ao invés de constituírem etapas num percurso, as pedras representam o grupo, com as suas diferenças, que resultam do facto de todos e todas possuírem um lastro no momento em que chegam ao projeto: "todos nós temos um lastro que tem um determinado peso", "somos algo pesado quando chegamos a um local". Ao longo do caminho que traça, as pedras vão ficando menos arestosas, resultado da erosão arenosa, isto é, através da dedicação e do compromisso com o projeto, da energia que se dissipa neste movimento, e que permite que se criem laços que unem os e as participantes, que estes se tornem melhores indivíduos também através da dimensão coletiva e que descubram e explorem os seus talentos, fazendo-os brilhar – e, portanto, a utilização de pedras preciosas/ouro simboliza precisamente o momento da "descoberta e da realização do potencial de cada um". Porém, o caminho não é sempre fácil e sempre há esforço dissipado em vão, momentos menos solares – "às vezes há mais merda", e, portanto, a utilização das fezes.

Quando convidada a representar o projeto, com recurso a um conjunto de materiais físicos, a diretora artística fê-lo recorrendo à imagem de uma trança que nada mais é do que um conjunto de laços que, no fim, se entrelaçam e adquirem maior solidez e robustez. A imagem da trança mimetiza a fórmula que recordou a partir de um texto de Tolentino Mendonça e que é aquela de "uma comunidade ser um Eu que se transforma em Nós", admitindo ser o projeto a agregação de vários Eu, de todos aqueles e aquelas que participam no projeto e que ali se juntam. A representação que produz apresenta-se enquanto caos por fim organizado, localizado no centro da folha onde assenta, congregando elementos e materiais distintos – pedras, pedras preciosas, areia, alfinetes –, porque o caminho é "feito de muitas coisas". Para a organização derradeira contribui também a areia, material que entende contribuir para a criação de continuidades entre os vários elementos isolados, permitindo, embora podendo parecer um "material ténue", que estes se unam e adquiram o sentido de uma comunidade que se constrói a partir da diferença. A areia, ao invés de elemento que obstrui, toma o sentido de uma ligação não-forçada entre diferentes elementos verifica-se que o perfil dos participantes aparenta ser distinto daquele que define e informa o projeto, designadamente são poucos os e as jovens migrantes.

A auscultação dos participantes assume um papel de relevo na intervenção e na reflexão crítica que pretende desenvolver-se no âmbito do projeto "**Corre Mundos** – Transformação Comunitária pela Art'Inclusiva"

Constituindo os participantes a verdadeira força viva do projeto, uma das preocupações é a de recolher e analisar informação que se traduza, nomeadamente, em indicadores demonstrativos dos resultados do processo de trabalho e das transformações que se pretende alcançar.

O principal objetivo consiste na concessão de voz – vulgo "dar voz" – aos participantes, para que possam estes e estas partilhar as suas experiências, e na apreensão dos sentidos e significados por si construídos. Assim, trata-se de proceder à análise da informação e construir indicadores a partir de lógicas predominantemente indutivas, que permitem configurar padrões ou texturas de sentido e significados.

Ora, os momentos de avaliação e reflexão são, neste sentido, momentos significativos de aprendizagem e, logo, parte integrante do projeto. Nestes e através destes é procurada a criação de espaços para a consciencialização, o debate e a discussão junto dos e das participantes, assim como para a consolidação de aprendizagens provenientes da experiência proporcionada pela participação no projeto.

Deste momento de reflexão importa destacar o papel do projeto, para a grande maioria de participantes, enquanto porta para novas oportunidades e/ou para sair da zona de conforto e para a oportunidade de viver novas experiências particularmente as associadas à expressão artística.

Globalmente os sentidos atribuídos ao percurso são positivos. A descrição deste caminho evoca ideias recorrentes tais como trabalho nas aulas e na apresentação do projeto a outros potenciais participantes, a liberdade de experimentar, outra ideia frequente é a de conhecimento dos pares, de crescente sentimento de grupo, de amizade.

Efeitos e percepções dos participantes causais

No final do projeto em dezembro de 2022, pretendeu-se analisar e perceber junto dos participantes, se identificavam algum efeito provocado na sua vida, com a sua participação no projeto, assim como qual a percepção que tem da sua participação ao longo do **Corre Mundos**, esta avaliação foi efetuada em dois momentos diferentes, de forma presencial e através de um questionário online, ao qual responderam aproximadamente metade dos envolvidos, 46,6% dos participantes no projeto Corre Mundos.

Como ficou a saber do projeto Corre-Mundo?



O grupo de participantes 33,3% identificam algum tipo de dificuldade para estarem presentes e de forma assídua aos diferentes momentos e atividade do projeto, as duas principais causas identificadas foram os horários e rotação de trabalho e saúde (Covid)

O que mais valorizou no projeto?



Porquê?

"Por ser um processo de evolução humana"; "Por serem áreas que estou atuando como estudante de mestrado em Psicologia Social e das Organizações"; "Porque, de certa forma, todos tiveram a mesma oportunidade de ser e de olhar para o outro"; "Porque foi um encontro excepcional, que dificilmente aconteceria de outro modo"; "A ideia de dar ferramentas artísticas a quem não as tem é uma coisa que me interessa bastante"; "os hibridismos contribuíram para uma melhor dinâmica no grupo para além de dar a conhecer aos participantes novas formas de arte"; "A realidade do mundo que vivemos"; "melhor desenvolvimento social"; "porque todos ficaram mais confiantes no que fazem"; "Porque consegui encontrar pessoas bacanas e amigas que provavelmente nunca iria falar fora do projeto"; "Contudo os hibridismos, a formação e capacitação foram relevantes para o espetáculo"; "Excelente relação entre tod@s"; "É uma experiência única ,para aprender y crescer como pessoa"; "Curti muito"; "Foi o que melhor conheci"; "Porque o teatro unificou mais ainda o grupo"; "Pelo processo de criação que foi"; "Pelo poder que a multidisciplinaridade cria a diversos níveis, promovendo a cooperação, o desenvolvimento artístico individual e colectivo das pessoas envolvidas";

Ao perguntarmos se após esta experiência, recomendariam algo similar a outra pessoa, 94,4% respondem afirmativamente, já em relação à questão se o Corre Mundos correspondeu às expectativas 83,3%, respondem afirmativamente que sim e 16,7%, respondem que não, a uns e a outros solicitamos que pudessem dizer o Porquê, estas foram as respostas surgidas:

"Porque me leva a acreditar cada vez mais em novas conquistas pessoais profissionais"; "Porque percebo o desenvolvimento pessoal e a evolução de todo projeto em geral"; "Porque cumpriu, nas sessões e eventos a que fui, tudo aquilo a que se propôs"; "Apetece mais. Desenvolver, re-criar"; "Acho que aquilo que o projeto tinha de melhor (aquilo que referi na pergunta anterior) diluiu-se entre outros "hibridismos". Tanto que, sendo a melhor parte (em ideia) foi a parte mais fraca. Aproveito para acentuar a participação FUNDAMENTAL e infelizmente CURTA do Máva como formador de dança. A ascensão de jovens artistas tanto dentro como perto do projeto devia ter sido mais apoiada desta maneira e não cortada á nascença"; "esperava que fosse algo muito menos interativo e não contava que fosse aprender tanta coisa e conhecer tantas pessoas novas com as quais, por muito diferentes que sejam de mim, me identifico"; "porque sempre quis entrar no mundo da música"; "porque pensei que fosse divertido e foi"; "porque muitas pessoas passaram a se envolver e dedicar"; "Eu não tinha muitas expectativas para o projeto visto que é primeiro que participei"; "Em alguns casos superou como na qualidade artística do espetáculo Tuntunhi"; "É multifacetado e interativo"; "Porque conhecemos pessoas de outras culturas, trabalhamos em equipa y fizemos um gran trabalho"; "Diverti-me e aprendi muito"; "Tudo bem organizado com excelentes colaboradores"; "Fez nos compreender as dificuldades de cada um de nós principalmente no que toca a imigração e como isso impacta nas nossas vidas"; "Não entrei no projeto exatamente com expectativas do que queria que fosse e mais pela aventura que poderia ser e foi incrível"; "Criou-se uma comunidade especial ao projecto, que continua a desenvolver actividades em conjunto. A partilha contínua!";

Tentamos ainda perceber que mudanças identificam ao nível pessoal, após participarem nesta experiência, com o projeto Corre Mundos, seguem-se as partilhas individuais dessas identificações, que giram em torno de um sentido de inclusão, de pertença, de participação, valorização e aprendizagem:

Inclusão social.

Melhor compreensão no processo de inclusão aos imigrantes, a força de acolhimento e profissional através da arte. Mais aprendizagem de realidades que me estão próximas, mas profissionalmente.

Tantas! A vivência com as pessoas do projeto, uma abertura maior ao mundo, o saber da existência daquelas pessoas.

Valorizo-me mais como artista sou uma pessoa com maiores conhecimentos artísticos para além de ter feito amigos muito importantes para a vida.

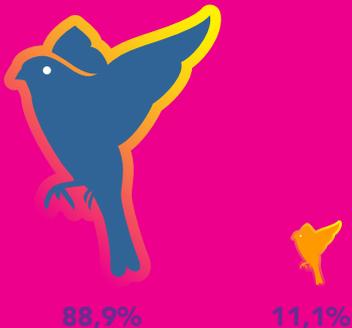
ter conseguido participar em vídeo clips

tenho mais facilidade em socializar

ficaram com mais confiança
 Se calhar o mudar certos movimentos ou passos para não ser repetido sempre
 Conheço mais pessoas com diferentes interesses e conhecimentos
 Melhores seres humanos
 Crescimento, coragem, conhecimento
 Medo escénico
 Nenhuma
 Maior tolerância, mais facilidade em dar apoio a alguém
 Um maior à vontade em expressar
 Um maior sentido de pertença, mais alegria e motivação. Um bem-estar a nível psicológico.

Identificas algum aspecto que tenhas aprendido ou adquirido com a tua participação no Corre Mundos?

Sim
 Não



Qual?

As diversas maneiras de ser acolhido fora do seu país.
 Avaliar pessoas de outras culturas no mesmo ambiente.
 Mais empatia
 Algumas ideias em produção.
 Coragem para seguir o meu próprio caminho
 aprender a trabalhar em grupo e adquirir conhecimentos acerca de diferentes culturas
 uma com a mente mais aberta
 que a paciência é fundamental
 O como agir em palco e experiências novas com as pessoas do projeto
 Formas novas de trabalhar em grupo
 Solidariedade
 Constância, disciplina, conhecimento
 Falar em público
 Adquiri muitas aprendizagens ao nível de teatro, dança, música e canto
 conectar-me com pessoas super fora do meu círculo comum
 A importância da comunidade na vida individual.

O projeto despertou interesse em participar em outros projetos?

Sim
 Não



Se fosses o próximo líder do projeto Corre Mundos: O que melhorarias?

Nada. Que os encontros de reuniões e ensaios pudessem ser em um único sítio de bom acesso para todos. A disponibilidade de mais sítios para realizar mais formações com mais tempo de duração.

Não há absolutamente nada a melhorar. Se fosse líder as melhorias e os ajustes far-se-iam consoante as necessidades do evento.

Não sei. Tenho os meus desejos de encenação, mas aqui foi feito um bom trabalho. Talvez fizesse um trabalho de música e performance com a população mais idosa.

1- Um foco maior no aspeto da formação e apoio aos jovens artistas desta forma, como já referi.

2 - Um foco singular. Acho que o projeto tinha demasiados pontos de foco, demasiadas ambições e nisto, diluiu-se. Só houveram 1 ou 2 pessoas que ficaram do processo de formação para o resto do projeto. Alguma coisa aconteceu.

2.a - Para mim o aspeto social não me interessa francamente, acho que até complica e dificulta a execução da minha ideia. Todos são convidados. Mas ir atrás de certos grupos em específico acho que não se adequa quando quem quer fazer está lá e acaba por se sentir secundário. 2.b - O espetáculo aconteceria como by-product. Como consequência do resto do projeto e SE fizesse sentido. Acho que a ideia de um espetáculo acontecer dentro deste tipo de projeto faz sentido quando ele acontece naturalmente. Que não foi o que aconteceu. A criação como parte natural e espontânea do processo de capacitação. (E não ser um momento à parte). 2.c - A troca cultural é gira, é engraçada, mas a acontecer acontecia dentro do projeto, dentro das aulas, dentro do produto que se cria, naturalmente. E não em almoços (embora tenham sido giros). Capacitar pessoas artisticamente de forma a que elas possam contar a sua história seria a minha ideia. (e não foi o que aconteceu. No espetáculo só entrou 1 pessoa que esteve lá desde o início, o resto não passou pela formação só pela criação/ ensaios). 3 - Melhor planeamento (em geral mas na formação em particular que é o que me interessa.)

4 - Jam Sessions - Não faz muito sentido mas as que houveram (2 creio) foram muito boas e aconteceram por acaso. Banda Corre Mundos ao vivo no Coliseu quando?

não sei, a cronometria; o horário de dedicação para o projeto.

Integrar novas histórias ao projeto e tentar fazer com que todos participem nas histórias apresentadas nos espetáculos

Mais organização na comunicação dos diferentes eventos que ocorreram.

Não sei, Aplicação de novas estratégias

Locais mais centrais

Não há nada a melhorar, está ótimo assim como está

Mais tempo para executar as diversas atividades.

À pergunta se pudesse definir numa frase a sua experiência no projeto Corre Mundos, qual seria?

As respostas foram as seguintes:

Corre-Mundos, um projeto de Evolução Humana.

O Projeto Corre-Mundos consegue contribuir com a saúde mental, física e social de cada participante.

Correndo para apre(e)nder

Imensa! E deixa vontade de trabalhar com este grupo novamente. E poder fazer os meus projectos artísticos alargando-os à comunidade.

Promissora, mas a profundidade ficou aquém. Aproveito para sugerir o seguinte - Um sonho mais perto de nós. Mais fácil de atingir. Para que o resultado seja acima do esperado e não simplesmente satisfatório.

Enriquecimento e cultura não se obtém apenas a ler livros de histórias e sim a ouvir histórias reais de pessoas reais

Nunca desistir do que quero

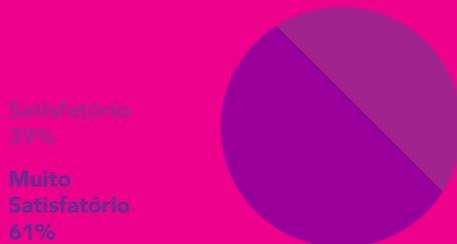
Este projeto ajudou-me a encontrar pessoas que ajudam e não julgam e tem uma convivência incrível entre todos.

Uma experiência, para levar para a vida

Espetacular. Devíamos tentar incorporar histórias novas e tentar trazer pessoas novas.
Uma experiência de amor e afeto capaz de criar comunidade!
Interessante e muito abrangente
Inclusão, Curtir, Fabulosa, voltar a viver quem sou de verdade
Evolução, divertida, Inspirador e reparador.

Procurou-se saber quais os efeitos percebidos pelos participantes no Corre Mundos em cinco dimensões da sua vida, diretamente relacionadas com a sua participação no projeto.

O efeito que o projeto teve ao nível da tua felicidade



O efeito que o projeto teve ao nível da tua saúde



O efeito que o projeto teve ao nível da tua vida social

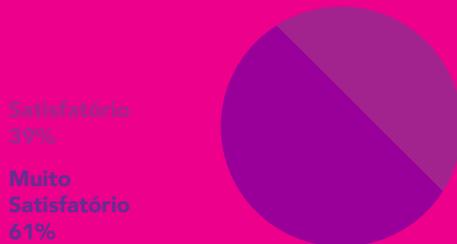


O efeito que o projeto teve ao nível da tua autoestima



Os resultados apontam para uma clara valorização dos efeitos positivos da participação no projeto Corre Mundos em todas as dimensões sugeridas, mas é ao nível da "Felicidade" e da "Realização pessoal" dos participantes, sendo que é na "Vida social" que encontramos uma maior % de participantes "muito satisfeitos".

O efeito que o projeto teve ao nível da tua realização pessoal



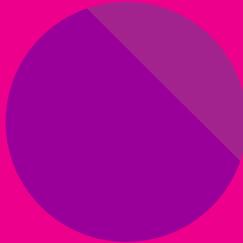
Foi ainda pedido aos participantes que avaliassem o projeto em quatro itens, a saber: Equipa de projeto; Participação pessoal; Interação entre participantes e Avaliação global do projeto. Os resultados dessa avaliação demonstram total satisfação da globalidade dos participantes quanto aos itens propostos,

de realçar que é no item da “Interação entre participantes”, que encontramos uma maior % de “muito satisfeitos” e na “Avaliação da participação pessoal”, que encontramos a menor % de “muito satisfeitos”.

Como avalias o trabalho de toda a equipa do projeto (artística, social e de gestão)

Satisfatório
27,8%

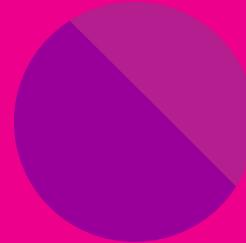
Muito Satisfatório
72,2%



Como avalias a tua participação pessoal?

Satisfatório
38,9%

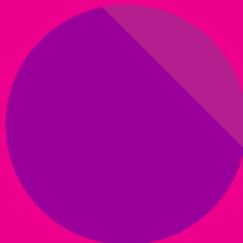
Muito Satisfatório
61,1%



Como avalias a interação entre todos os participantes do Corre Mundos?

Satisfatório
22,2%

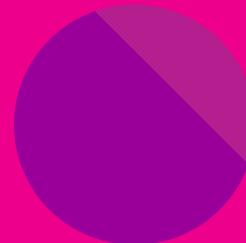
Muito Satisfatório
77,8%



De maneira geral, como avalias o projeto?

Satisfatório
27,8%

Muito Satisfatório
72,2%



Avaliação das e Perceções Parcerias

A avaliação que se segue é o resultado da auscultação da rede de parceiros num total de 35 parceiros, que este projeto envolveu. Desde logo somos gratos pela parceria e apoio prestado ao projeto Corre Mundos a todos os parceiros cada um em particular, foi muito importante neste projeto em determinado momento, a avaliação efetuada é muito importante para nós, principalmente agora que estamos a chegar ao final do projeto, quisemos ouvir as suas opiniões nesta parceria e as suas perceções sobre este projeto, criando condições para que possamos melhorar o nosso trabalho em rede em futuro projeto. Responderam ao questionário **60%** dos parceiros. Passemos a analisar os contributos desta rede de parcerias.

A larga maioria, **95,2%** dos parceiros, mostra-se satisfeito com a parceria efetuada no **Corre Mundos**. Dos que não estão satisfeitos com a parceria **4,8%**, apontam como causa da mesma a pouca definição do seu papel no projeto, ainda o descontentamento com o facto de não terem estado aquando da elaboração do projeto e com isso uma maior previsão de maior partilha e presença nas atividades do projeto.

Freguesia em que habitas?



30%



27,5%



15%



- UF de Almada, Cova da Piedade, Fragal e Cacilhas
- UF de Caparica e Trafaria
- UF de Charneca de Caparica e Sobreira
- UF de Laranjeiro e Feijó
- Freguesia da Costa de Caparica
- Freguesia da Amora
- São João dos Montes
- Campolide

Quanto às formas de divulgação das ações que o projeto realizou, **42,9%** dos parceiros identificam como apropriadas, **33,3%** totalmente apropriadas e **19%** consideram ter sido pouco apropriadas e **4,8%** não tem opinião sobre a divulgação do projeto.

Uma grande parte dos parceiros **85,7%** acompanharam presencialmente o projeto, no espetáculo ou em alguma das ações públicas, ainda assim **19%** indicaram não ter estado presencialmente em qualquer ação pública do projeto.

Quanto ao trabalho desenvolvido ao longo do projeto Corre Mundos na promoção da participação e no planeamento das atividades, **57,1%** dos parceiros diz estar satisfeita, **14,3%** afirmam estar satisfeitos, os mesmos que afirmam estar muito satisfeitos, já **4,8%** indicam estar pouco satisfeitos. Relativamente à informação disponibilizada sobre as atividades ao longo do projeto, **47,6%** dos parceiros demonstram estar totalmente satisfeitos, **9,5%** muito satisfeitos e **28,6%** satisfeitos, ainda assim **9,5%** dos parceiros mostram-se pouco satisfeitos e **4,8%** não tem opinião.

No que se refere ao cumprimento dos objetivos e resultados inicialmente propostos, **33,3%** dos parceiros afirmam estar totalmente satisfeitos, e igual percentagem afirmam estar muito satisfeitos, **28,6%** afirmam estar satisfeitos e **4,8%** não tem opinião.

A avaliação dos parceiros face à parceria estabelecida e o trabalho desenvolvido em rede, neste projeto apresenta uma variabilidade grande entre os que estão pouco satisfeitos **14,3%**, passando pelos que se encontram satisfeitos **19%**, até aos que demonstram estar muito satisfeitos **23,8%**, e por fim **42,9%** afirmam estar muito satisfeitos. Todos os parceiros que participaram neste questionário de avaliação demonstraram interesse em dar continuidade ao trabalho em parceria, em futuros projetos.

Solicitamos aos parceiros que contribuíssem com sugestões de melhoria para futuros projetos em parceria no território de Almada, partindo do que identificaram como aspetos relevantes a melhorar a partir desta experiência do Corre Mundos, segue-se as respostas partilhadas.

“Melhorar o modelo organizativo, comunicação e imagem”.

“O projeto Corre Mundo foi uma mais valia para Almada e para as suas gentes. É de continuar. Parabéns”

“Menos é mais. Menos mais ações, mais acompanhamento e divulgação das mesmas.”

“Criarmos dinâmicas nas associações parceiras”

“Todos os projetos a desenvolver terão de ser pensados/elaborados/criados em parceria e de forma colaborativa. Não deverão ser iniciados e implementados e só depois se pensar na metodologia/ parceria. Quando se trabalha com comunidades, a visão terá de ser mais holística, deverão ser envolvidas Entidades que no território já têm trabalho feito, e bem feito, com as comunidades/ pessoas.”

“Deverá ser melhorada a organização e o planeamento da Almada Mundo, Associação.”

“As comunidades jovens têm de ser mais envolvidas”

“Trabalho em rede e parceria com efeito multiplicador e envolvimento de populações migrantes”





Práticas artísticas e a intervenção de um assistente social

Teresa Pestana

Assistente Social da Divisão de Intervenção e Ação Social da CMA

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas mudam o mundo”.
Paulo Freire

A contemporaneidade, segundo Giddens (1995) trouxe o desenvolvimento das instituições sociais modernas que criaram oportunidades muito maiores para os seres humanos, mas também trouxe um crescente desequilíbrio económico e ambiental.

Segundo Ana Oliveira, no seu livro “Teoria das Forças” (2016:15) “Assiste-se a profundas mudanças ao nível da vida social: no emprego, nos padrões e tradições familiares, na democratização das relações pessoais, na alteração de valores entre outros, implicando um ajustamento e uma resposta constante dos indivíduos a essas mudanças”.

Nas últimas décadas tem-se tomado maior consciência do mundo como um sistema global e interdependente. Este fenómeno, denominado por “globalização”, constitui-se, em si mesmo, como um acontecimento de uma nova e complexa história da humanidade. Sob esta globalização surge um novo individualismo, face às tantas transformações e à rapidez das mesmas. “Faz-se a apologia do “indivíduo-ator”, defende-se simultaneamente a capacidade de cada um criar e recriar o seu próprio destino, condena-se a liberdade individual numa sociedade multicultural de oferta de futuros múltiplos, mas nem todos desejáveis. A liberdade do sujeito faz-se num campo de constrangimentos onde nem todos têm as mesmas oportunidades, refletindo os contextos de vulnerabilidade que acompanham a contemporaneidade e que colocam os indivíduos num estado intermédio entre a integração e a exclusão, sem suportes para fazer frente a situações de adversidade.” (Oliveira, 216: 16)

Face a esta realidade os profissionais, que desenvolvem o seu trabalho na intervenção social, deverão avaliar e refletir criticamente sobre a sua própria prática e implementação de teorias e métodos em situações específicas para determinar o que funciona ou não.

No decurso da intervenção social, e face à reflexão da prática profissional, o assistente social deverá ter uma abordagem orientada para o empoderamento, abordagem esta que está baseada na crença de que as pessoas podem desenvolver as capacidades necessárias para realizar uma transformação e assegurar o acesso a recursos ou até mesmo controlá-los, existindo uma convergência com a teoria das forças (Oliveira, 2016: 65).

Segundo Ana Oliveira (2016) deve-se ter “(...) em consideração os fatores sociais, as características individuais que influenciam o processo, no sentido de analisar as várias possibilidades de influenciar a disponibilidade e acesso a recurso do meio e a vontade e a capacidade das pessoas tomarem os seus destinos em mãos.”

Sob esta visão da intervenção social, tendo por base a Teoria das Forças, torna-se mais claro que as práticas artísticas são um mecanismo de inclusão social, uma vez que existem princípios (defendidos por Healy, 2005) relevantes a quem queira desenvolver a intervenção:

- a) adoção de uma atitude otimista para o profissional e para influenciar outros atores integrantes das redes de ajuda;
- b) focalização nos recursos, sem negar a existência de problemas, através de uma escuta ativa; colaboração com os utentes, que se materializa na parceria entre o profissional e utente, que implica um ambiente colaborativo, implica relação colaborativa;
- c) trabalho orientado para o empoderamento sustentável dos utentes, que resulte na melhoria da qualidade de vida;
- d) desenvolvimento das comunidades como suporte social, dando-se relevância ao suporte social, às redes sociais dos utentes, e se estas não existirem, promove-las.

Conforme afirma François Matarasso no prefácio do livro “Arte e Esperança” (2019) “O potencial da arte no desenvolvimento humano está a ser canalizado para o apoio ao crescimento de indivíduos e de grupos comunitários e para a promoção da inclusão social. A sua capacidade de empoderar pessoas vulneráveis e marginalizadas oferece também viabilidade política a problemas complexos e delicados.”

É neste sentido, que a preocupação central é criar mais coesão e inclusão social, utilizando a cultura e a expressão artística como instrumento para conciliar as vivências e património da população à oferta (ou adequando-a) de meios de ganhos de competências educativas e profissionais, sejam elas formais ou não formais, escolares ou de formação profissional.

Esta oferta, adaptada às necessidades e realidades locais, deve também criar mais capacidade de interlocução e autoestima entre os participantes. (Guterres: 2006).

A cultura tem o (...)” poder de criar espaços de encontro, espaços livres, abertos e não ameaçadores, que promovem o conhecimento, que dão a conhecer o “Outro” e a sua humanidade, que ajudam a criar laços e que podem construir uma imagem diferente daquela apresentada muitas vezes por políticos e meios de comunicação, tornar visível e dar voz ao que muitas vezes permanece invisível ou silencioso” (Bolotinha: 2017; 23)

Neste contexto, quando se fala em práticas artísticas, fala-se de inclusão, tolerância e diálogo. Fala-se ainda do respeito pelos Direitos Humanos. Fala-se de valores comuns, do muito que nos une. É possível vivermos num espaço comum considerando que há valores e práticas culturais que não partilhamos e que, ao mesmo tempo, existem conceitos diferentes em relação ao que constitui um Direito Humano.

Não se deve confundir o termo da integração social com assimilação ou homogeneização. Não se trata de dizer às pessoas que precisam de desistir da sua língua e cultura para se encaixarem em Portugal.

Um outro bom ponto de partida para considerar possíveis modelos de inclusão é reconhecer que alguns grupos recém-chegados (como o caso dos Migrantes) precisam de ser apoiados nos seus esforços para ajustar e reconstruir as suas vidas nessa nova sociedade e cultura - seja por meio da língua, oportunidades de educação, desenvolvimento de capacidades, acesso às artes e à cultura ou através de simples atos de acolhimento e bondade entre vizinhos.

No contacto, na relação com os Migrantes, acima de tudo aprendemos que os fatores que nos movem, enquanto seres humanos, são os mesmos – amor, família, aceitação, segurança e saúde –, independentemente do local de nascimento, do contexto social e cultural que nos rodeia, do nosso estrato económico ou social, ou qualquer outro fator de diferenciação.

Para que os projetos sejam geradores de impactos reais nas comunidades que pretendemos abordar, a proximidade e a construção de relações são dimensões obrigatórias. Muitas vezes, nos projetos de intervenção social e cultural algumas ideias pré-concebidas levam-nos a assumir que sabemos quais são as necessidades do público-alvo e as melhores soluções a implementar. Quando trabalhamos no terreno, em diferentes locais e com diferentes pessoas, percebemos que isto não é bem assim. É preciso saber ouvir o “Outro”, desenvolver metodologias de trabalho que permitam aferir as reais necessidades sentidas e trabalhar diretamente com os participantes na procura das melhores estratégias de intervenção.

Com as práticas artísticas, principalmente, com Migrantes passa por instigar a necessidade do estabelecimento de relação entre diferentes pessoas, com diferentes vivências, culturas, línguas, ritos, essencial para um processo de inclusão.

Aqui a tónica da intervenção terá de ser na criação de espaços criativos e participativos, baseados nos princípios da cidadania, assumindo as pessoas como atores (Cruz: 2019: 19).

De acordo com Hugo Cruz, no texto “Práticas da inclusão social à participação” que consta do livro “Arte e Esperança” (2019) “Considerar que as mudanças que decorrem deste tipo de práticas apenas se focam a nível individual e coletivo é desvalorizar o seu potencial. É de considerar o impacto do ponto de vista institucional, no trabalho em rede interno e entre instituições, assim como a possibilidade de mudança das dinâmicas comunitárias e de advocacy.” É necessário a capacitação de equipas multidisciplinares (área social, área artística e área do ensino do português) que saibam e tenham interesse em desenvolver projetos numa perspetiva de governação integrada.

Segundo Paulo Teixeira no texto “Dinâmicas de inclusão social na Iniciativa PARTIS”, inserido no livro “Arte e Esperança” (2019) é importante e fundamental que as equipas sejam multidisciplinares e competentes, que incluam profissionais das áreas sociais que atuem de forma articulada com os colegas das áreas culturais e/ou outras.

Através da participação em práticas artísticas ocorrem mudanças na vida diária e quotidiana de cada participante, que devem ser valorizadas que poderão levar a uma maior e melhor participação na cidade de acolhimento.

As práticas artísticas deverão ter consigo, também, a excelência artística, como forma de valorização do processo.

Caso o projeto seja a apresentação de uma peça de teatro, será sempre de valorizá-lo, através de registo fotográfico e/ou vídeo que possam servir como forma de replicação e de memória futura. Utilizando estas ferramentas como forma de validar e avaliar os projetos.

Conforme o que escreveram Isabel Galvão e Sofia Cabrita, no Livro “Arte e Esperança” (2019), “(...) a relação teatro-aprendizagem da língua e a importância das práticas artísticas no processo de acolhimento e integração de refugiados foi despertando debate em diferentes pontos do país e chamando à atenção de várias entidades a nível nacional e internacional, considerando-as como uma boa prática, tendo merecido a distinção europeia “Tell Me Dario” pelo trabalho desenvolvido no campo da inclusão social pelo teatro e aprendizagem da língua.

As práticas artísticas devem, sem qualquer dúvida, fazer parte de um processo complexo como o de acolhimento e integração de refugiados, porque humanizam, autonomizam, valorizam a partilha e a cultura, potenciam o bem-estar, a colaboração e a imaginação. Encorajam o que demais importante estas pessoas trazem: o sonho e a esperança.”

Face ao exposto, considera-se que a intervenção de um assistente social num projeto artístico, tendo por base a Teoria das Forças pressupõe uma nova interpretação da vida humana, baseada na resiliência, na capacidade de superar os obstáculos mobilizando recursos internos e externos disponíveis, apresentando um novo foco na intervenção e uma nova forma de entender o profissional, o utente e todo o processo de intervenção, existindo uma relação colaborativa entre todos os que estarão envolvidos no projeto artístico.

Nestes projetos artísticos de inclusão social mais facilmente o assistente social consegue trabalhar a relação. Relação esta honesta, clara, transparente, de confiança capaz de manter promessas e estabelecer limites, partilhando riscos, pensamentos, vitórias, e falhanços. Neste sentido, existe incondicionalidade e honestidade, devendo ser demonstrado por todos os profissionais, envolvidos nestes projetos artísticos, através de gestos, atitudes, palavras e ações (Oliveira, 2016: 194) .

BEZELGA, ISABEL “As abordagens participativas do teatro e comunidade na formação em Teatro”, Setúbal, Revista Medi@ções, Instituto Politécnico de Setúbal, Escola Superior de Educação, 2016
CRUZ, HUGO coord, “Arte e Esperança. Percursos da iniciativa Partis”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2019

FREIRE, PAULO, “Pedagogia do Oprimido”, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970

FREIRE, PAULO, “Educação como prática de Liberdade”, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

GIDDENS, ANTHONY, “As consequências da Modernidade”, Oeiras, Celta Editores, 1995

GUTERRES, ANTÓNIO, “Uma política cultural e artística para o desenvolvimento territorial: o caso do Vale da Amoreira”, Moita 2012

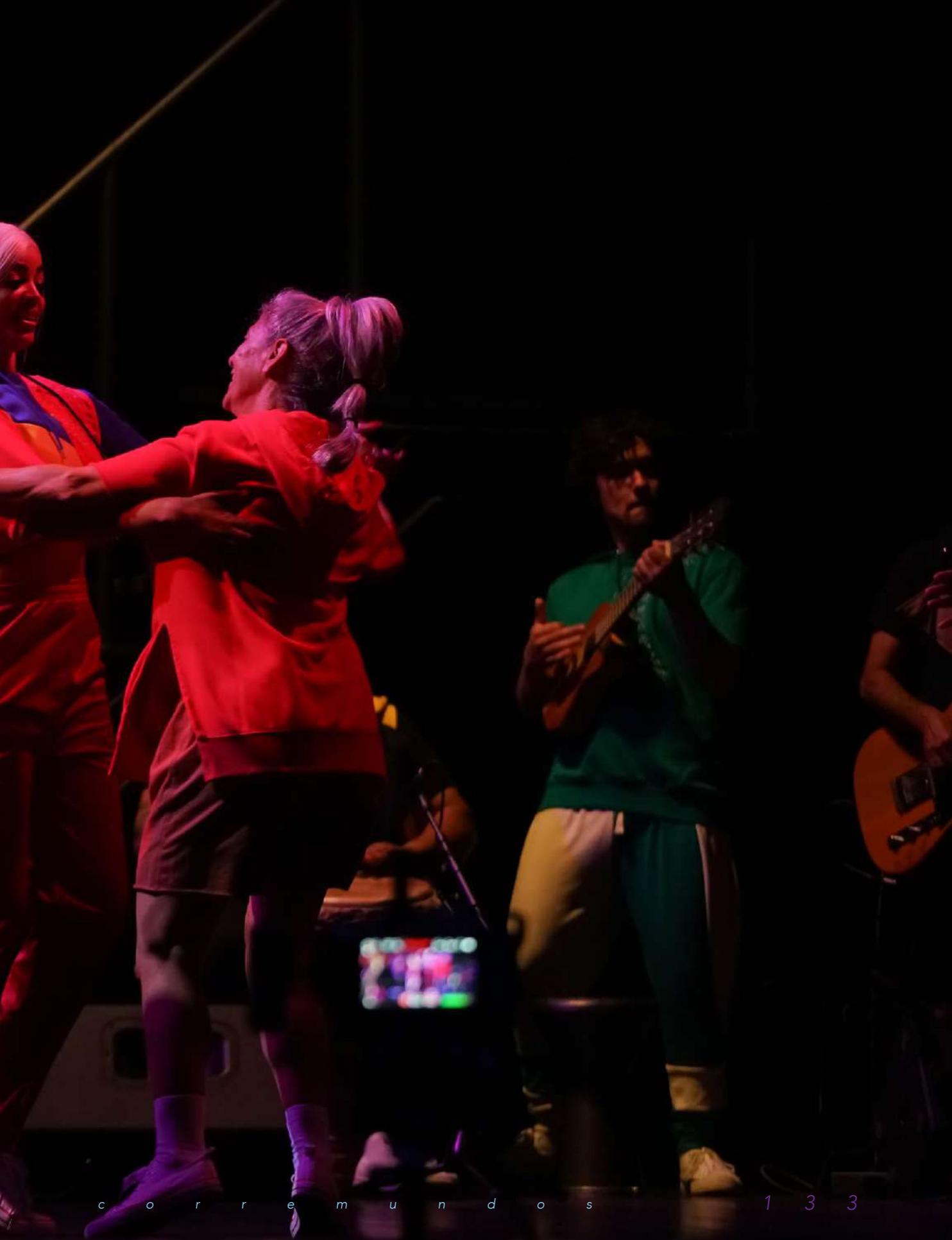
KÜHNER, MARIA HELENA & KÜHNER, GILBERTO, “Teatro: espelho e resposta”, Rio de Janeiro, Trampo, 1989

MATARASSO, FRANÇOIS, “Uma Arte Irrequieta”, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2019

OLIVEIRA, ANA MARIA DA COSTA, “A Teoria das Forças – Um referencial para a prática na intervenção social”, Lisboa, Universidade Católica Editora, 2016

TELLES, NARCISO, “Teatro Comunitário: Ensino de Teatro e Cidadania”, Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia, 2003





Empoderamento e Desenvolvimento

Feminino Pessoal

Giovana Pires

"A forma mais comum das pessoas desistirem do seu poder é acharem que não possuem poder nenhum."
(Alice Walker)

O empoderamento feminino é o ato de garantir a participação social às mulheres, defendendo a igualdade entre gêneros, inclusão social, educação, profissionalização, consciência de cidadania e autoestima.

O termo é originário do inglês "women's empowerment", sendo que "empower" significa dar poder. O seu significado é uma ampliação da liberdade de escolher e agir, ou seja, é o processo da conquista da autonomia, da auto-determinação e do poder das mulheres sobre os recursos e decisões que afetam as suas próprias vidas.

Numa das suas citações, Paulo Freire destacou o termo empoderamento e descreveu: "Empoderamento é a capacidade de um indivíduo provocar em si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer".

Durante décadas, as próprias mulheres foram ensinadas a desconfiar de si mesmas, das suas emoções, dos seus próprios corpos; a não ter coragem de demonstrar a sua força e lutar pela sua própria identidade dentro da sociedade.

Uma mulher empoderada conhece-se a si mesma. Conhece as suas vontades, as suas competências, as suas fragilidades, o seu corpo, as suas metas e sonhos. Toma as suas próprias decisões respeitando as suas vontades e bem-estar.

É um ato auto-reflexivo de "empoderar-se" é a capacidade de fazer as suas próprias escolhas. Estas escolhas, no caso, implicam a possibilidade de criar alternativas, novos percursos, a sua razão individual e coletiva de ser.

"Sou eu próprio uma questão colocada ao mundo e devo fornecer a minha resposta; caso contrário, estarei reduzido à resposta que o mundo me der." (Carl Jung)

O empoderamento feminino diz respeito a incentivar cada mulher a encontrar dentro de si o seu poder, tomar as suas próprias atitudes, respeitando as suas vontades, decisões e realizar por conta própria, as mudanças necessárias para que possa evoluir e comprometer-se.

Essa procura por empoderamento começa quando a mulher olha para dentro de si e aprende a respeitar-se e ter empatia diante das outras mulheres, é quando acontece a sonoridade, uma união que quebra qualquer tabu.

Esse crescimento individual e coletivo leva-a a despertar o seu potencial interno, reconhecendo as suas melhores qualidades e forças, tomando as rédeas da vida que deseja construir. Esse percurso transformador, é íntimo, singular e significa adotar uma nova postura, alterar comportamentos, ter autoconsciência sobre o seu potencial.

Essa autoconsciência, alavanca segurança, sentimento de autoestima, confiança, superação e capacidade de "dar a volta por cima", ultrapassar obstáculos, vencer dificuldades e desafios. O ponto de partida acontece quando se tem uma leitura crítica e lúcida sobre as suas capacidades e possibilidades de contribuição para o mundo, numa sociedade plural.

Esta mulher assume, uma crença positiva em si mesma e um desejo de desenvolver as suas habilidades e expressar o seu propósito de vida, superando obstáculos diversos como falta de apoio ou suporte.

"Sou fera, sou bicho, sou anjo e sou mulher. Sou minha mãe e minha filha, minha irmã, minha menina. Mas sou minha, só minha e não de quem quiser!"

(Renato Russo)

Em essência, podemos afirmar que as múltiplas faces femininas mostram a sua força pessoal, revestida de energia, discernimento e clareza sobre as suas atitudes e o seu processo de crescimento (evolução pessoal e profissional).

Nessa perspectiva, trabalha-se efetivamente a disponibilidade, a integridade, a honestidade, o compromisso, a verdade e o interesse (às vezes chamado de carisma), para ter acesso aos melhores recursos internos e externos e, com isso, aperfeiçoar o seu desempenho e a sua performance.

Empoderar-se é estar convicta do significado dos seus objetivos - não pára nos primeiros desafios, nem se deixa desmotivar pelo contágio emocional (desmotivante) do outro. Assume o protagonismo da sua história, conjugando interesses individuais e coletivos para o seu crescimento.

Cada passo na caminhada, é um passo seguro na direção de libertar o empoderamento de si, que a leva para um processo de desenvolvimento pessoal, pois cada etapa ultrapassada gera a sensação de poder e auto-superação da sua própria identidade, existência.

Uma mulher que se conhece a si mesma, aprende a respeitar as diferenças físicas, culturais, raciais e sociais de forma a valorizar e acolher cada mulher. Encorajá-las, apoiá-las e ajudá-las a descobrirem a sua força como mulher.

Dessa maneira, o empoderamento, quando colocado em prática, contribui para o aumento da autoestima feminina e para uma vida melhor entre as mulheres. O empoderamento gera auto-confiança e auto-confiança, integra-se no ADN da comunidade através da cooperação e da solidariedade.

A prática do empoderamento feminino não deve ser apenas das mulheres, os homens também precisam se certificar de que há uma ampla igualdade entre o posicionamento e participação de ambos os géneros na sociedade e nas suas demais camadas.

Não significa que as mulheres e os homens têm de se tornar idênticos, mas que os seus direitos, responsabilidades e oportunidades não são determinados pelo seu género.

Considerando a amplitude deste tema, o empoderamento não é uma retórica, nem reflexo do individualismo que aclama a autotransformação individual e deixa em segundo plano a transformação social.

O empoderamento feminino é um incentivo à oportunidade de escolha das mulheres em relação à carreira, ao comportamento que desejam ter, aos objetivos traçados e, até mesmo, ao modo de vida. É assegurar a inclusão dos talentos, habilidades, experiências e energia das mulheres que requerem ações afirmativas e políticas públicas.

Empoderar-se é um processo emancipatório, onde o indivíduo, nesse caso a mulher, dá poder a si mesma para viver a vida que merece ter.

“A beleza de uma mulher não está nas roupas que ela usa, na imagem que ela carrega, ou na maneira como penteia os cabelos.

A beleza de uma mulher tem que ser vista a partir dos seus olhos porque essa é a porta para o seu coração, o lugar onde o amor reside.

A beleza de uma mulher não está nas marcas do seu rosto mas está refletida na sua alma. Está no cuidado que ela amorosamente tem pelos outros.

A beleza de uma mulher, com o passar dos anos, apenas cresce.

” (Autor desconhecido)

SER MULHER NA SUA ESSÊNCIA.





Contributos para o Desenvolvimento Comunitário

Mariana Grazina Cortez, Carlota Neves Dias de Pinho

Projeto "Inspir_Ação+

o Projeto "Inspir_Ação+" foi uma iniciativa da Associação Almada Mundo – Associação Internacional de Educação, Formação e Inovação, em parceria com instituições no Bairro do Fundo do Fomento - denominado de Bairro Amarelo desde 1975 - na Caparica (território de intervenção do projeto), que resulta do contacto próximo com o local e seus residentes e do conhecimento das principais vulnerabilidades aí existentes, inserido no Programa Bairros Saudáveis - um programa público, de natureza participativa, para melhoria das condições de saúde, bem estar e qualidade de vida em territórios vulneráveis.

Este território caracteriza-se por ter um número significativo de crianças e jovens em situação de precariedade social, um baixo nível de qualificações, uma elevada taxa de abandono escolar e repetência, uma elevada taxa de desemprego e uma forte concentração de bairros sociais, contribuindo para uma situação de exclusão.

Pretendeu-se criar um espaço gerador de valor social pela implementação de princípios da economia social solidária e com impacto no desenvolvimento local integrado e sustentável. É, pois, um modelo alternativo que assenta no respeito pelo meio ambiente, cooperação, solidariedade, autogestão e diversidade, apresentando três eixos prioritários: social, económico e ambiental.

Surgiu como um importante instrumento integrado de combate à exclusão social e à pobreza, contribuindo para o desenvolvimento desta comunidade. O projeto foi concretizado em múltiplas atividades / projetos para a mudança, tornado reais. Desta forma pode-se estabelecer uma ponte, uma travessia, entre os nossos propósitos e as comunidades migrantes e não migrantes desfavorecidas, iluminadas pela cocriação dos caminhos que investem e empoderam a pessoa, sensibilizando, capacitando, sublinhando os processos criativos, socio artísticos e culturais, designadamente, tendo, como referência, o projeto "PARTIS CORRE - MUNDOS TransFormação Comunitária pela Art' Inclusiva", a decorrer em Almada, na esperança de uma terra mais digna e inclusiva, humanizada.

A abordagem comunitária implementada esteve de acordo com os princípios das dinâmicas colaborativas, onde a participação ativa e o empoderamento são a base, constituindo uma estratégia voltada para desenvolvimento sustentável que é impulsionado pela comunidade. Nesta encontram-se os moradores com as suas coletividades/ associações constituindo pequenos grupos informais de pessoas. Trabalham com um interesse comum e são fundamentais para a mobilização comunitária, usando atributos como influência, confiança e relacionamento próximo.

A assinatura de um protocolo de colaboração com o Clube Recreativo União Raposense, localizado no bairro e com uma proximidade efetiva da comunidade. O Clube cedeu-nos um espaço para o funcionamento da Associação de Moradores e da Associação de Pais e Encarregados de Educação das escolas presentes neste território. Lugar de múltiplas pertenças, é um espaço de encontro das associações, dos participantes nos Workshops, da angariação/distribuição de bens e de capacitação de pessoas. Mas também, um espaço de partilha de ideias e de novos conhecimentos (de si, dos outros, do mundo), que sejam, eles mesmos, inspiradores de um desenvolvimento do potencial humano para uma participação-ação sustentável e inclusiva, foi também lugar das pontes entre projetos, nomeadamente com o Corre Mundos, onde foram desenvolvidas várias ações de capacitação e formação e hibridismos, promovendo a interação e aprendizagem mútua entre participantes dos diferentes projetos.

Acreditamos que o associativismo é um instrumento importante para que uma comunidade possa ter maior expressão social, política, ambiental, cultural, artística e económica. É esse o propósito

deste objetivo – criar condições para que o target desta comunidade se envolva, participe e assuma o protagonismo numa narrativa que é a sua e das gerações que se lhe seguem. O associativismo surge aqui como uma forma de “sentimento de comunidade”, de corresponsabilização social de uma comunidade de moradores e de pais por um futuro socialmente mais justo, inclusivo e solidário: “O sentimento de comunidade é um conceito sociopsicológico que dá ênfase à experiência da comunidade, ou seja, percepção e compreende atitudes e sentimentos de uma comunidade, bem como, o relacionamento e interações entre pessoas desse mesmo contexto. (...) mantém-se na interdependência do relacionamento com os outros e nas expectativas que temos deles, baseando-se em quatro elementos essenciais: fazer parte de influência, integração e satisfação das necessidades e partilha de ligações emocionais” (Elvas e Moniz, 2010: 452).

O Projeto “Inspir_Ação+”, visto como processo de mudança centrado em um território pertencente a Almada, desenvolveu-se em uma lógica de proximidade (“olhos nos olhos”) para ajudar a dar resposta às necessidades fundamentais da comunidade, promovendo a participação local através das suas vontades, força, voz e poder. Parte-se do pressuposto que os processos de mudança exigem uma forte componente de reflexão de si e do outro, que fomentem a resolução colaborativa e inclusiva de problemas e que contribua para o desenvolvimento local, integrado e sustentável: “Defender hoje uma atuação coletiva é propor um posicionamento contra-hegemónico em relação ao individualismo cada vez mais saliente na nossa sociedade e na educação. Por oposição ao modelo individualista, altamente competitivo, a opção pelo coletivo é uma aposta pela diversidade, pela descoberta do que nos une e simultaneamente pela descoberta do que nos diferencia dos restantes” (Fragoso e Lucio-Villegas, 2014:60)

Cada comunidade é diferente, cada tempo histórico é diferente, o que exige uma grande capacidade de criatividade, inovação e adaptação permanentes. O desenvolvimento comunitário implica ligar, de forma progressiva, a grande diversidade de ritmos, lógicas, processos e resultados, em função das características e especificidades de cada comunidade.

Partiu-se das necessidades sentidas pela população e sobre elas constrói-se o plano de ação contando, desde o começo, com a iniciativa, a responsabilidade e liberdade de escolha por parte dos interessados. Espera-se que o desenvolvimento das comunidades provoque uma (trans)formação sociocultural e económica dos indivíduos e dos grupos humanos, tomando consciência dela, escolhendo-a, assumindo-a, realizando-a.

O desenvolvimento comunitário em que exista um contributo ativo das artes e de todas as valências culturais é predominantemente entendido como um processo formativo e capacitante em si mesmo, proporcionando a aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos e competências técnicas, intelectuais, expressivas, emocionais e relacionais. Essas competências são decisivas para a (trans)formação das pessoas e a sua capacitação para ultrapassar as barreiras sociais, económicas e simbólicas que definem a sua condição vulnerável e/ou estigmatizada: “A cultura é a expressão de crenças e valores na conduta da vida quotidiana. A arte é o conjunto de ferramentas que permite às pessoas interferir com a sua própria cultura” (Matarasso, 2019, p.43).

É neste sentido que as atividades comunitárias desenvolvidas neste projeto, em geral, e algumas de animação artística, em particular, promoveram a criatividade e estimularam a imaginação, e produziram alternativas criativas para se resolverem problemas e questões necessárias ao dia a dia do Bairro Amarelo.

Estórias Tuntunhi / que Corre Importam Mundos

Alexandra Lima

Projeto Stories that Matter

O ser humano é curioso, durante alguns meses fui ouvindo falar do espetáculo do Corre Mundos, do potencial humano que estava envolvido, mas nunca dei muita importância, confesso.

A data foi chegando, o burburinho à volta deste espetáculo aumentou, até chegar a um: “Tens que ir ver o espetáculo!”

Perante a afirmação, abri a agenda, reservei a noite e aproveitei para reservar os bilhetes, para mim e para mais uns quantos amigos...que provavelmente também “tinham que ver o espetáculo”.

Como já comentei, não tinha qualquer expectativa, sabia do que se tratava, sabia que no palco havia uma mistura entre profissionais e amadores e que se iam contar. Pensando bem, este contar da sua história, foi a minha grande motivação!

No dia e à hora marcada, o teatro estava cheio, as luzes apagaram e o pano subiu. A entrada em palco não era fácil de perceber, mas à medida que as várias histórias avançavam, que as personagens interagiam, tudo ligava e fazia sentido.

E estava tão embalada pelas histórias, pela dança e pela música que acho que teria ficado mais duas horas, a ouvir, a sentir e a sonhar.

Saí pela porta a pensar como tinha sido tola em não ter dado importância a um projeto que juntou pessoas tão diferentes, culturas tão distantes e que através de um conjunto de artes falou uma só língua – somos todos iguais.

O ser humano é curioso, mas na partilha com os outros cresce e aprende, e eu aprendi convosco. Obrigada Equipa Corre Mundos!

O projeto como confluência de entre-lugares

Madalena Mendes

Professora participante da AE Romeu Correia

Quem acha doce a terra natal ainda é um tenro principiante; aquele para quem toda a terra é natal já é forte; mas é perfeito aquele para quem o mundo inteiro é um lugar estrangeiro. A alma terra fixou seu amor num único ponto no mundo; a pessoa forte estendeu seu amor a todos os lugares; o homem perfeito extinguiu o seu.

(Palavras de Hugo de St. Victor, Monge saxão do século XII, citadas por Edward Said, 995, p.410)

Entre-lugares multiétnicos eivados de mestiçagem cultural.

Entre-lugares de vivências de e entre mundos, migrantes em trânsito.

Entre-lugares de construção identitária e de reconhecimento das interidentidades plurais.

Entre-lugares de histórias esquecidas, (re)lembradas, (re)compostas e (re)visitadas.
Entre-lugares como ecologia de saberes, na sua infinitude e na sua relação com outros saberes e práticas artísticas: artes visuais, performativas ou audiovisuais.
Entre-lugares de memórias, narrativas, corpos, línguas, voos alados, e o mesmo é dizer: a vida em totalidade.
Entre-lugares de leitura e pronunciamento do mundo numa hermenêutica do desassossego.
Entre-lugares de inter|intra|hetero conhecimento de si e do outro. Eu sou o outro.
Entre-lugares de inclusão, de afetos e de amorosidades.
Entre-lugares de transformação social, de emancipação e de democracia participativa.

Uma Escola virada para o Mundo

Isabel Santos

Diretora do Agrupamento de Escolas da Caparica

É com muito orgulho que posso afirmar que o Agrupamento de Escolas da Caparica, no conjunto das suas cinco escolas, é uma organização virada para o mundo, para a inclusão e para o acolhimento de todos. Recebemos alunos de diversas nacionalidades e de contextos socioeconómicos distintos. Uma comunidade educativa multicultural, que acolhe de braços abertos, todos os projetos que nos são propostos pelos variados e inúmeros parceiros que temos. Consideramos sempre um ganho e uma mais-valia para os nossos alunos.

Daí a nossa pronta resposta de apoiar o desenvolvimento deste projeto artístico - educativo de intervenção comunitária e liderança transformadora em Almada, em tempos de pandemia COVID 19, junto da nossa instituição, AE Caparica permitindo espaços fora do horário escolar para reunir, receber formação e realizar os ensaios.

Permitiu unir pessoas à volta de um espetáculo organizado em três tempos: formação, criação e apresentação, ressignificar histórias de vida, caminhos percorridos, viagens até Almada, lugar de encontro, de partilha, base comum para a transformação pessoal e social, em princípios de empatia, criatividade, comunicação intercultural, resiliência, resolução de problemas, trabalho em equipa, sentido crítico, circulação de ideias e experiências, assunção de competências e talentos.

Visa registar testemunhos significativos de práticas e projetos, de experiências e vivências, no decurso do projeto Corre Mundos para memória futura.

Um grande Bem Haja a todos os intervenientes neste tão importante Projeto para as gentes de Almada!

Correr

pela

Cultura

Helena Gil Azinheira

Academia Almadense

Na essência da formação da Academia Almadense está a oferta da Cultura, do Desporto, da Educação e do Recreio às famílias dos trabalhadores na então vila de Almada. Já nessa altura os nossos fundadores reconheciam a necessidade da Cultura do Desporto e do Recreio para a formação humana. Hoje, 127 anos depois, estes continuam a ser os nossos desígnios, agora numa sociedade cada vez mais multicultural.

Com esta missão e visão foi para nós uma honra e um orgulho termos sido desafiados a fazer parte do projeto "PARTIS CORRE MUNDOS", projeto que se insere totalmente na nossa linha de atuação, e que com a sua conceção social muito contribui para fazer de Almada uma cidade de portas abertas ao mundo que continuará a ser lugar de todos e ponto de partida inspirador.

**Corre
de
cultural**

Mundos

e

**-
motor
desenvolvimento
social**

Pedro Matias

O Presidente da JFCCS

"Para a Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda que tenho a honra de presidir, a importância do desenvolvimento de um projeto como o projeto PARTIS e Art For Change - Corre Mundos - Transformação Comunitária pela Art' Inclusiva, revelou-se de fundamental interesse e motor de desenvolvimento cultural e social. Esperamos que em breve possamos criar novos projetos conjuntos com a Associação Almada Mundo"

**Criar
o**

é

**dignificar
ser**

Libânia Nazareth

Se acreditássemos com mais fé no poder criador que reside em nós, talvez a humanidade entrasse no equilíbrio - Ser, Criar, Receber.

Receber um mundo mais harmonizado. Criar um mundo interno mais pacificado. Depois deixar correr os mundos, até se entrecruzarem num abraço profundo. Começa tudo por autoconhecer-se para Ser, e essa essência revela-se no corpo, mestre de vida, de inocência, de afeto, obra-prima da criação. Depois ou antes, ousar criar na mente e no coração, com as sensações vivificantes do corpo, novos cenários... reescrever novas histórias da vida humana na Terra, sem enredos conflitantes e levar à boca de cena, num palco diário, o protagonismo célere do potencial humano. Porventura, seremos dramaturgos ainda apegados aos dramas? esquecidos da nossa verve demiúrgica (artesãos divinos) primordial e criadora?

É preciso elevar, ao nível da vivência, a consciência dos seres criadores que somos, e aligeirar a vida, originando-nos de novo...

Transformar Abrir Percorrer

Comunidades Corações Caminhos

Beatriz Mota Oliveira, Manuel Tiago Brás, João Miguel Fernandes

Equipa de Voluntários da Escola Profissional de Imagem – EPI

Gratos pela experiência de fazer parte, de participar e poder captar, através de um olhar criativo, único e para memória futura, os últimos momentos do CORRE MUNDOS.

Um projeto simbólico, que tanto deu e tanto tem para dar.

Um marco nas vidas de tantas pessoas, comunidades, equipas.

Uma caminhada intercultural, de coconstrução, de histórias ressignificadas, em múltiplas vivências e experiências.

Empolgante este tempo de fazer acontecer e de guardar momentos significativos. Vitais.

Importante é ensaiar voos e criar asas, ser caminhos e caminhantes.

Importante é o Encontro!

TVALmada

Corre

Mundos

António Oliveira

Dir. TVAlmada

www.tvalmada.pt

Quando a Professora Adelaide, responsável pela Associação Almada Mundo, me convidou para que a TVAlmada participasse no projeto Corre Mundos, fiquei expectante. Expectante com o conteúdo do projeto, com tudo o que ele envolvia, como se iria desenvolver e onde a TVAlmada poderia ser útil. Presente nas reuniões iniciais, fui-me apercebendo que seria fácil, pela experiência das diversas áreas do grupo de trabalho. Um grupo de trabalho de excelência, disposto a trabalhar e a atingir os objetivos do projeto, tornando-o um exemplo para todos os participantes. Senti que todos os envolvidos estavam presentes de corpo e alma. Recordo o trabalho desenvolvido pela equipa da Filipa Francisco, para tornar público o espetáculo “Tuntunhi”.

Acompanhámos e gravámos os ensaios. Sentimos o crescer dos participantes, migrantes jovens e séniores, ou descendentes de migrantes. Uma metodologia participativa, humanista e colaborativa. TUNTUNHI, nome que me ficou na memória. Curioso para saber o seu significado, mas acima de tudo ansioso para assistir à estreia do espetáculo. E esse dia chegou.

Foram 2 dias de representação espetaculares, com o Auditório Osvaldo Azinheira, da Academia Almadense, completamente esgotado. Que excelentes mensagens nele são expressas, como se insere a comunidade pela arte inclusiva. Tivemos o privilégio de, eu a minha equipa, gravar, editar e produzir o espetáculo em vídeo. Um trabalho que vai ficar na memória de todos.

Parabéns para a Francisca e a todos os envolvidos.

O projeto Corre Mundos, tornou-se um projeto exemplar de inclusão, um projeto que passou a ser procurado e que tem todas as características para não ficar por aqui.

A inclusão não pode parar.

Há muito caminho para andar. Obrigado Almada Mundo, pelo convite.

Parabéns Almada Mundo, pelo projeto.

**Recomeçar é sempre ousar
compreender**

Maria d' Assis

Presidente da União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal, Cacilhas

Vivemos tempos de reencontros e de renovadas esperanças. Recomeçar é sempre ousar compreender, ouvir e comunicar, conviver e celebrar momentos únicos, como mestres e aprendentes, enamorados pela vida, surpreendidos e motivados pelos desafios do quotidiano, que nos inspiram a renascer, a caminhar para o futuro.

Estamos em tempo de lançar e partilhar projetos, analisar e refletir sobre processos e resultados, avaliar impactos a nível comunitário, em particular.

Neste sentido, reporto-me à parceria estabelecida pela União de Freguesias de Almada, Cova da Piedade, Pragal e Cacilhas, (UF ACPPC) com a Almada Mundo Associação Internacional de Educação, Formação e Inovação, entidade promotora do projeto Corre Mundos - Transformação Comunitária pela Art' Inclusiva, Programa PARTIS & Art for Change, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação La Caixa.

Na qualidade de entidade parceira, a UF ACPPC aceitou colaborar e cofinanciar o projeto Corre Mundos, por se tratar de um projeto de inclusão social com recurso à prática de atividades artísticas, através de diferentes linguagens artísticas, a desenvolver, com a participação e o envolvimento de jovens e adultos, migrantes e descendentes, bem como participantes autóctones, com o objetivo de capacitar e promover o desenvolvimento humano, em cidadania ativa e participativa, a nível individual e coletivo.

A peça de teatro TUNTUNHI a que tive o prazer de assistir, permitiu apreciar e valorizar a qualidade do potencial criativo dos participantes, cujas histórias de vida, merecedoras de elevado reconhecimento, sensibilizaram pelas emoções partilhadas e vivenciadas, no ato de se contarem, em cena. Diferentes os caminhos, os sonhos, as trajetórias, as expressões, as possibilidades de comunicar, para aprender a ser agente de transformAção pessoal e social, na comunidade de Almada.

Almada, território da diversidade

Teodolinda Silveira

Vice Presidente da Câmara Municipal de Almada

O projeto Corre Mundos - TransFormAção Comunitária pela Art' Inclusiva, candidato vencedor ao Programa Partis & Art for Change, uma parceria da Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação La Caixa, nasceu em 2020, no âmbito da intervenção social da Almada Mundo Associação Internacional de Educação, Formação e Inovação, com o objetivo de promover a inclusão social de jovens migrantes e descendentes de migrantes e outros participantes autóctones, através do recurso às artes e à criação de ambientes interculturais potenciadores do desenvolvimento humano e do exercício de uma plena cidadania ativa.

Neste quadro, a Câmara Municipal de Almada e a Almada Mundo Associação comprometeram - se a assinar um protocolo de parceria, com o propósito de garantir a qualidade do referido projeto e assegurar o financiamento do espetáculo TUNTUNHI, realizado, nos dias 28 e 29 de maio de 2022, no auditório Osvaldo Azinheira, Cine Teatro da Academia Almadense.

As entidades parceiras providenciaram ainda a monitorização e acompanhamento do projeto, por parte de uma equipa, constituída por elementos dos departamentos de Educação e de Desenvolvimento Social da Câmara Municipal de Almada.

A Solidariedade e a Inclusão são dois dos pilares que sustentam a atuação do Município de Almada, numa estratégia local que está alinhada com os objetivos de Desenvolvimento Sustentável, consagrados no Fórum das Nações Unidas.

Com efeito, Almada é Território de Muitos povos e de muitas gentes do mundo, em demanda histórica, através da memória dos tempos. Com uma localização privilegiada, entre mar e rio, Almada, território da diversidade, tem sabido organizar-se, recriando-se, de forma a ser um lugar de referência, único, inspirador, multicultural, solidário, que acolhe atualmente 122 nacionalidades, na busca de qualidade de vida, em valores de proximidade, cultura e criatividade, reforçada por laços (inter) identitários e sentimentos de pertença.

O projeto Corre Mundos contribuiu para a formação e promoção de cidadãos mais motivados e conscientes do seu potencial para enfrentar os desafios da sociedade atual. Neste contexto, honra seja feita ao território de Almada que permitiu identificar e aproximar comunidades, dar voz e expressão a histórias de vida, perspetivar caminhos e redimensionar sentidos de desenvolvimento pessoal, social e profissional, com dignidade e respeito, valorizando e reconhecendo o Outro, em si próprio,

em caminhos de inclusão, alicerces essenciais para a construção do futuro.



Amor

/Sentimento

O sentimento toma-te conta... Do coração, correndo em todas as veias numa dança de luz e alegria e, qual pomba branca de folhinha de oliveira no bico, bicando um pouquinho em ti, deixando-te de cabeça leve, só sentindo, aquelas borboletinhas em cada célula do teu corpo... O sentimento é o amor por ti e, quando o sentes de verdade, tudo fica leve, tudo flui... Quando te amas de verdade só vêes luz, borboletas e flutuas... Experimenta... Da autoria de alguém que um dia não se amou...

Madalena Sousa

"Não somos ilhas" ouvi dizer. " Se o fossemos éramos perfeitos"... mas não somos. É nessa imperfeição, que nos encontramos e desencontramos neste círculo que é a Vida, que nos conhecemos e agregamos. Que somos um. Corremos mundo. O Corre-mundos foi isso mesmo. Um encontro de vidas e de almas. Almas distantes das suas casas, das suas terras... que se uniram e foram sempre um. Uma viagem cheia de encontros e desencontros imperfeitos.

António Fragoso





B i o g r a f i a s

Ana Paula Silva

anapaulasilvester@gmail.com

Nascida e residente em Almada, é doutorada pela Universidade Nova de Lisboa e docente universitária. Tem-se vindo a especializar em liderança educativa para a equidade, rege vários seminários no mestrado de Administração Educacional e Regulação da Educação, subordinados ao tema Governança das escolas para a equidade e aprendizagem: o papel das lideranças, no Doutoramento em Educação é titular da UC Epistemologia das Ciências Sociais da Educação e na Licenciatura em Educação Social ministra a UC Inclusão e Empreendedorismo Social, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Tem coordenado vários projetos internacionais para o Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento, da mesma universidade <http://www.ceied.ulusofona.pt/pt/investigadoras/investigadores-integrados/ana-paula-silva/>, financiados pela Comissão Europeia. Faz parte da equipa de investigadores do projeto Places4teens, no âmbito dos Urban Studies, recentemente submetido à FCT/Ministério da Ciência e é Co-PI do projeto Citizen_teacher, com vista ao desenvolvimento da educação para a cidadania global, igualmente submetido à mesma instituição financiadora da ciência em Portugal. É membro fundador da Associação Almada Mundo e vice-presidente da direção, onde se tem dedicado ao desenvolvimento de projetos de intervenção social, com vista ao acolhimento e integração de migrantes residentes em Almada-

Aldara Bizarro

aldarabizarro@aldarabizarro.pt

Nasceu em Moçambique, tendo estudado dança em Lisboa, Nova Iorque e Berlim. Trabalhou como intérprete com reconhecidos coreógrafos portugueses, sendo que o seu primeiro trabalho coreográfico foi premiado no IV Workshop Coreográfico de Lisboa em 1990. Foi co-fundadora da associação Jangada de Pedra, que apoia e promove a dança contemporânea, e atualmente dá seguimento ao seu trabalho como coreógrafa. Exerce igualmente atividade formativa para entidades como a Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro Cultural de Belém e a Escola Superior de Dança.

Maria Inês Brás

mariainescostabras@gmail.com

Atriz e Artista Pedagoga. Nasceu em 1998. Iniciou a sua formação em teatro com 9 anos, em Almada, local onde cresceu e vive. Licenciada em Design de produto de cerâmica e vidro, na ESAD, nas Caldas da Rainha e Mestranda em Teatro e Comunidade na ESTC, na Amadora.

Desde 2014 que pertence ao grupo teatral Actos Urbanos, onde tem a oportunidade de participar nos projetos, como atriz, e também no processo de criação dirigido por Joana Sabala. Desde o ano letivo de 2019/2020 que ensina expressões artísticas ao primeiro ciclo.

No teatro Extremo é parte integrante do serviço educativo desde 2020 dando formação teatral em projetos educativos e artísticos que acontecem em parceria com as diferentes juntas de freguesia do concelho de Almada. Desde janeiro de 2022 participa no projeto Corre Mundos (um projeto PARTIS& Art for Change, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e a Fundação "la Caixa"). No âmbito deste projeto trabalha para a associação Almada Mundo, onde fez assistência à diretora artística do projeto Filipa Francisco e assistência de produção.

Odilia María De Freitas Caires

odiliacaires.almadamundo@gmail.com

Nací en la ciudad de Valencia, en la República Bolivariana de Venezuela en 1960, hija de padres portugueses. Historiadora, egresada de la Universidad Central de Venezuela UCV, con Estudios de Especialización en Historia de América y Maestría en curso, de Historia de América Contemporánea. Trabajé en el Archivo Nacional de La Nación, colaborando en la Investigación de la Comisión por la Verdad de la Asamblea Nacional: "Desaparecidos durante la Lucha Armada en Venezuela 1960/1974". Especializándome en los movimientos sociales, políticos y de contracultura del año 1968, con base al cambio de paradigmas en la sociedad mundial. Hice Trabajo social por más de 15 años en la Arquidiócesis de Barquisimeto, en la Formación de Formadores y organización de eventos regionales y nacionales.

A la par desarrollé estudios en el área del diseño de Modas y del Modelaje Industrial, fundadora y directora de la Academia Alta Costura O&C, del Atelier de Confección de Vestuarios Artísticos, recibiendo el 1 premio del Festival Nacional de Teatro en Venezuela, al mejor vestuario con la Obra el Amor en 4 tiempos.

Viuda, madre de 1 hija y abuela de 2 preciosas niñas, que por motivos socio-políticos que afectan al territorio venezolano, tomamos la decisión en familia de emigrar, escogiendo Portugal, como destino por nuestros orígenes y lazos familiares, con los cuales nos identificamos plenamente y culturalmente. Vivo en Portugal desde 2019, escogimos Almada por su privilegiada ubicación geográfica y por su multiculturalidad. Estaba recién llegada, con grandes expectativas, (siempre me han encantado los nuevos retos), cuando recibí una invitación a participar en una "Rueda de Conversaciones con Migrantes" en la sede de Almada Mundo Associação, actividad que me cautivó y que se convirtió en el punto de inicio, de donde surgió la oportunidad de involucrarme directamente con varios proyectos sociales y de formación.

Aquí estoy, en la búsqueda de una mejor integración e inclusión en Almada, la historia apenas comienza...

Mariana Grazina Cortez

mimgcortez@hotmail.com

Doutorada em Ciências Sociais, na especialidade de Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Docente no Ensino Superior Politécnico. Formadora em vários Centros de Formação de Professores. Tem desempenhado funções de docência, de consultoria, de investigação, de formação e de coordenação científico-pedagógica em escolas públicas e privadas. Tem publicações, nacionais e estrangeiras, em várias temáticas relativas a liderança, sociologia do género, educação, cidadania, entre outras.

Carlota Neves Dias de Pinho

carlotanpinho@gmail.com

Estudante da Licenciatura em Educação Básica, na Escola Superior de Educação de Lisboa (ESELx). Frequentou a Licenciatura de Matemática e o Mestrado integrado em Engenharia Química e Bioquímica na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa. Desempenhou funções de organização da "ExpoFCT", na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa, bem como na divulgação da oferta educativa da mesma no âmbito do projeto "InspiringFuture". Tem desempenhado um conjunto de trabalhos no âmbito da Educação como apoio escolar e docência no 1º ciclo do Ensino Básico no âmbito de Atividades de Enriquecimento Curricular.

Giovana Pires

giovana.o.pires@gmail.com

Doutorada na área de Educação, Coach de Alta Performance, Coach Emocional Humanizado, Practitioner em Programação Neurolinguística (PNL), Analista Comportamental e integra uma comunidade de team Eneacoaches.

Formadora certificada com mais 15 anos de experiência na área do Relacionamento Interpessoal, Comunicação Assertiva, Trabalho em Equipa, Inteligência Emocional, Gestão de Conflitos e Liderança, entre outros temas na área do Desenvolvimento Pessoal.

É autodidata em temas como: Ansiedade, Resiliência, Empatia e Constelações Familiares.

O seu propósito é inspirar mulheres a reencontrarem e redescobrirem o seu potencial pessoal e profissional sem perder a sua individualidade.

Confessa-se apaixonada pelo processo de aprendizagem.

É uma ETERNA APRENDIZ!!

Marco Paiva

marcomartinspaiva@gmail.com

Licenciado em Teatro - Formação de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Concluiu em 2008 o Curso Europeu de Aperfeiçoamento Teatral École Des Mêtres, dirigido pelo encenador brasileiro Enrique Diaz (CIA dos Atores). PÓS GRADUAÇÃO em Empreendedorismo e Estudos da Cultura- Ramo de Gestão Cultural, no ISCTE.

É ator convidado da companhia mala voadora desde 2010. Tem vindo a colaborar como actor e encenador em diversas estruturas, nomeadamente: o Teatro Nacional D. Maria II, Centro Dramático Nacional de Espanha, Comuna Teatro de Pesquisa, O Bando, L.A.M.A – Laboratório de Artes e Media do Algarve, Culturgest, Casa da Musica, Teatro Helena Sá e Costa, projeto Crinabel Teatro, entre outros.

Fundou em 2018 a TERRA AMARELA – Plataforma de Criação Artística Inclusiva, que desenvolve o seu trabalho em torno da cultura acessível e das práticas artísticas inclusivas.

Colaborou com a Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Lusófona, IADE, Escola Superior de Educação e Escola profissional de Imagem, através da realização de seminários, coordenação de módulos e coordenação de estágios nas áreas do teatro, da educação pela arte e da mediação cultural.

Maria João Garcia

mariajoaocerdeiragarcia@gmail.com

Consultora na empresa CIMAC - Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central, Produção na empresa Freelancer e trabalha em Direcção/Artista associada na empresa Ninho de Víboras. É produtora e, atualmente, assistente de Paulo Ribeiro na direcção do projeto Casa da Dança, em Almada. Trabalhou na produção d'O Rumo do Fumo de Vera Mantero (2016-19), da Companhia Caótica de Caroline Bergeron e António Pedro (2015-16), da casa Branca de Ana Borralho & João Galante (2013-15), da Granular, projeto na área da música (2009-13) e da Companhia Clara Andermatt (2005-09), assim como em projetos de Cláudia Dias, o Bando e Máquina Agradável, entre outros. Foi bailarina na Companhia de Dança de Almada (1990-98), realizou o II Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança (1998-2000), participou em workshops, seminários e encontros de dança nacionais e internacionais. Lecionou aulas e dirigiu movimento em espetáculos de teatro, mantendo atividade regular como intérprete até meados dos anos 2000. Começou a coreografar em 1995 e tem vindo a criar espetáculos de dança/teatro/performance, a partir de 2000 com a Associação Cultural Ninho de Víboras, em Almada, da qual é membro e da Direcção.

Miguel Abreu

abreuabreu@gmail.com

Ator, encenador e produtor, estudou Direito, na Universidade Católica Portuguesa e Teatro (Formação de ator), na Escola de Circo Mariano Franco, atual Chapitô. Em 1987 criou a produtora cultural CASSEFAZ onde tem trabalhado até hoje, tendo produzido mais de 120 espetáculos de Teatro, Dança e Música. Em 1989 criou o CENTA-Centro de Estudo de Novas Tendências Artísticas, em Vila Velha de Ródão e em 1990 é co-fundador do Fórum Dança. Desde 1999 é presidente da Academia de Produtores Culturais. Foi Diretor artístico e organizacional do Maria Matos-Teatro Municipal entre 1999 e 2004, Programador de Teatro no Centro Cultural de Belém entre 2000 e 2004 e Diretor Geral de Produção e Programador de Teatro de Faro 2005-Capital Nacional de Cultura. Em 2009 cria para a Câmara Municipal de Lisboa o Festival TODOS-Caminhada de Culturas, que dirige até à data, e no qual assume a Direção Geral e, também a co-programação artística.

Miguel Canaverde

mads.canaverde@gmail.com

Natural de Santarém e com 27 anos, Miguel Canaverde é licenciado em Cinema Documental pela Escola Superior de Tecnologias de Abrantes.

Concorreu a um concurso da Fenalac, Sénior Arte 2012 onde foi premiado com a formação Filmmaking Foundation na London Film Academy, onde teve a possibilidade de fazer o seu primeiro exercício fílmico ao desenvolver e filmar uma curta-metragem com diversos profissionais da área do cinema, desde conceituados diretores de fotografia das primeiras temporadas de Dr. Who, até ao editor Peter Hollywood que montou filmes como Right Hand Drive e 313, entre outros.

Desde 2015, trabalha como freelancer com diversas produtoras, fundações e associações e tem feito realização, produção e montagem de curtas-metragens portuguesas e em co-produções internacionais. Em 2020 criou a sua associação Waves Of Youth, com amigos recém licenciados na mesma formação, de forma a dar continuidade ao mesmo trabalho desenvolvido na escola de Cinema.

Vasco Maio

vascomaioart@gmail.com

Vasco Maio (n. 1983) é um artista visual com atelier em Cacilhas. Desenvolve trabalho na área da pintura e desenho, com grande foco na pintura mural. Licenciado em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa e bacharelato em Pintura na mesma instituição.

José Pires

zzepires@gmail.com

Formado em Cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema, licenciado em Comunicação Social pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa e mestrado em Estudos Americanos (cinema e filosofia) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dá aulas de cinema, trabalha em publicidade, teatro e cinema.

Últimos projetos como realizador:

“Ensaio de Amor”, um documentário sobre o Grupo de Teatro da Crinabel (estreado no Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa, Doclisboa 2019) e “Guilherme Cossoul – O Conservatório da Esperança” (um documentário sobre a histórica colectividade da Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul).

Luiz Cruz

luiscruz@unidadegrafica.com

Cruz, nasceu no ano de 1971 em Almada. Estudou em Almada e começou a vida profissional em 1990 na direção de arte do Jornal Skateportugal.

De 1991 a 2004 foi designer gráfico nas seguintes agências: Artevisão, Young & Rubicam, @gência e, por fim, a Publicis. Para além de designer gráfico por conta de outrem, desde sempre desenvolveu trabalhos e projetos pessoais em várias áreas. Como freelancer e desde 2004 tem desenvolvido alguns projetos com Da weasel, Buraca Som Sistema, Orelha negra, Fogo-fogo, Octa push, Stereossauro, Caixa Geral de Depósitos, Ogilvy Design, Abundanza, Museu do Chiado, Museu Berardo, Cruz Vermelha, ANPC, ANA, Sanjo, CML, CMP, Converse, Vans, Skatedeluxe, entre outras.

Em 2006 apareceu o ensino, começou como formador na Etic e até aos dias de hoje tem desenvolvido formações em várias entidades de ensino, várias escolas do 1º ciclo do concelho de Almada, lisbonADschool, Gandaia schooling e workshops vários.

A Surge Skateboard Magazine é uma revista nacional de distribuição gratuita que nasceu em 2009 e já conta 46 edições impressas. Projeto desenvolvido com Pedro Raimundo e Sílvia Ferreira.

Vice-presidente da associação Zona Solta onde desenvolve varias ações pelo país, pelo sonho e vontade de apresentar soluções novas abriram a SLX Benedita - skate, learn and experience espaço destinado à pratica de skate e aprendizagem das criatividades inerentes (design, fotografia, video, etc)

José Grossinho

jmfgrossinho@gmail.com

Licenciado em Musicologia pela Universidade Nova de Lisboa, é profissional freelancer como Músico e Produtor em diferentes projetos. Diferentes competências: Bandolim, Guitarra, Direcção, Live Electronics, Produção Áudio, Edição de Partituras, Ensino Musical

Mariana Tegner Barros

marianatengner@gmail.com

Coreógrafa, bailarina, performer. O seu trabalho tem sido apresentado em diversos países na Europa e América do Sul, salientando "The Trap" (2011, Vencedor do Prémio do Público Jardin D'Europe-Áustria), "A Power Ballad" (2013) e "Resurrection" (2017) co-criações com o coreógrafo Mark Tompkins, "Instructions for the gods: i4gods" (2017), uma performance contínua de 5 h para museus em colaboração com o músico Pan.demi.CK e A Floresta Invisível, projecto continuado multidisciplinar focado na defesa das árvores anciãs. Colaborou com vários artistas em diferentes projectos enquanto bailarina, atriz e performer salientando Francisco Camacho, Meg Stuart, John Romão, Ballet Contemporâneo do Norte, Diana Bastos Niepce, Elizabete Francisca, Nuno Miguel, António Mv, Jonny Kadaver, Agnieszka Dmochowska, Raquel Castro, Retina Dance Company e Rafael Alvarez.

Licenciada em dança pela Northern School of Contemporary Dance em Leeds, Inglaterra (2003). Estagiou no Ballet Theatre Munich, sob a direção artística de Philip Taylor em Munique (2004). Membro fundador do colectivo artístico The Resistance Movement em Leeds (2005). Completou o Programa de Estudo e Criação Coreográfica-PEPCC no Fórum Dança em Lisboa (2009). Foi artista associada da EIRA entre 2013 e 2016. É diretora artística d'A BELA Associação. Integra a banda Kundalini XS e o projecto musical performativo Digital Pimp Hard at Work, ambos editados pela Gruta. Em 2016 recebeu o Galardão de Mérito Municipal Cultural pela Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão pelo seu percurso profissional.

João Pinto

pintovision@gmail.com

João Pinto (aka PTV), realizador, editor & manipulador de imagens: Conclui a escola superior de cinema em 1993. Com um percurso sempre ligado à imagem: Colaborou com inúmeros criadores na área da dança contemporânea, música, teatro e cinema: Promoveu as suas obras e assinou muitas criações vídeo originais. Realizou projectos de video-arte, documentários e videoclips; Pioneiro do vídeo jamming (VJ) desde 1996 até à actualidade. Participou em projectos educativos e inovadores de Arte nas escolas públicas: Projecto Respira (2009/10) Trabalhou em diversos projectos de desenvolvimento e inserção social com minorias, (Alkantara Festival e Fundação Calouste Gulbenkian 2008/11) Actualmente encontra-se a realizar um projecto de 4 curtas metragens de dança contemporânea filmadas em Viseu com dois estrangeiros lá residentes.

Filipa Francisco

filipafrancisco7@gmail.com

Filipa Francisco é coreógrafa e performer. Fez a sua licenciatura, na Escola Superior de Dança. Em Nova Iorque estudou com bolsa da Fundação Luso Americana e do Gabinete Relações Internacionais, do Ministério da Cultura, na Companhia de Dança Trisha Brown, no Lee Strasberg Institut e com o dramaturgo André Lepecki. Desenvolveu durante sete anos um trabalho de formação e criação com reclusos do Estabelecimento Prisional de Castelo Branco (Projecto Rexistir) com produção do CENTA (2000-2006). Em 2007 foi artista convidada do projeto de "Reinserção pela Arte" promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Centros Educativos. Em 2007/2008/2009 foi Diretora Artística de "Nu Kre bai bu onda," um projecto de formação em dança e criação, no bairro da Cova da Moura (produção ALKANTARA). Dentro deste projeto e com o grupo Wonderfull Kova M. criou "Íman", considerado pela crítica do jornal Público o melhor espectáculo do ano. Em 2011 estreou o espetáculo "A viagem" com o Grupo Folclórico dos Riachos, apresentado no Festival Materias Diversos. Desde há 9 anos que esta peça viaja, tendo já sido realizada com vários grupos folclóricos em Portugal, Brasil e País de Gales. Em 2019 coreografou a peça AQUI, para o Festival Todos, com um grupo de jovens do Nepal e Portugal, em parceria com o coreógrafo Bruno Cochat. Foi professora convidada: ESTAL, Escola Superior de Dança, Faculdade Motricidade Humana, Escola Superior de Teatro e Cinema e no Fórum Dança, no curso Dança na Comunidade.

Cláudia Vaz

cvaz02@gmail.com

Nasceu em Luanda, em 1973, é Prof. Aux. no ISCSP/UL, desde 2008, onde leciona em diferentes áreas científicas (Antropologia, Ciência Política, Relações Internacionais e Estratégia) e nos diversos ciclos (Lic, Mest. e Dout.). Nos últimos anos, tem-se especializado na área do planeamento estratégico do desenho de pesquisa.

Fez toda a sua formação em Antropologia, tendo desenvolvido diversos trabalhos científicos na área das identidades e culturas de crianças e jovens migrantes e descendentes de migrantes africanos. Para o mestrado e doutoramento, fez pesquisa etnográfica na Escola Básica de Santa Marta de Corroios e no Bairro do Alto da Cova da Moura, respetivamente. Tem vários artigos científicos, presenças em Congressos e colaborações nesta área do conhecimento. Como Coord. de projetos, as experiências mais significativas são a do Ponto de Partida –Experiências Educativas IN (INclusivas, IN[não]formais e INspiradoras) e a do Ser Mulher, em Português – projetos de advocacy, inclusivos e de desenvolvimento do potencial humano (orientados para as comunidades da CPLP).

Tem participado em vários projetos europeus, colaborado em projetos de metodologias participativas

(ambos com migrantes) e dado formação em cursos especializados internacionais. Nos últimos anos, recebeu formação em áreas como Effective Leadership, Coaching, Liderança e PNL, Contadores de Histórias e Workshop de Teatro. É, desde Março, Scientific Advisor do Global Council for Tolerance and Peace.

Manuela Pedroso

manuelapedroso@hotmail.com

É licenciada em Teatro/Formação de Atores e Encenadores pela Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. Frequentou o Curso de Monitores de Dança para a Comunidade organizado pelo Fórum Dança, em 1992/93. Formadora creditada pelo Conselho Científico Pedagógico da Formação Contínua, da Universidade do Minho.

Desde 1986 trabalha como atriz profissional em diversas companhias teatrais (Teatro Espaço, Teatro da Malaposta, Teatro do Século, Teatro Meridional, Casa Conveniente, entre outros), sendo dirigida pelos seguintes encenadores: Águeda Sena, José Martins, Figueira Cid, Rui Mendes, Mário Feliciano, Inês Câmara Pestana, Miguel Seabra, Layla Ripol, Mónica Calle, Inês Barahona e Giacomo Scalisi.

Ana Castro

anacp.anime@gmail.com

Licenciada em Engenharia Agronómica e Mestre em Energia e Bioenergia, pela FCT da Universidade Nova de Lisboa. É formadora e professora de AEC's para alunos do 1.º Ciclo, nas áreas de expressão plástica e ambiente e gestora de projetos na área da Educação Ambiental, Sustentabilidade e Cidadania ativa. Responsável técnica na área dos Espaços Verdes na APPACDM desde 2002 trabalhando na integração de pessoas com deficiência intelectual.

Maria Adelaide Paredes da Silva

adelaideparedessilva@gmail.com

Professora reformada, pertencente ao quadro da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto desde 1980, com Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Variante Estudos Portugueses e Franceses (UL-Faculdade de Letras). Curso de Especialização de Gestão e Administração Escolar - Universidade Nova de Lisboa. Diretora do Centro de Formação de Associação de Escolas Almada Ocidental – Proformar (1993 a 2008). Diretora do Centro de Formação de Associação de Escolas do Concelho de Almada-AlmadaForma (desde 2009 - 2017). Presidente da direção da Almada Mundo Associação Internacional de Educação Formação e Inovação (2017-2022). Coordenadora de Projetos Internacionais ERASMUS + (WIP- Work in Progress; SHARAD ; AIII IN - Action Long Life Learning – Inclusion; COSMUS Community School Museum;) Nacionais (CORRE MUNDOS - TransFormação Comunitária pela ART'Inclusão; Bairros Saudáveis - Inspiração + #StoriesThatMatter;) Locais (Almada a CresSER - Conhecer, Sensibilizar; Integrar; OLA - Observatório Liga Almada; Centro Cultural Fernão Mendes Pinto; #MãosàObra; BandLivros; Respirar; Juntos; Almada Com Vida;)

Teresa Pestana

teresapestana74@gmail.com

Assistente Social. Frequentou o curso de Serviço Social do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa. Pós-Graduada em Práticas Artísticas e Inclusão Social. É membro da Associação de Profissionais de Serviço Social. Entre 1997 e 1999 exerceu atividade como Assistente Social num Serviço de Psicologia

e Orientação de uma escola (EB Quinta de Marrocos) em Benfica, Lisboa Em março de 1999 entrou para a Divisão de Habitação da Câmara Municipal de Almada onde esteve até junho de 2015. Nestes 16 anos trabalhou com famílias residentes em habitação social, com famílias residentes em núcleos de habitação clandestina (precária) recenseados ao abrigo do Programa Especial de Realojamento (PER) de 1993, bem como com grupos de moradores por forma a dinamizar e fomentar a auto-organização dos mesmos. Em Junho de 2015 passou a exercer atividade como Assistente Social na Divisão de Ação Sociocultural. Passou a acompanhar a Rede Social (Conselho Local de Ação Social de Almada – CLASA), acompanhou a implementação do Plano de Desenvolvimento Social e começou a lançar bases para a elaboração do Diagnóstico Social. Acompanhou os projetos de intervenção comunitária que se começaram a delinear para o Município de Almada (CLDS – 3G e CLDS-4G, DLBC, PEDU, ODISSEIA, MEIO NO MEIO). Começou a acompanhar e a dinamizar as Associações de Moradores dos bairros existentes em territórios vulneráveis. Atualmente permanece a exercer atividade como Assistente Social, na recém-formada Divisão de Intervenção e Ação Social é coordenadora técnica do Núcleo de Planeamento e Intervenção da Pessoa em Situação de Sem-Abrigo (NPISA); monitoriza e acompanha os dois projetos PARTIS, atualmente, em implementação em Almada (Trampolim e Corre Mundos) faz acompanhamento aos projetos do PORTUGAL 2020 na área social (CLDS-4G e Programa Integrado de Intervenção com Pessoas em Situação de Sem-Abrigo; faz parte da equipa que acompanha as atividades de intervenção comunitária no âmbito do PRR Comunidades Desfavorecidas.

Lais Andrade

laisacandrade@gmail.com

Nasceu em 1997, no Espírito Santo, Brasil, e mudou-se para Portugal aos quatro anos. Em 2020, concluiu o Mestrado em Cinema pela Universidade da Beira Interior. Como projeto final, escreveu e realizou “Flor de Estufa” (2021), uma curta-metragem premiada, sobre uma mulher migrante que trabalha em plantações ilegais, baseada em histórias da sua comunidade. No final de 2021, também realizou a curta “Ganha-Pão” (2021) na residência Cineluso, em Bruxelas, sobre quatro histórias de pessoas migrantes. Está atualmente a trabalhar no seu próximo filme, baseado na sua própria experiência de migração na infância. Também trabalha como guionista, anotadora e assistente de realização.

Mavatiku Visi José (Mavá)

mavajose95@gmail.com

Nascido a 3 de junho de 1998, em Lisboa, residente no Bairro do 2º Torrão, na Trafaria. Membro da Associação Cajafolia desde a sua constituição. Tocou percussão na Banda “Vai de Caja”. Interpretou um papel na peça “Uma Tal Lisístrata” encenada pela Ana Nave, no teatro da Associação “Gandaia” da Costa de Caparica. Frequentou o 11º ano de Línguas e Humanidades na Escola Secundária Cacilhas-Tejo. Em 2016 foi selecionado para ingressar no projeto ODISSEIA da ARTEMREDE, tendo frequentado e participado nos processos de formação e criação artística. Foi selecionado para interpretar um papel no espetáculo “IN UP – OUT UP” dos La Furia dels Baus no Super Bock Super Rock em 2018. Realizou um Workshop com o Spider Salah. Participou num espetáculo “De Lira com Morna” encenado por Pascoal Furtado. Terminou o curso de Interpretação e Artes Circenses da Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espetáculo – Chapatô, em Lisboa, como aluno de mérito. Foi mediador intercultural do projeto MEIO NO MEIO da ARTEMREDE, tendo sido selecionado como ator no espetáculo MEIO NO MEIO com direção artística do Victor Hugo Pontes e texto de Joana Craveiro. Foi formador no projeto CORRE MUNDOS da Almada Mundo, com direção artística de Filipa Francisco. Atualmente desempenha funções como formador de dança do projeto ERA COMO UM FILME da ARTEMREDE com direção artística de Victor Hugo Pontes

Benedito José (Beny)

beny11@outlook.pt

Nasceu a 18 de janeiro de 2003 no Hospital Garcia da Orta, Almada. Crescido nos subúrbios da cidade de Lisboa até aos três anos, deambulou com a sua família em busca de um lar pela zona de Feijó e Trafaria acabando por se fixar até hoje no bairro clandestino do Segundo Torrão. Sem obter grandes sucessos no que realmente gostaria de fazer, foi aí que resolveu experimentar ateliês de música e teatro disponibilizados pela sua escola. Nessa ocasião, este descobriu a sua paixão oculta pelas artes cénicas e se inscreveu no projeto artístico e integração intergeracional "Meio no Meio" (2019) com o intuito desenvolver a sua performance em palco, experimentar coisas novas e de criar laços com pessoas de diferentes idades. Em 2021 não só conclui o secundário e deseja concorrer na Escola Superior de Teatro e Cinema, mas como estreou pela primeira vez em palco com a direção artística do coreógrafo Victor Hugo Pontes com o espetáculo "Meio no Meio" e a sua mais recente criação "Porque é infinito". Em 2022 participou no filme "Banzo" de Margarida Cardoso, no filme "Corpos Cintilantes" de Inês Teixeira ingressou no projeto "Corre-Mundos" com direção artística de Filipa Francisco e no "Era como um filme" com direção artística de Victor Hugo Pontes e textos de Joana Craveiro. Mais recentemente acabou por entrar na Escola Superior de Dança.

Paulo Pires

paulo.anime@gmail.com

Licenciado em Psicologia e com Mestrado em Psicologia Social e das Organizações é consultor e formador na área da Psicologia Social e comunitária, especializado em processos e metodologias colaborativas, projetos de intervenção e participação comunitária, gestão e avaliação de projetos, mudança organizacional, educação ambiental, empreendedorismo e inovação social, e gestão de crises. Tem desenvolvido a sua atividade profissional em diferentes contextos e organizações, acompanhado processos de candidatura e gestão de projetos autárquicos e de desenvolvimento comunitário, ambiental, artísticos e sociais, onde se podem destacar: Direção Social do projeto Corre Mundos Transformação Comunitária pela Art` Inclusiva (2022); Coordenação social do projeto Mãos à Obra (2020-2021); Responsável pela candidatura e supervisão do projeto CLDS4GSesimbra|Família (2019-2023); Responsável pelos projetos pilotos em psicologia ambiental HPM e HISE (2018-2019); Responsável pela definição da estratégia do Corredor Ecológico da Quinta do Conde (2015-2020); Direcção Executiva do Festival "PUNKARTE/09/10"; Direcção social do Projeto Inclusão Pela Arte (2005 e 2009).

CORRE SOMOS

MUNDOS NÓS

Corre Mundos somos nós. Cada um de nós, aqui, ali, além, na busca de conhecer, de fazer, de sonhar, de ser, em esperança e confiança. Envolvidos e comprometidos com a realidade, numa perspectiva humana, social e artística, partilhando olhares, experiências, sentidos, vozes, inquietações, questionamentos, caminhos...

Num tempo de vulnerabilidades e incertezas, torna-se fundamental o encontro, a proximidade, o diálogo, a consciência, a urgência de elevar o pensamento. A essência está em nós, no modo de ler e interpretar a realidade, de a pensar e refletir, sentir e agir, no sentido de potenciar a poesia da vida, criar fraternidade, na terra, acreditar, redescobrirmo-nos, na nossa casa comum, desafiando medos, vergonhas, discriminação, exclusão e indiferença.

Missão humana. Juntos a valorizar e a reconhecer, a acolher sentimentos e vontades, talentos e sensibilidades, a criar ambientes afetivos, redes interculturais e intergeracionais. A dar asas à curiosidade e à criatividade, ao desejo de ser com o outro, travessia, ponte, inscrição.

Missão redentora. Juntos a inspirar e resgatar histórias de vida, em processos de transformação pessoal e comunitária pela Art'Inclusiva. Com sabedoria.

Missão Amor. Juntos a fazer voar Corre Mundos, a ousar ensaiar voos, a reinventar caminhos seus, a iluminar o coração do mundo.

A g r a d e c i m e n t o s

Almada Mundo Associação congratula - se com a honra de ter como entidade parceira a Câmara Municipal de Almada, no âmbito do projeto Corre Mundos - TransformAção Comunitária pela Art' Inclusiva, candidato ao Programa PARTIS & Art for Change, que distinguem os melhores e mais inovadores projetos de inclusão social pela prática artística (artes visuais, performativas ou audiovisuais) financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação La Caixa.

Cumpre-nos agradecer a confiança dos Departamentos da Educação e Juventude (DEJ) e da Intervenção Social e Habitação (DISH). Cumpre-nos reconhecer a cooperação profícua e a assunção de responsabilidades solidárias pela cabal implementação do projeto Corre Mundos, que tem como objetivo geral: Promover a inclusão social de jovens migrantes e descendentes de migrantes e outros participantes, através do recurso às artes e à criação de ambientes interculturais potenciadores do desenvolvimento humano e do exercício de uma plena cidadania ativa.

Reiteramos os nossos agradecimentos ao poder local, representado pela Câmara Municipal e as Juntas de Freguesia do Concelho de Almada, reafirmando o incondicional apoio ao desenvolvimento do projeto Corre Mundos, cuja intervenção se pautou pela capacitação, inclusão social e emancipação, assim como pela valorização das potencialidades individuais e coletivas dos seus intervenientes.

Almada Mundo Associação agradece reconhecidamente o serviço prestado pelas entidades parceiras do projeto Corre Mundos - TransformAção Comunitária pela Art' Inclusiva, candidato ao Programa PARTIS & Art for Change, que distinguem os melhores e mais inovadores projetos de inclusão social pela prática artística (artes visuais, performativas ou audiovisuais) financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação La Caixa.

A estimada colaboração permitiu dinamizar e envidar esforços para estabelecer uma cooperação atuante e consciente da responsabilidade solidária da rede de parceiros comprometidos com a qualidade dos processos e resultados do projeto Corre Mundos.

Almada assume -se, desta forma, como uma cidade educadora e do conhecimento, com uma aposta clara no ensino, como pilar estratégico do desenvolvimento local, na aprendizagem e na formação ao longo da vida, pugnando por uma cidadania criativa, participativa e inclusiva, na defesa da igualdade de oportunidades e da inclusão social.

Pel' Almada Mundo Associação
Maria Adelaide Paredes da Silva

A todos os participantes Corre Mundos. Em especial a

Alessio Marcato, Ana Pitau, Alireza Beit Abdollahossein, Alla Konanova, Andrii, Andreia Bilé, Afonso Sousa, Afonso Carvalho, Aduilson Almeida, Astor Manuel, Admila Cardoso, Benedito José, Bárbara Acer, Beatriz Ferreira, Beatriz Dias, Bernardo Amador, Bea Ferreira, Bdjoy, Beatriz Teixeira, Catarina Gonçalves, Carolina Luciano, Carolina Falcão, Christian Sanchez, Cristian Androni, Carolina Luciano, Cleise Santos, Catarina Andrade, Diogo Bilé, Djjenabou Bahm, Diogo Rocha, Deise Vicente, Domingos Costa, Eunice Rodrigues, Flávia Santos, Filipa Carvalho, Fábio Soares, Fabinho, Fernando Chainço, Grecia Gomez, Goreti Mavá, Hernaldinha Fonseca, Hanna Srtiuchenko, Hélder Pina, Helder Ramos, Irina Sousa, Izabela Falcão, Iara Pimentel, Íris Gonçalves, Jessica Nascimento, Joceila Fortes, Jonelia José, Joelson Lima, João Pedro Teixeira, Jaqueline Spencer, Laís Andrade, Leonor Arrimar, Marie Luise Bigard, Monika Ludzik, Mariana Filipa Rocha, Madalena Sousa, Miriel, Mariana Tengner Barros, Mónica Duarte, Nidson Teixeira, Nádia Martinho, Natalia Corushu, Nelly Corushu, Nur Uddin, Oleksandr Liakh, Olena Kindraska, Patrícia Andrade, Rafaela Relvas, Sarvesh Kumar, Sara Ganço, Svetlana Gonta, Sidolfi Simão, Sergio Mariotti, Seru Siyuch, Solange Gomez, Tomás Silva, Walter Menezes, Yohana Vargas Contreras.

PROMOTOR:



PARCEIROS:



FINANCIADORES:



UMA INICIATIVA:



BR CORRE MUNDOS M



PROMOTOR:



FINANCIADORES:



UMA INICIATIVA:



ISBN 978-989-33-4096-7



TRANSFORMAÇÃO
COMUNITÁRIA
PELA ART INCLUSIVA